



Mark Spitz assombra nas olimpíadas



A AMÉRICA ARRANCA EM FORÇA

Mark Spitz subiu ao «podium» logo no primeiro dia das provas de Natação. Ontem foram duas, hoje há mais finais para ganhar, em sete que estão ao alcance da sua categoria de predestinado. Aqui o tempo ladoado pelos seus compatriotas Backhaus e Hall, igualmente vencedores das duas outras medalhas dos 200 metros Mariposa. Spitz, um atleta assombroso, tem 22 anos de idade, um metro e 86 de altura, pesa 77 quilos, não namora e é finalista do curso de Medicina Dentária. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

GUINÉ A SIMPATIA COMO ARMA DE GUERRA

Uma das características peculiares da guerra na Guiné: os contactos directos do comandante-chefe com o mato, na zona de operações. O enviado especial do DL, Avelino Rodrigues, acompanhou o general Spínola numa dessas viagens e pôde verificar a simpatia de que goza junto das populações. A segunda reportagem da série, que publicamos hoje, intitula-se justamente «A Simpatia Como Arma de Guerra». (O texto está nas páginas centrais)

HOJE: 32 PÁGINAS

TELEX DE NUNO VIEIRA, ENVIADO ESPECIAL DO "DL"

OS JOGOS, PLATAFORMA ELEITORAL

FRANKFURT — A chegada a esta cidade, porta da Alemanha para quem viaje de avião, e nesta altura porta também para os Jogos Olímpicos de Munique, o visitante tem o antegosto de um país que surpreendeu e surpreende ainda pelos mais variados motivos, o mais recente dos quais a sua capacidade de reconstrução.

A cidade de Frankfurt é efectivamente a amostra de uma nova Alemanha que surgiu, embora dividida, das cinzas da derrota em 1945. E os XX Jogos Olímpicos, iniciados no dia 26 na capital bávara, 36 anos depois da Olimpíada de Berlim, sob o regime nazi, durante a qual a vitória do «sprinter» negro americano Jesse Owens levou o racista Adolfo Hitler a abandonar a tribuna, numa manifestação de despeito, esses XX Jogos Olímpicos simbolizam o novo espírito alemão, em que o autoritarismo e o militarismo são substituídos pela cooperação democrática com as outras nações e a tentativa de harmonização das diversas tendências, ainda que conti-



O general Spínola distribuindo rádios



Brandt: os jogos da Ostpolitik

nuando a ter como pano de fundo uma capacidade técnica invejada pelas maiores potências.

Trinta e seis anos depois, apesar da hecatombe nazi e da derrocada na Segunda Guerra Mundial, a Alemanha reafirma-se nos Jogos de Munique, num ano crucial para a República Fede-

A América já vai à frente, logo após o segundo dia dos jogos, somando um total de oito medalhas, das quais três de ouro. A sua figura principal é Mark Spitz e graças a ele caíram no bolso americano as medalhas de 200 metros mariposa e da estafeta 4 vezes 100, mas há muita gente na constelação de 67 super-estrelas da nação, para alicerçar o domínio americano. (Noticiário pelo Telex do enviado especial Neves de Sousa em «DL/Desportos»).

RESUMO

1) Uma comissão da ONU vai recomendar um apelo aos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Portugal e África do Sul para concederem a independência a territórios estrangeiros; e a todas as nações para imporem sanções contra Portugal, África do Sul e Rodésia do Sul. A comissão dos 24 recomendou que a Grã-Bretanha e Portugal transferissem imediatamente poderes políticos para os habitantes da Rodésia do Sul, Moçambique, Angola e Guiné-Bissau, nos termos de um sistema de governo de maioria. 2) O presidente Salvador Allende levantou ontem o estado de emergência, proclamado há uma semana na província de Santiago, ao mesmo tempo que a mesma medida era decretada para a província de Bio-Bio, a fim de evitar perturbações durante uma greve programada para hoje. 3) Quatro navios da Sétima Esquadra americana fizeram no domingo um raid contra o porto de Haiphong metendo a pique duas vedetas norte-vietnamitas — anunciou o comando americano.

Continua na pág. 24

DI/GERAL

MATAS DEVORADAS PELO FOGO

EM BUCELAS

Na serra do Pícolo, em Bucelas, registou-se violento incêndio, que durante cerca de doze horas devorou grande quantidade de eucaliptos, pinheiros, sobreiros e matos, sendo os prejuízos muito elevados.

O fogo começou junto da ponte do Freixial e devido ao vento, propagou-se por uma vasta zona de caça, atingindo com mais intensidade a Quinta da Madame, assim conhecida por ser propriedade de uma senhora francesa.

Combateram o incêndio, que foi extinto a meio da noite, os Bombeiros Voluntários de Bucelas, Zambujal, Fanhões, Loures e Malveira.

ra, num total de 200 homens.

NA SERRA DO PIXARDO

A sete quilómetros de Ferreira do Zêzere, nas matas da serra do Pixardo, houve também um incêndio que, devido à intensidade do vento se propagou facilmente, pondo em perigo a povoação do mesmo nome. O fogo foi extinto de-

pois da meia-noite pelos Bombeiros Voluntários de Ferreira do Zêzere, auxiliados por muitos populares.

DOIS MORTOS NUM CHOQUE EM CABO RUIVO

Continua em estado grave Virgílio Fernandes Nunes, de 43 anos, solteiro, ajudante de vendedor, que ontem tinha sido transportado ao Hospital de S. José, vítima de um acidente de viação ocorrido à tarde na Rua da Cintura, em Cabo Ruiivo. No mesmo acidente ficaram gravemente feridos Luís Esteves Pereira Ubaldo, de 34 anos, ajudante de vendedor de uma fábrica de cervejas, casado, e Manuel Henriques, de 52 anos, também ajudante de vendedor, casado, os quais, transportados ao mesmo estabelecimento hospitalar, chegaram ali já sem vida.

É o resultado do choque de dois veículos pesados, um carregado de garrafas de cerveja, outro carregado de cimento.

DOIS MORTOS: UM DELES POR FALTA DE ASSIS- TÊNCIA

Próximo de Lagos, no sítio de Vale de Boi, deu-se ontem um acidente com um automóvel, em circunstâncias ainda não esclarecidas. O veículo, provavelmente despistado ao entrar numa curva, embateu contra uma árvore do que resultou a morte imediata de um dos cinco ocupantes, José Nunes Moreira, de 69 anos, pai do condutor do carro. As restantes vítimas foram transportadas para o hospital daquela cidade, onde não há médico de serviço permanente. Por esse motivo tiveram de ser transportados para o hospital de Portimão. Enquanto isso, ocorria a morte de Clementina da Conceição, de 39 anos. Os restantes ocupantes do veículo ficaram internados em estado grave.

QUINZE MILHÕES DE SELOS

Em comemoração do cinquentenário da 1.ª Viagem Aérea Lisboa-Rio de Janeiro, que ocorre este ano, o Ministério do Ultramar mandou emitir e pôr em circulação em todas as províncias de além-mar, a partir do dia 20 de Setembro,

selos postais num total de 15 milhões, assim distribuídos: Cabo Verde, 500.000 da taxa de 35\$0; Guiné, 2.000.000 de 1\$00; S. Tomé e Príncipe 100.000 de 2\$50; Angola, 8.000.000 de 1\$00; Moçambique, 4.000.000 de 1\$00; Macau, 300.000 de 5 patacas, e Timor 100.000 de 1\$00.

QUINTA-FEIRA NO CAMPO PEQUENO

DAMASO GONZALEZ PELA ÚLTIMA VEZ ESTA TEMPORADA

Pela última vez nesta temporada, os aficionados lisboetas vão ver o toureiro que conquistou uma posição de idolatria nos seus corações graças a uma portentosa honestidade, uma coragem à prova de cornadas e à sensibilidade à emotividade da sua arte.

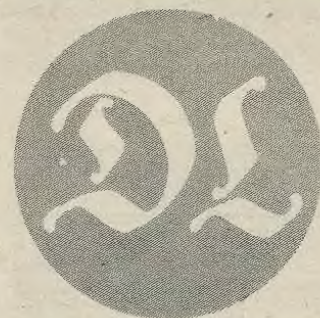
Falamos, evidentemente, de Damaso Gonzalez, sem dúvida a maior e mais apaixonante figura do toureio após a retirada do controverso Cordobés. Damaso Gonzalez, que foi o incontestável triunfador da temporada em todas as praças europeias e americanas, vem, certamente e como acontece sempre que aqui toureia, «meter os touros no bolso», sejam eles bravos ou mansos, difíceis ou nobres...

Nova e dura tarefa espera, pois, o nosso Mário Coelho — quem bandirilha melhor que o português na actualida-

de?... — que, verdade seja dita, foi o único alternante de «fenômeno» Damaso que não deixou eclipsar-se. Recordamos que o seu último confronto redundou num êxito para ambos, no decurso de uma das corridas mais brilhantes que vimos no Campo Pequeno no decurso desta temporada.

A corrida da próxima quinta-feira com touros de José da Silva Lico e da ganhadora Porto Alto num confronto de criadores que dão permanente nota de qualidade, marca nova reunião dos cavaleiros José Mestre Batista e de Luiz Miguel da Veiga, com os forçados/amadores de Santarém nas pegas.

Para os «fiéis» da corrida à portuguesa nada mais é necessário acrescentar para que nos seus espíritos se defina o cartel mais desejado e o que mais emoções promete...



Opinião

A ORIGEM COMO PECADO

O tema parece já excessivamente cansado, e não faltará quem diga que a insistência em retomar o resultado mais de uma intermitente necessidade de aliviar consciências do que uma legítima reacção a factos verificados. Na verdade, tirante alguns casos de política localizada, não se assiste hoje à afirmação sistemática da superioridade de uma raça em relação às outras. Dir-se-ia que após a «loucura hitleriana» (loucura muito consciente, convém não esquecer) o mundo ficou definitivamente curado de uma vergonhosa nódoa moral que permitira e justificara alguns dos mais repugnantes crimes da história da humanidade.

Contudo, a permanência de certos focos de racismo e a vontade de ressurgência que se manifesta em regiões onde ele amplamente lavrou, mostram que o mal se mantém em estado latente, à espera de condições propícias que o transformem em instrumento político de efeitos seguros. Não vem portanto fora do tempo o estudo do professor brasileiro de genética Francisco Salzano, que, após catorze anos de investigações baseadas em exames e testes psicológicos de três raças (brancos, negros e índios do Amazonas) pôde concluir: «Embora cada uma das raças tenha as suas características próprias, o facto é que nenhuma delas mostrou superioridade intelectual ou uma maior capacidade para desenvolvimento cultural».

Para muita gente, isto é já hoje uma evidência. A noção de raça torna-se cada vez mais fluida, e é cada vez mais difícil a classificação racial da humanidade. Essa dificuldade reside essencialmente na escolha dos critérios a que aquela deveria obedecer, no facto de haver actualmente pouquíssimas raças que possam considerar-se como relativamente puras e no carácter provisório da definição de uma determinada raça, pois as raças, como o próprio homem, prosseguem uma perpétua evolução. Não é ousado prever um tempo em que os ódios racistas não-de parecer realmente monstruosos, não humanos, um tempo que incluirá o nosso num longuíssimo período de barbárie caracterizado por intolerâncias várias, em que são exemplos mais flagrantes de um comportamento histórico geral a intolerância racial, a intolerância religiosa e a intolerância política.

Se não soubemos ainda eliminar completamente este «vício» moral, psicológico e político que pretende dividir a espécie humana em grupos, privilegiados uns, degradados outros, temos cada vez mais clara noção de que tal caminho conduziria a humanidade ao seu próprio suicídio, após um infinito de crimes. Que esta noção se generalize é tarefa dos cientistas que a fundamentam e da informação que a divulga. Os dirigentes nacionais-socialistas não recuaram diante de coisa alguma para impor aos olhos do povo alemão a imagem obsidante do tipo biológico ideal da raça alemã. Sem recorrer (evidentemente) a tão drásticos procedimentos, também não deveríamos deixar passar uma oportunidade sem insistir na unidade fundamental da espécie humana, no seu destino comum, para além de todas as diferenças tipológicas e culturais que a tornam fascinantemente múltipla.

Nesta história de raças e racismos, o que sobretudo importa não perder de vista é o seu carácter «a posteriori», isto é, o racismo apresenta-se como tentativa de justificação biológica de propósitos muito materiais de domínio... As estruturas ideológicas que à sombra desses propósitos se desenvolvem destinam-se a projectar emoções, a reavivar antigos e obscuros recalcamentos, a criar psicose de massas. E conseguem-no pela eliminação sistemática dos processos da razão e da inteligência.

Soluções espanholas

O III Plano de Desenvolvimento espanhol, ao referir-se à situação da indústria alimentar no país, salienta, entre outros aspectos, os problemas que se põem ao sector das conservas vegetais, derivados essencialmente da insuficiência de dimensões das empresas produtoras. Constituinte do dimensionamento adequado a base para se conseguir uma produção concorrencial e lucrativa, foi apontado como dimensão mínima para cada empresa um volume de vendas anual da ordem dos 100 milhões de pesetas. Ora, como as dimensões das empresas existentes são sensivelmente inferiores a este montante, o Plano propõe que se conceda ao sector todo o apoio e estímulo no sentido de promover a ampliação, concentração ou fusão de empresas. E fixa, como objectivos imediatos aconselháveis, os seguintes:

— Criação de cinco empresas com uma capacidade de tratamento de 80 000 toneladas cada uma;

— Agrupamento das restantes empresas até se conseguir nível de produção satisfatórios.

Soluções francesas

Mostrando-se o Governo francês cada vez mais interessado em que a indústria do país se equivoque convenientemente, o Ministério do Desenvolvimento Industrial e Científico encontrou uma fórmula de facilitar aos empresários interessados — na sua maioria, de pequenas e médias empresas — o acesso às máquinas-ferramentas e de fomentar a sua utilização.

Assim, os industriais passarão a poder servir-se, durante o prazo de dois anos, de máquinas que continuarão a pertencer ao construtor. Pelo seu lado, a Caisse Nationale des Marchés de l'État (CNME) financiará metade do custo das máquinas, sem cobrar juros, e emprestará, além disso, 40 por cento do preço do material ao industrial que o utiliza.

Terminados os dois anos, o industrial, caso esteja satisfeito, poderá adquirir a máquina, reembolsando a CNME da parte ainda não amortizada do preço de compra, ou, no caso contrário, devolvê-la ao fabricante que procurará novos interessados. Se a operação não resultar, a CNME recuperará parte do investimento e o construtor promoverá a venda do equipamento pelos seus próprios meios.

Custo de adaptações

Segundo um estudo dos serviços económicos da firma Mc Graw Hill Publications Co., para satisfazerem as normas anti-polluição, as empresas americanas deverão consagrar globalmente 22 760 milhões de dólares à adaptação das suas instalações.

Precisa o mesmo estudo que esta soma representa mais de 4,5 vezes o montante que as empresas prevêem despendem com este fim. Saliente-se, porém, que os investimentos programados para este ano em cumprimento das normas anti-polluição são já 5 vezes superiores aos efectuados em 1967 e representam uma progressão de 51 por cento relativamente a 1971.

As somas mais importantes serão as investidas pelas empresas públicas de electricidade (6190 milhões de dólares), seguindo-se-lhes as firmas ligadas à indústria do petróleo (2890 milhões), indústria de papel (1980 milhões) e indústrias (siderúrgicas (1780 milhões).

CARTA AO DIRECTOR

A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO PRIMÁRIO

Do sr. A. Melo de Carvalho, Responsável Nacional pela Educação Física no Ensino Primário a propósito de um nosso editorial, recebemos a seguinte carta, que publicamos na íntegra:

«Publicado pelo jornal que V. Ex.ª dirige, no seu número de 21 de Agosto p.p., na secção «DL» — Opinião, foram lidas algumas considerações que, quer pela sua actualidade e pertinência, quer pelas implicações que levantam, não poderão passar sem um comentário da parte do sector responsável pela acção que se tem estado a desenvolver no campo da Educação Física no Ensino Primário, pelo que solicitamos a publicação do presente escrito.

Não podemos, evidentemente, abordar todos os pontos levantados, pois que a clarificação exige uma explanação e um debate, provavelmente, não consentâneo com as possibilidades e os interesses do jornal de V. Ex.ª. Limitamo-nos, por isso, a comentar alguns dos pontos que nos parecem fundamentais, procurando dizer o que desejamos no mais limitado espaço.

Acontece, porém, que os problemas levantados são de grande complexidade exigindo, por isso, um tratamento mais demorado do que aquele que caracteriza uma crítica inicial, sempre mais cómoda de fazer, tanto mais que se exprime por pinceladas rápidas e superficiais sem entrar na pormenorização de ideias e conceitos (como, aliás é vocação da secção, se não errarmos...)

Procuraremos sistematizar o que pretendemos dizer em três grandes grupos:

- 1) problemas de natureza política;
- 2) problemas que advêm da ideologia educativa escolhida;
- 3) problemas pedagógicos e científicos da Educação Física;

Integramos no 1.º grupo todos aqueles elementos que nos parecem ultrapassar, em larga medida, o Sistema de Ensino, condicionando-o e sendo por ele também afectado, num processo de causalidade circular que, todavia, em nossa opinião é de âmbito bem mais restrito do que o habitualmente apregoado. À Escola cabe, sem dúvida, uma dada responsabilidade na transformação da prática social, mas para ela se exprimir objectivamente é indispensável que a Sociedade em que aquela se insere deseje transformar-se. Por outro lado, a alteração das condições de vida da criança portuguesa dependem de opções de base que não se confiam somente ao referido Sistema de Ensino, antes dizendo respeito ao conjunto de medidas que a Sociedade deverá tomar como organismo político global. Nesta perspectiva referimo-nos a tudo aquilo que diz respeito ao processo vital da criança — assistência médica e sanitária, vigilância alimentar e outros aspectos não referidos na vossa «Opinião», mas igualmente importantes e que deveriam constituir aspectos fundamentais de uma política de infância eficaz.

Assim o que está em causa, não é, de modo algum, só a Educação Física, mas sim toda a vida da criança de um modo geral e particularmente, a sua vida escolar. Se nos referirmos que todo o ensino assenta em bases precárias, o nosso acordo é total, e, nessa altura, o nosso convite será: vamos então aos verdadeiros «problemas de raiz». Acrescentaremos mais: até: só nesse momento será possível «tornar a educação física uma disciplina de aplicação contínua».

No segundo grupo de problemas, refere-se a intenção de dar à «ginástica nas suas várias modalidades», prioridade absoluta. Indetificamos o conceito «ginástica» com a prática real da ginástica sueca, dita educativa e correctiva, que assenta numa pedagogia autoritarista (de autoritarismo e não de autoridade, factor de primordial importância em todo o processo educativo, quanto a nós) e conservadora. De facto, toda a linha que se está actualmente a tentar implantar tem como raiz os conceitos fundamentais da pedagogia activa, que procura deixar um grande lugar à espontaneidade, à criatividade e à responsabilização da criança pelo próprio processo educativo, afastando-se, assim, da perspectiva de uma ginástica dita educativa que se situa numa visão pedagógica muito diferente da nossa.

O grupo dos problemas pedagógicos e científicos e, para nós, o mais difícil de abordar, visto que diz respeito exclusivamente à especialidade da Educação Física. Mas procuraremos referir, de forma não sofisticada, alguns problemas que nos parecem centrais:

1) — Como se sabe, o campo científico sofreu grandes transformações nos últimos decénios. Asseveram mesmo alguns cientistas que os conhecimentos científicos duplicam de 10 em 10 anos e o seu índice de evolução tende a aumentar exponencialmente. Acontece que

as ciências em que a acção educativa se apoia sofreram idêntica evolução o que, como é natural, provoca alterações profundas nesta (ver casos da aprendizagem da leitura, da escrita, do cálculo, da expressão musical e plástica, etc.).

Não é possível, porque errado científica e pedagogicamente, mantermo-nos imutavelmente preocupados com uma «ginástica educativa», cujas bases científicas foram completamente abaladas e que corresponde a determinadas necessidades educativas expressas em certas épocas e em função de determinados parâmetros socio culturais, hoje ultrapassados.

Por muito que a muitos custe, a Educação Física tem uma fundamentação científica que é tributária do nível dos conhecimentos da época. Para a poder criticar é indispensável conhecê-los suficientemente bem o que será difícil abordá-los com suficiente idoneidade.

2) — Os objectivos que devem caber à Educação Física no Ensino Primário não podem, de modo algum, continuar a ser os mesmos que eram expressos por aquela «ginástica educativa». De facto é indispensável que a contribuição que a deve dar ao desenvolvimento da criança não se limite à simples «actividade física» — no sentido do exclusivo aperfeiçoamento muscular-articular, nem em satisfazer simplesmente as «necessidades de movimento da criança».

De forma necessariamente muito sucinta, enunciamos os objectivos que, em nossa opinião deverão ser os da Educação Física no Ensino Primário:

a) problemas de saúde, mas entendendo esta num sentido muito mais lato do que lhe é habitualmente atribuído, dizendo respeito muito mais à higiene do trabalho escolar, ensino de uma higiene de vida ou aprendizagem de uma vida sadia;

b) problemas de desenvolvimento psicomotor da criança, na medida em que há já algum tempo que os cientistas (Piaget e Wallon, especialmente) se aperceberam que o desenvolvimento mental está intimamente relacionado com o processo de expressão motora da criança sendo, portanto, indispensável, assegurar aquilo que designamos por «domínio do próprio corpo», factor de importância decisiva no processo de aquisição das aprendizagens de base — ler, escrever e contar, e na capacidade expressiva de toda a personalidade infantil;

c) o significado da própria acção educativa da Escola Primária está em franca alteração. Na verdade esta já não pode limitar-se a fornecer um conjunto de conhecimentos utilizáveis para toda a vida do indivíduo, como tem acontecido até aqui. A sua acção é, agora, uma fase preparatória que se integra numa linha contínua de formação que deverá acompanhar, constantemente, o indivíduo. Nesta perspectiva, é indispensável substituir uma pedagogia do resultado escolar, que tem como objectivo fundamental a passagem no exame, por uma pedagogia do desenvolvimento, que tenha por preocupação central a criança tal como ela é, esforçando-se por desenvolver todo o potencial de recursos que transporta em si. A Educação Física não pode ficar alheia a todo este processo sendo antes, considerada por nós, como um dos aspectos fundamentais a que esta nova pedagogia deverá prestar atenção. Um dos objectivos da disciplina será, assim, o de contribuir para a formação profissional, futura da criança, integrando-se numa perspectiva de formação permanente;

d) para além da preocupação que caracteriza a acção da Escola em relação à futura formação profissional, esta tem de se preocupar agora com aquilo que está para além das aprendizagens utilizáveis praticamente nos ofícios e que recobre todos os sectores de vida da criança. Queremos referir aqui, toda uma formação no sector do tempo livre e que tem como objectivo fundamental impedir que o indivíduo venha a constituir-se como consumidor passivo de distrações, para se afirmar como cidadão interveniente em todo o processo cultural;

e) Referimos já a necessária transformação que deve sofrer a Educação Física em função dos novos conhecimentos científicos e das novas condições sociais. Mas a renovação desta disciplina tem que se subordinar também a um processo de democratização do ensino que está em pleno curso. Queremos com isto dizer que tudo aquilo que são processos que, pela sua complexidade e onerosidade, não são generalizáveis em função da situação actual, não têm para nós qualquer interesse. A Escola tem de se abrir não só a todos (o que está a acontecer, apesar de tudo, cada vez mais), mas tam-

abertura na cidade



Inaugurou a sua FILIAL DA ESTEFÂNIA

R. PASCOAL DE MELO, 83-C

PARQUE DE ESTACIONAMENTO AO DISPOR DOS SEUS CLIENTES

QUALIDADE EM MOBILIÁRIO AO RITMO DO PROGRESSO

JOSE OLAIO & CA (FILHO)

HARPER É INSUPERAVEL

Quando beija!
Quando luta!
Quando persegue!
Quando investiga!

Paul Newman é "Harper" DETETIVE PRIVADO

LAUREN JULIE ARTHUR JANET
BACALL HARRIS HILL LEIGH
ROBERT SHELLEY PAMELA
WAGNER WINTERS TIFFIN

Produced by JERRY GERSHWIN and ELLIOTT KASTNER
Screenplay by WILLIAM GOLDMAN Directed by JACK SMIGHT

TECHNICOLOR PANAVISION FROM WARNER BROS.

A PARTIR DE HOJE AS 21,30 NO MONUMENTAL

Grupo B/10 anos

DL/NACIONAL

INCÊNDIO DESTRÓI
OFICINA DE ESTOFOS

Na Rua Prof. Gomes Teixeira, 11-A aos Prazeres registou-se esta manhã um incêndio nas instalações de uma oficina de estofos. A proprietária viuva de Florindo Matos de Oliveira, encontrava-se no exercício do seu trabalho ajudada pelo irmão, encarregado da casa, sr. Gaspar Leone dos Santos e por um aprendiz da profissão que foi o causador involuntário da catástrofe. Alvaro Manuel Mar-

ques Marujo, na inconsciência dos seus 12 anos de idade, acendeu um fósforo que atirou descontroladamente no chão do andar de baixo da oficina onde se guarda o material de estofos. Depressa se ateou uma pequena chama e as línguas de fogo a pouco e pouco engrossadas, lambeiram a estopa em elevado estado de secura, e transformaram tudo em labaredas. Estas atingiram tal proporção que su-

biam as escadas e saíam pela porta da rua. A criança ainda tentou apagar as chamas com dois baldes de água mas viu-se impotente para o fazer. Entretanto o encarregado da oficina depois de ter pedido á porteira a inutilidade dos esforços despendidos para dominar o incêndio, telefonou aos Sapadores Bombeiros que enviaram o pessoal da 1.ª Companhia do Centro de Instrução de Recrut. As chamas destruíram quase todo o material de estofos da oficina.

A proprietária, desconsolada com o acontecimento declarou que ainda não tivera coragem de descer ao andar inferior para verificar o montante dos estragos. A oficina estava no Seguro.

ARROMBAMENTO SIMULADO
PARA FURTAR 20 CONTOS

Ontem, ao fim da tarde, o inquilino da Rua do Passadiço, 25-1.º, verificou, ao chegar a casa, que a porta da mesma apresentava sinais de ter sido forçada. Alarmado, correu para a gaveta do móvel onde guarda as suas economias e logo descobriu que lhe tinham desaparecido 20 contos em dinheiro.

Comunicado o roubo à Polícia Judiciária, compareceu no local o agente Lobão que, mal iniciou as investigações, se apercebeu que houvera simulacro de arrombamento. Informado que na citada residência, vi-

viam, além do inquilino, dois hóspedes deste — um menor e sua mãe — o agente tratou de os interrogar. Não tardou que o referido menor fosse, de contradição em contradição, ao encontro das suspeitas do agente, confessando o furto dos 20 contos e a simulação do arrombamento.

Contou, depois, que já gastara 500\$000 daquela quantia e que os restantes 19.500\$00 os ocultara debaixo de um arbusto no Jardim do Torel, onde foram encontrados e devolvidos ao dono.

ENG.
VAZ PINTO
INTERNADO

No Hospital Particular de Lisboa foi submetido a uma intervenção cirúrgica o eng. Vaz Pinto, presidente do Conselho de Administração da TAP.

A operação decorreu bem, encontrando-se o enfermo em franca recuperação.

AS MALAS "VOARAM"
DO INTERIOR DO CARRO

O sr. Júlio Laranjeiro Diniz, residente no Alto dos Gaios, em S. João do Estoril, arrumou o carro na Rua do Costa, em Alcântara e foi aos seus afazeres, deixando no interior duas malas contendo roupas, objectos de ouro e dois passaportes. Ao voltar ao local, o carro estava lá, mas as malas tinham desaparecido.

Suspeitando de alguns indivíduos que, desde a porta duma taberna ali existente, assistiram à manobra de arrumação do carro, o sr. Júlio Laranjeiro correu à esquadra de Alcântara onde não só participou o roubo de que fora vítima, como disse das suas suspeitas. Imediatamente dois agentes da PSP se puseram em campo, detendo um indivíduo de nome Rubens, de 43 anos e que diz ser padreiro.

CARRO
CONTRA VEDAÇÃO

Na auto-estrada do Estoril, perto de Linda-a-Pastora, um automóvel que circulava cerca do meio dia e trinta na direcção do Estoril, entrou em derrapagem, ultrapassou a pseudo separação de arbustos existente ao longo daquela via, e apanhou violentamente um Peugeot 404 que circulava em sentido contrário. Embora o carro causador do espectacular acidente (Fiat

128) tenha ficado com a parte da frente completamente destruída, o seu unico ocupante e proprietário, sr. José Santos Monteiro da Silva, nada sofreu, o mesmo acontecendo ao condutor do outro automóvel, sr. António Augusto Rosa, agente Técnico de engenharia, que vinha calmamente da praia acompanhado pela filha de 11 anos de idade.

Segundo apurámos, o despiste do Fiat ficou a dever-se ao facto do seu condutor, que vinha a grande velocidade, se ter apercebido tardiamente de um outro automóvel parado com um furo. Nessa altura meteu travões, perdendo de imediato o domínio do veículo.

DEFINIDA A COMPETÊNCIA
DOS SECRETÁRIOS DE ESTADO
DA INSTRUÇÃO E DA JUVENTUDE

Pela Presidência do Conselho foi publicado um despacho que designa os serviços compreendidos na Secretaria de Estado de Instrução Cultural e da Juventude e Desportos.

A Secretaria de Estado de Instrução e Cultura compreende os seguintes serviços:
Direcção-Geral do Ensino Básico.
Direcção-Geral do Ensino Secundário.
Direcção-Geral da Administração Escolar.
Direcção-Geral do Ensino Superior.
Direcção-Geral dos Assuntos Culturais.
Inspeção-Geral do Ensino Particular.
Instituto de Alta Cultura (fomento cultural).

A Secretaria de Estado da Juventude e Desportos compreende os seguintes serviços:

Secretariado para a Juventude.
Direcção-Geral da Educação Física e Desportos.
Instituto de Acção Social Escolar.

A competência própria dos Secretários de Estado nas suas Secretarias de Estado respeita ao expediente normal dos respectivos serviços, incluindo os assuntos escolares de natureza pedagógica, administrativa e disciplinar dos estabelecimentos de ensino deles dependentes e os assuntos de natureza cultural, circum-escolar e de acção social ligados ao funcionamento das

organismos deles incumbidos. São reservadas ao Ministro da Educação Nacional:

a) A definição da política geral do Ministério;
b) A superintendência na reforma do ensino;
c) A gestão dos serviços não compreendidos nas Secretarias de Estado;
d) O exercício da competência não abrangida no n.º 3 do presente despacho.

O ministro poderá evocar, para despacho seu, casos pendentes da competência dos Secretários de Estado e poderá delegar a estes a sua competência relativamente às matérias das alíneas c) e d) atrás mencionadas.

UM FERIDO EM ESTADO GRAVE
E IO A EVOLUIR BEM

Dos 29 feridos que ontem continuavam internados em vários hospitais do país, em consequência do despiste do autocarro em que seguiam para Abrantes, perto de Castelo de Bode, na noite de domingo passado, doze regressaram já às suas casas, depois de terem estado em observação durante um período aproximado de 24 horas.

Assim, os 13 feridos internados no hospital de Abrantes, conseguimos saber esta manhã que apenas João Caldas Charro, de 36 anos, jornalista e o motorista de autocarro, Francisco Martins Ramos precisavam ainda de cuidados hospitalares, continuando o primeiro ali internado, com ferimentos sem gravidade nas pernas e tendo o segundo sido transferido para

Lisboa, para o hospital de Santa Maria.

No hospital de S. José continuam internados um pequeno de cerca de 10 anos, ainda não identificado, com um traumatismo craniano, que se encontra na S. O. à espera de vaga de enfermaria. O estado da criança, que já foi operada, é considerado muito grave, estando António Afonso a «evoluir bem».

Os três feridos que deram entrada na Clínica de Nossa Senhora da Piedade, em Tomar, António Gomes Carrol, de 65 anos, José do Nascimento, de 51 e João da Costa Mogo, continuam a «reagir satisfatoriamente e o seu estado não é considerado grave».

Os quatro feridos hospitalizados no Entroncamento Maria Teodora Caldas, de 67 anos, natural de Alcaria, Covilhã (com

fractura de uma perna), Rosa Faustina, de 59 anos (fractura de costela), Maria Josefina Almeida Evangelista, de 22 anos, e Maria do Céu Martins Machado, de 23 anos (com uma fractura de omóclata) «estão a evoluir bem», encontrando-se à espera de transferência para o hospital da Covilhã ou para Lisboa conforme designação da companhia de seguros. A criança de 11 meses, Maria de Fátima, filha de Maria do Céu e Martins Jesus Gomes, não tem qualquer ferimento.

Dos seis feridos de Tomar, José Nunes Pinheiro Silveira, Américo de Jesus Gomes, Mari da Fátima, Maria Natividade Duarte de Matos e Maria Amélia Curto, nada conseguimos saber, não tendo sido possível contactar com aquele estabelecimento hospitalar.

TEATRO

ROMAGEM A SHAKESPEARELANDIA-I

Bons ares e bom teatro

Se você está em Londres e dispõe de tempo querirá certamente visitar Stratford-upon-Avon, lugar obrigatório sobretudo para os que acreditam em milagres. Esta Fátima do teatro (se a expressão não ofende os crentes de um e de outro lado) é todos os anos, de Abril a Dezembro, local de peregrinação visitado por milhares de turistas teatrosos e também por alguns teatrosos turistas. Dizem as estatísticas que há cerca de um século, Stratford era visitada anualmente por 6 000 pessoas que são agora qualquer coisa como 350 000. A julgar por estes números, não se pode dizer que o teatro esteja em crise, sobretudo se considerarmos o facto de mais de metade dos visitantes serem provenientes de cerca de 100 países.

Para ir a Stratford por caminho-de-ferro, utiliza-se o comboio que sai da estação de Paddington. Há depois uma mudança numa pequena estação cujo nome não consta dos meus apontamentos. Os comboios ingleses não são luxuosos nem sequer muito modernos. São, contudo, bastante melhor do que isso: são pontuais. Qualidade, para nós, preciosa.

Lugar de turismo por excelência, Stratford consegue o prodígio de manter a serenidade própria dos pequenos aglomerados que permanecem, à primeira vista, longe da civilização, que se distanciam (sabe-se lá como) do movimento prodígio e afluente que os estranhos lhes conferem. Aliás, os próprios turistas se apercebem aparentemente dessa peculiaridade da atmosfera local (calma e descontração) de tal forma que não se nota discrepância entre um contexto com determinadas características. Um imenso relvado e um pequeno lago, além do rio, em frente do teatro de Shakespeare ajudam a conservar o equilíbrio. Os jovens, que são a maioria, entregam-se, como em Londres, às delícias de um sol agradável. Autocarros chegam com mais turistas, cada vez mais turistas, há em tudo isto um ar de domingo de aldeia, com piqueniques à sombra, não há gritos nem pressas.

É claro que a cidadezinha está virada para o culto (comercial) do poeta e dramaturgo. Corremos as pequenas ruas onde são conservados em perfeito estado casas com tectos de colmo construídas há centenas de anos e que ainda hoje nos maravilham pelo seu equilíbrio, pelo carácter das suas linhas arquitectónicas ao mesmo tempo puras e imaginativas.

Corremos os vários sítios que os guias indicam como indispensáveis numa visita a Stratford mas o que aqui mais nos

impressiona é o próprio conjunto. Metemos o nariz na casa onde Shakespeare nasceu (se admitirmos que existiu, o que parece fora de dúvidas); a casa de Anne Hathaway, mulher do poeta e cuja visita foi pretexto para um passeio a pé de alguns quilómetros por entre pequenas casas e campos verdes sem fim; a moderna biblioteca; e outros locais.

Para quem gostar simultaneamente de sossego e de bom teatro, Stratford é realmente o sítio

O Festival de Shakespeare é preenchido por interpretações da Royal Shakespeare Company, dirigida por Peggy Ashcroft, Peter Brook, Peter Hall, Trevor Nunn (director artístico) e Peter Darbeny (assistente). O festival deste ano foi dominado pela apresentação do chamado Círculo Romano que compreende os seguintes textos: «Coriolanus», «Julius Caesar», «Antony and Cleopatra» e «Titus Andronicus». Foi a primeira

vez que estas peças, independentes como se sabe, foram agrupadas numa sequência histórica. Como se escreve no programa, estas peças mostram o nascimento, o auge e o colapso de uma civilização, a civilização romana.

Tive oportunidade de assistir — na mesma tarde — aos dois primeiros espectáculos: quase sete horas de Shakespeare sem um momento de cansaço. Teatro praticamente cheio na primeira peça — «Coriolanus» — e completamente cheio na segunda. Ocupados os lugares sentados e muitas pessoas de pé. Aliás, só o nome do «Diário de Lisboa» nos permitiu o seguimento de lugares por intermédio da respectiva funcionalidade do «press office». Tornase, pois, necessário marcar bilhetes com antecedência e ter em conta que esses bilhetes são caros: qualquer coisa como 2 libras, duas libras e meia (à volta de 150\$00 a 200\$00).

Grande percentagem de gente nova — muito nova mesmo — pois não é por acaso que se diz que os ingleses bebem Shakespeare com o leite. Público excelente seguindo o espectáculo com o máximo de atenção. Aplausos normais. Ver aqui teatro tem uma significação linear: trata-se somente de ver teatro. Os aspectos exte-

riores — o snobismo da maneira de vestir, o pretexto para o encontro com os amigos, a contretização de um dever social-cultural — não interessam aqui. Pelo menos à primeira vista.



A casa onde Shakespeare nasceu

Voe com vantagem
ganhe Madrid na sua viagem
à América do Sul

Pode voar para a América do Sul com muitas companhias... Mas porque há-de resignar-se a perder as vantagens dos voos especiais da IBERIA?

Voar com a IBERIA para a América do Sul, significa ganhar uns dias ou umas horas em Madrid, com tudo o que isso significa. Oferecemos-lhe um dos melhores museus do mundo, o encanto dos «tablao» de flamenco, a grandiosidade do Escorial, Ávila e Toledo. Oferecemos-lhe em suma as noites e os dias de

uma cidade cosmopolita e internacional. A IBERIA supere-lhe uma viagem de negócios descaçada e um bom negócio na sua viagem de descanso. E uma dias em Madrid, pagam-se sempre com agrado. A IBERIA propõe-lhe Madrid como prelúdio da sua viagem à América do Sul.

Voar com a IBERIA dá-lhe vantagem! Consulte o seu agente de viagens ou a

IBERIA
LINEAS AEREAS INTERNACIONALES DE ESPAÑA

Lisboa, Rua Barata Salgueiro, 28-G - Tel. 539571 - Porto, Av. dos Aliados, 9-4, Sala V - Tel. 390658

A FEIRA POPULAR
de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

RECINTO DE DIVERSÃO, MANTÉM O TÍTULO DO MAIS ALEGRE PONTO DE LISBOA

BOA MESA — ALEGRES DIVERTIMENTOS
GRANDIOSOS PAVILHÕES E LINDOS STÂNDS
PARA TODOS OS GOSTOS

PARA TODAS AS IDADES
PARA TODAS AS BOLSAS
ABERTURA ÀS 19 HORAS

DI / ESPECTACULOS

PAUL SCHILHAWSKY NOS CURSOS MUSICAIS DA COSTA DO SOL

As aulas de «Lied» nos Cursos Musicais Internacionais de Férias da Costa do Sol atraem habitualmente grande número de artistas. Com efeito, é Paul Von Schilhawsky, do «Mozarteum», de Salzburgo, que, mais uma vez, vem ao nosso País para dirigir uma das mais concorridas classes dos referidos Cursos. Mas ele também ensina ópera alemã e acompanhamento. O mestre de Salzburgo já se habituou, ao longo de oito anos, aos seus alunos, muitos deles oriundos dos lugares mais longínquos do Mundo e

que com ele se encontram uma vez por ano em Cascais.

Paul Schilhawsky nasceu em Salzburgo, em 1919. Tirou os cursos de piano e direcção de orquestra no «Mozarteum», onde hoje rege classes de piano e interpretação de ópera e «Lied». Tem percorrido, com grande êxito, as principais cidades da Europa, tocando em recitais e com orquestra, sob a regência de eminentes maestros. Paul Von Schilhawsky já leccionou no nosso Conservatório, durante alguns anos, e realizou em Portugal recitais e concertos, apresentando-se com orquestra, sob a direcção de Ivo Cruz.

LIONS CLUBE DE LISBOA

Na Casa do Leão, no Castelo de S. Jorge, realizou-se a habitual reunião do Lions Clube de Lisboa, a que presidiu o dr. Nuno Botelho de Medeiros e durante a qual foram analisadas as actividades daquele organismo e vários projectos em vias de execução.

MONUMENTAL
HOJE: 2 SÉSSOES 20.45 E 23 HORAS
Grupo D — M 18 anos
VASCO MORGADO
RAUL SOLNADO
NA GRANDE REVISTA POPULAR
P'RA FRENTE LISBOA!
FLORBELA QUEIROZ
• IRENE ISIDRO •
• JOSÉ DE CASTRO •
LINDA SILVA
E a fadista Ana Rosmaninho
JULIO CESAR • VICTOR MANUEL
PICCADILLY STARS BALLET
3.º MÉS.
Mais de 60 figurantes em cena

PROSSEGUE O CONCURSO DA "UNICA"

Já foram apresentados, no decorrer do 34.º Concurso da União Internacional de Cinema de Amadores, os filmes da Alemanha Ocidental da Espanha, da Áustria, da Bélgica, da África do Sul, da Holanda e da Itália. O maior êxito (fartos aplausos do público) foi para a Espanha, tendo, ainda, sido muito apreciados os filmes da Alemanha. As maiores decepções: os filmes da Áustria (depois dos clássicos) e os da África do Sul (ausência de conteúdo artístico).

Ontem à noite foram apresentados as películas polacas e suecas. Já foi realizado um «forum» sob o tema «Os Jovens e o Cinema».

AGUARDENTE VELHA
Niepoort
a prova está na prova

UMA BOA ESCOLA EM PLENA BAIXA,
COM PISCINA E CAMPOS DE JOGOS,
NECESSITARÁ DE PUBLICIDADE ?
EVIDENTEMENTE QUE NÃO !

A finalidade deste anúncio é unicamente lembrar que as matrículas para o CICLO PREPARATÓRIO, CURSO GERAL DE COMÉRCIO E CURSO DE APERFEIÇOAMENTO (nocturno) continuam abertas.

Informações na Rua das Portas de Santo Antão, 110 (junto ao Coliseu) ou pelos telefones 320807 e 328501 das 14 às 17 e das 20 às 23 horas.

ATENEU COMERCIAL DE LISBOA

ARANJUEZ, MON AMOUR...

Também na música há padrões de consumo corrente. Trata-se de produtos fabricados em série, segundo critérios comerciais de ocasião. A máquina radiofónica e televisiva encarrega-se de os colocar no mercado. A publicidade manipula o gosto do público, convence-o de que a música deste mês «lava mais branco» que a do mês passado. De mãos dadas com a literatura de cordel, a música de cordel prossegue a sua obra de degradação da sensibilidade e da inteligência humanas. Quem aproveita com isso? Sabemos que não são só as empresas que embolsam. E todo o sistema, as classes que ele serve e que procuram a todo o custo retardar o mais possível certas transformações. Ora a inteligência e a sensibilidade são adversários de respeito do Reino Cadaveroso ou Reino da Estupididade, de que falava António Sérgio. E realmente «perigosos» haver muita gente a conhecer, compreender e amar um Quarteto de Beethoven. Quando traçou o programa político da pacificação dos povos que contava submeter ao seu domínio, Hitler foi bastante claro ao lançar

a palavra de ordem: «Música e mais música... mas ligeira.

Agora está em moda aligeirar os clássicos. Trata-se duma escalada (como no Vietnam): primeiro, evita-se que as pessoas os ouçam; depois, faz-se por que percam a vontade de ouvi-los. Há o perigo de as pessoas se sentirem atraídas por um ou outro tema mais cantante duma obra célebre (que ouviram por acaso num programa do Bernstein), procurarem conhecê-la melhor e acabem por se familiarizar com ela. Não convém que isso aconteça. Então, pega-se no tema, limam-se-lhe as arestas, adiciona-se-lhe um ritmo de bateria e fabrica-se uma banalidade. E com esta que o público se familiariza e desta que ele se cansa, quando, no mês seguinte, lhe acenam com outra. O Eça, em fotonovelas: um equivalente literário do que está a fazer no domínio da música. Num dos últimos concertos do Festival de Sintra houve uma desusada afluência de público. A sala do Teatro Carlos Manuel estava mesmo à cunha. Que é que atraiu tal multidão? A Heróica, de

Beethoven, o Rienzi, de Wagner? Mas não: ia tudo ao cheiro da música ligeira. Queriam ouvir o concerto de Arajuez de Joaquim Rodrigo. Simplesmente, nem o solista era o Richard Anthony, nem a orquestra era a de Paul Mauriat, nem o concerto de Arajuez era apenas o tema do adagio utilizado na canção Arajuez, mon amour (From Arajuez with love também serve). E que grande sacrifício ter de ouvir primeiro toda a Sinfonia Heróica, pela Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida por Frederico de Freitas (para nós também foi sacrifício, mas por outras razões, evidentemente...!)

Voltando «a terras de Espanha», as reacções do público de que nos apercebemos foram: achar que o primeiro andamento do concerto de Arajuez estava a mais e não fazia falta; achar que o segundo andamento tinha notas a mais, que também não faziam falta; achar que o terceiro andamento estava mais que a mais e, por maioria de razão, fazia ainda menos falta. A cançoneta e o Anthony é que faziam falta. Quanto a nós, também

Crítica de
**MÁRIO VIEIRA
DE CARVALHO**

saímos a pensar que o concerto de Arajuez não faz falta: achar que o segundo andamento tinha notas a mais, que também não faziam falta; achar que o terceiro andamento estava mais que a mais e, por maioria de razão, fazia ainda menos falta. A cançoneta e o Anthony é que faziam falta.

Quanto a nós, também

FESTIVAL DE EDIMBURGO

EDINBURGO — No fim de Agosto e princípios de Setembro realiza-se o vigésimo-sexto Festival Internacional de Música e das Artes de Edimburgo. A «ópera» de Dusseldorf apresentará-se no certame com «Os Soldados» de Alois Zimmermann e «Representação de Corpo e Alma» de Cavalieri.

O «Teatro Massimo» de Palermo participará com três óperas: «Attila» de Verdi, «A Estrangeira» de Bellini e «Isabel, Rainha de Inglaterra» de Rossini.

A «ópera» de Escócia cantará por sua vez «As Troianas» de Berlioz, com Janet Baker e Helga Dernesch à frente do elenco.

KARAJAN NO FESTIVAL DE MÚSICA DE LUCERNA

BERNA — Pela trigésima quarta vez realizam-se na Suíça «As Semanas Internacionais de Música de Lucerna». Entre os participantes encontram-se Karajan e a Orquestra Filarmónica de Berlim, Rafael Kubelik, Eugen Jochum e Bernard Haitink, Rubinstein, Wolfgang Schneiderhan, Jean-Pierre Rampal e Pierre Fournier.

Haverá cerca de quinze concertos e representações teatrais, entre as quais a estreia da peça do checoslovaco Pavel Kohout «Um Tal Amor».

HOMENAGEM AOS BANHEIROS SALVADORES

Em cerimónia promovida pela Companhia de Seguros Império, vão ser homenageados no domingo, em Carcavelos, os nadadores-salvadores de todo o País, que ao longo do ano têm salvo de morrer afogadas centenas de pessoas. Foi convidado o ministro da Marinha.

À ATENÇÃO DO LEITOR

A crítica de

LAURO ANTÔNIO

TÍTULO: PONTO CRÍTICO (PRESSURE POINT)
REALIZAÇÃO: Hubert Cornfield, 1962 (EUA)
INTERPRETES: Sydney Poitier, Bobby Darin, Peter Falk, Carl Benton Reid, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Distribuidores Reunidos
ESTREIA: Cinema Monumental (22.8.1972)

TÍTULO: A VOLTA DE JESSE JAMES (THE GREAT NORTHFIELD MINNESOTA RAID)
REALIZAÇÃO: Philip Kaufman, 1972 (EUA)
INTERPRETES: Cliff Robertson, Robert Duvall, Luke Askew, R. G. Armstrong, Dana Elgar, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Filmes Lusomundo
ESTREIA: Cinema Mundial (23.8.1972)

TÍTULO: DJAMILIA (DJAMILIA)
REALIZAÇÃO: Irina Poplavskaja, 1970 (URSS)
INTERPRETES: Natalia Arinbassara, Souyemkoul Tchokmory, Nasredine Doubaichev, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Filmes Lusomundo
ESTREIA: Cinema Borna e continuação de estreia Apolo 70 (24.8.1972)

Três filmes importantes, desigualmente importantes, mas de visão aconselhável, estreiam-se ultimamente em Lisboa. Primeiramente haverá que falar de Djamilia, filme de Irina Poplavskaja, cineasta soviética, que adapta um romance de Aïmatov com rara felicidade. Raras são as oportunidades em que a adaptação cinematográfica de uma obra literária merece os aplausos incondicionais do público. No caso de Djamilia, nada de mais justo.

O romance de Aïmatov pertence a um ciclo regionalista que nos fala da vida quotidiana no Kirghizia, um Estado soviético, durante a Segunda Guerra Mundial. Os homens combatem na frente, as mulheres, as crianças, os velhos e os feridos lutam na retaguarda pelos alimentos que mantêm de pé uma nação. Djamilia trabalha no campo e transporta cereais para os grandes depósitos que os redistribuem para a frente. Como companheiro de trabalho, Danar. Como testemunha e secretário amor, um mudo, Seit. Djamilia, casada contra vontade com um homem que depois a deixa, quando parte para a guerra, cai fulminada pela voz e pela delicadeza de Danar. Seit, apercebendo-se da fuga da mulher do irmão, descobre a sua própria paixão, e, através dela, ascende a uma maturidade que os seus poucos anos não anunciavam ainda. O esquema é particularmente simples. Um fio de acção (quase inexistente) leva-nos a dar importância sobretudo ao que se descobre, iniciado, sobretudo ao que se intui, escondido dentro de cada um. Aí reside a verdadeira grandeza deste filme, desta interiorização inesquecível de uma história de amor que cheira a terra e sabe a homens. Uma poesia fecunda e vigorosa nasce das imagens e cresce nos protagonistas, invadindo a passagem, indomável como o galope do cavalo, indomável como o desejo que se sente através toda a película, que se sente sempre latente e nunca expresso. Um clipe, um erotismo púdico, discreto, um erotismo humana dada em tons claros, simples, espontâneos. Uma câmara móvel acompanhando Djamilia correndo por entre um campo de trigo. Uma câmara atenta, discreta,

púdica não será demais insistir: uma câmara púdica, um olhar carregado de mistério, mas um olhar puro. Com Djamilia descobre-se um cinema russo que recusa toda e qualquer forma de prepotência dogmática, toda e qualquer forma de demagogia. Um filme que se inscreve nas correntes de uma autêntica modernidade de escrita, uma modernidade que se sente imposta pela própria necessidade íntima da obra, nunca resultado de uma imposição exterior (como acontece, tantas e tantas vezes, no cinema ocidental, onde se experimenta para estar onde está a moda...). Por tudo isto, um filme que recomendamos abertamente, uma película que julgamos indispensável no panorama cinematográfico de 1972, em Lisboa.

Para além de Djamilia, duas outras (estas de origem americana, divididas por dez anos de intervalo) merecem a atenção do público. Falamos agora de Ponto Crítico uma produção de Stanley Kramer, dirigida por Hubert Cornfield, com argumento do próprio Cornfield e de S. Lee Pogostin, segundo romance de Robert Lindner. Filme, bastante desequilibrado e com algumas sequências honrrificas, vale como testemunho corajoso de um homem que, após a estreia desta película, não mais conseguiu realizar outra no território dos E.U.A.. Coincidência ou não, a verdade é que Ponto Crítico (também entre nós, só em 1972 ela foi possível estrear, dez anos depois de realizada) é um documento lúcido. Sidney Poitier, director de uma clínica de psiquiatria, conta a um colega (que pretende desistir de um caso que tem entre mãos), um outro que ele próprio protagonizara anos antes, precisamente em 1942. Era então psiquiatra de serviço numa prisão estatal, e um detido por actividades subversivas (atentados nazis ao Governo de Roosevelt) aparece-lhe no seu consultório. Mais do que uma investigação psicanalítica, as conversas e os confrontos entre Poitier e Bobby Darin (o activista nazi) explicam e documentam algumas das actividades do nazismo na América, antes dos E.U.A. entrarem na Grande Guerra. O mecanismo da exploração da demagogia é analisado com certa coragem e este parece-nos o aspecto mais interessante de um filme que vale sobretudo como testemunho. Por outro lado, todas as explicações «psicológicas» da agressividade do nazi se nos afiguram muito fáceis e profundamente banaais (infância infeliz, pai alcoólico, mãe incapaz de um gesto de coragem, trabalho num talho, etc.). De referir ainda, porque normalmente, nos últimos anos, esses actores não nos têm merecido palavras de grande apreço, o trabalho de Bobby Darin, Sidney Poitier e Peter Falk (este último num pequeno papel, mas de uma verdadeiramente notável). Finalmente A Volta de Jesse James, do que se julga estreia de Philip Kaufman no filme de fundo. Um excelente argumento, com muitas sugestões políticas e satíricas à actividade dos irmãos James (Jesse e Frank) e dos irmãos Younger (Cole e Jim), figuras

lendárias do Oeste ianque, que aqui nos são apresentados como faras-da-lhe justicieiros sobretudo no que se refere a Cole Younger, já que Jesse James se nos mostra quase como um atrasado mental, dado a ataques violentos, «visões», atitudes desencontradas, etc... Por outro lado, Cole Younger (interpretado por Cliff Robertson, que também produziu a fita, o que só lhe fica bem, pois demonstra que sabe como empatar os seus capitais) surge-nos como cérebro da quadrilha, um homem extremamente engenhoso, justiciero e pouco dado a violências. Por detrás do retrato em bonomia deste grupo, uma sociedade em transformações, já intrinsecamente viciada por regras e processos que depois a iriam marcar profundamente. Cole Younger dirá mesmo que o desporto nacional é (e será) a caça ao homem, enquanto assiste a um movimento e violentíssimo encontro de baseball. Depois, a perseguição movida ao grupo de Jesse James não é impulsionada por nenhuns outros motivos que não seja cumprimento da vingança da companhia de caminhos-de-ferro, posta a muito em causa pelas actividades daqueles pistoleiros. E a vingança é de tal forma rancosa que vai ao ponto de atingir o suborno (o presidente do Congresso de Illinois e subornado para retirar de discussão uma proposta de amnistia ao grupo, para que este pudesse continuar a ser perseguido impunemente). Para além destas alusões directas (que não atingem só o Oeste selvagem), A Volta de Jesse James reconstitui, com grande rigor, uma época da história dos E.U.A., e da vida nalgumas pequenas cidades (como por exemplo Northfield, cidade cujo banco Jesse James pretende atacar mas que, primeiramente, Cole Younger tem de ajudar a encher, pois os habitantes da cidade nutriam uma pesada desconfiança para com o seu banco...).

Com excelentes desempenhos da grande maioria dos actores, donde se destacam Cliff Robertson e Robert Duvall, A Volta de Jesse James merece igualmente a visita do espectador lisboeta. Cremos mesmo que, com estes três filmes (e a reposição de A Solteira e o Atravido, de Richard Quine), temos tudo o que de visível Lisboa presente-mente ostenta. O que, apesar de tudo, e da presumível canícula, é pouco, muito pouco mesmo.

LOUCEIRO NO MÉXICO

FRESNILLO (MÉXICO) — Teve um excelente triunfo nesta praça o rejuvenecedor português Pedro Louceiro. Com a praça cheia foram lidos seis toiros. Louceiro, que abriu a corrida, fez um touro de mestre, que lhe valeu cortar duas orelhas, o rabo, e duas voltas à praça com saída em ombros.

Escova com
ESPUMA
flexy
B.B.M.G., L.D.A.
TEL. 342721
RUA BOA VISTA - LISBOA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Joaquim Fernandes Coimbra e Sobrinho, Suc., VILA NOVA DE POIARES

DI / ESPECTACULOS

show

Artur Garcia e Gina Maria actuam no próximo dia 10 de Setembro num Festival Luso-Brasileiro organizado pelo programa «Caravela da Saudade», da TV Tupi de S. Paulo. O festival é transmitido por todos os canais dessa rede de televisão.

«Isadora» revive, uma vez mais, na tela. Quem quiser matar saudades pode vê-la (ou a Vanessa Redgrave, se preferirem) no Império, na próxima quarta-feira clássica.

«Os Modestos», o conhecido grupo nortenho de Teatro Amador, home-

nageiam no próximo sábado o seu sócio honorário, sr. Sebastião Ferreira Mendes. Do programa consta a exibição da peça que constitui a coroa de glória do grupo: «Histórias para serem contadas», de Osvaldo Dragun.

José Viana, que abandonou a revista por uns tempos para se dedicar à comédia (ele e sua mulher, Dora Leal), após oito ou nove anos de ausência do Teatro declamado, vai estar dentro de dias frente ao público. Por outras palavras, estreia-se muito em breve «Sua Excelência, o Pendura», no Villaret.

Falando, ainda, de «Sua Excelência»; O Pendura» A direcção de cena pertence a Paulo Renato e os cenários são de Octávio Clérigo.

Os participantes no 34.º Concurso e 31.º

Congresso da UNICA estão de passeio hoje. Durante todo o dia, percorrendo a linha, visitam a Torre de Belém, o Museu dos Cocher e os Jerónimos, estarão an Arrábida e em Setúbal (prova de vinhos e recepção), passarão por Salvaterra (espectáculo de folclore e uma tenta) e regressam ao Estoril às 20 horas.



Dora Leal

há alguma novidade?

Há, sim senhor. As ventoinhas NATIONAL, de características absolutamente revolucionárias.

A mais completa gama de ventoinhas garantidas por 2 anos. Paragem automática - Protecção completamente fechada para uma segurança absoluta - Oscilação dupla - Luz nocturna - Comando redutor de velocidade - Regulador automático de tempo. A NATIONAL mais uma vez, põe ao seu dispor muitos anos de experiência e os seus vastos conhecimentos em electrónica, para lhe proporcionar o melhor ambiente e a maior frescura.

2 anos de garantia
NATIONAL

sonipol
LISBOA-PORTO



DL/GERAL



Aspecto da mesa-redonda promovida pelo Banco Espírito Santo Comercial de Lisboa.

PROBLEMAS CAMBIAIS E DO SISTEMA MONETÁRIO INTERNACIONAL- TEMAS DE UMA MESA REDONDA-PROMOVIDA PELO BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

O Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa promoveu, no Hotel Ritz, uma mesa-redonda em que foram analisados os problemas cambiais e do sistema monetário internacional.

Nas sessões de trabalho, que duraram dois dias e reuniram destacadas personalidades dos meios comercial e financeiro do nosso País e do estrangeiro, foram apreciados um largo espectro de temas económicos de base e a análise da política empresarial face aos múltiplos aspectos das operações financeiras internacionais.

Para começar foi abordada a situação do dólar e das principais moedas europeias. Afirmou-se que o potencial económico dos Estados Unidos representado pelas filiais e associações europeias de empresas norte-americanas, acrescido da tendência favorável da conjuntura económica daquele país, eram pontos a considerar em qualquer análise do panorama económico e financeiro actual.

Seguiu-se uma troca de impressões sobre a regulamentação cambial portuguesa e a posição do Escudo, após o que se discutiram os factores susceptíveis de influenciar o comportamento das várias moedas europeias.

Passando o sistema monetário internacional um período de transição, os directores financeiros das empresas deverão estar preparados para fazer face a situações anómalas, em que a incerteza figura como factor dominante, enquanto não forem encontradas soluções tanto quanto possível satisfatórias para diversos problemas actualmente em equação.

Na sessão de abertura discutiram-se ainda as restrições cambiais introduzidas a partir de Junho findo e decorrentes da flu-

tuação da Libra, a evolução do mercado do Euro-Dólar, as técnicas de prevenção de riscos de câmbio nas operações internacionais e o mecanismo das operações cambiais em Londres e noutros mercados europeus.

No segundo dia de trabalhos estudou-se o tema «Gestão Financeira Multinacional», que compreendia: 1) a gestão financeira — controlo e previsão das necessidades de tesouraria; 2) a administração de fundos — movimentação táctica de disponibilidades por parte dos Bancos e outras empresas, com base na observação diária dos acontecimentos.

A adopção de técnicas de gestão financeira aperfeiçoadas, proporciona uma mais elevada rentabilidade dos investimentos e frequentemente são factores elementares, ao nível mais baixo dentro da empresa, que estão na origem dos seus problemas.

A mais rápida mobilização e movimentação das disponibilidades traduz-se num aumento adicional dos meios líquidos, o que representa uma diminuição dos encargos financeiros e o aumento do rendimento do investimento. Finalmente o controlo dos valores activos e das responsabilidades da empresa é mais fiel em função de uma gestão financeira aperfeiçoada.

Os participantes debateram-se sobre as enormes necessidades futuras de meios de pagamento na Europa e sobre a forma de as satisfazer, ponto este que foi considerado bem mais importante do que o custo do dinheiro propriamente dito.

A terminar, o grupo de trabalho analisou as perspectivas futuras do sistema monetário, o uso e limitações dos indicadores económicos na previsão de possíveis alterações paritárias, a liquidez internacional e a evolução provável das taxas de juro.

Esta Mesa-Redonda foi organizada em preparação de um Seminário, que sobre esta mesma matéria terá lugar em Lisboa em meados de Outubro, portanto já para data posterior às reuniões do Fundo Monetário Internacional. Representam uma medida por parte do Banco no sentido de pôr em maior destaque e aprofundar o estudo da crescente internacionalização da base económica-financeira do nosso País.



DINHEIRO

EMPRESTA-SE
SOBRE PROPRIEDADES
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE

RUA DO OURO, 292. 1.ª (Esquina com o Rossio)
TELEF. 369384/5, 6

Tour Estados Unidos

Tenha um "new look" dos Estados Unidos num tour de costa a costa!

Uma viagem acompanhada, LISBOA — ESTADOS UNIDOS — LISBOA, um TOUR não tradicional, que inclui a visita não apenas às importantes cidades de NEW YORK e WASHINGTON, mas também às da costa ocidental: LOS ANGELES e S. FRANCISCO debruçadas sobre o Pacífico, PHOENIX implantada no verdejante «Vale do Sol», LAS VEGAS com a sua trepidante vida nocturna e o sudoeste americano com o majestoso GRANDE CANYON. Um itinerário feito para se apreciar todo um mundo de paisagens e os múltiplos aspectos históricos e urbanísticos dum grande país, dum grande sub-continente.

Viagem incluindo instalação em excelentes hotéis e a economia e comodidade do pequeno almoço e jantar no respectivo hotel ou restaurante, por Esc. 23 200\$00. Para este TOUR foram estudadas visitas dirigidas aos pontos mais característicos e significativos de cada localidade.

Não perca esta oportunidade! Projecte já a sua viagem. Partida no 747-B a 5 de Outubro e regresso a 16, igualmente no 747-B!

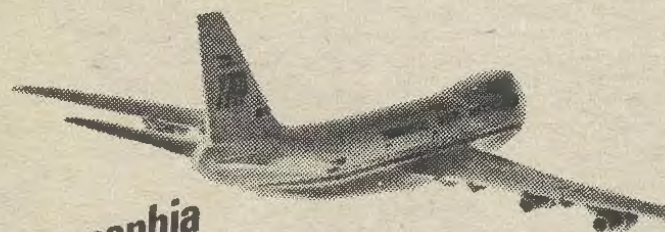
Procure o seu Agente de Viagens e peça programa detalhado.

TAP
TRANSPORTES
AÉREOS PORTUGUESES

UMA COMPANHIA QUE CRESCE EM TERMOS DE FUTURO

viaje na sua companhia

De 5 a 16 de Outubro
U.S.A.
23.200\$00



DL/REPORTAGEM

FOGO NA FLORESTA-2

“AS PESSOAS FORAM-SE, A MATA ARDEU”

Nas cinzas do braseir, um combatente ao fogo revelava:

Acreditado que o incêndio tenha a sua origem numa fagulha do comboio. Mas, depois, fico com as minhas dúvidas. Os focos apareciam em toda a parte. E a má vontade do povo contra os Serviços Florestais é antiga e cada vez maior.

É um facto confirmado por toda a gente: as populações recusaram-se a lutar dentro dos perímetros de florestalização oficial. Lutaram bravamente, apolaram bombeiros e soldados, mostraram-se senhores da mais evolutiva técnica do contra-fogo (ou corta-fogo, como ali se diz). Mas, junto das zonas demarcadas, santa paciência: o povo metia as mãos no bolso como quem diz: «Deixa arder à vontade».

Antes disso, porém, os Serviços Florestais fizeram o mesmo. E teimaram na recusa de autorizar os contra-fogos dentro dos perímetros.

Quiseram proibir-nos, também aqui — diz-nos o sr. Adelino Ladeira, do lugar de Domínhas. — Nós é que não fomos nisto, e fizemos o nosso trabalho.

AS CAUSAS

Em Agueda, o comandante dos Bombeiros, sr. João Neves dos Santos, apontou-nos algumas razões para a má vontade popular contra os Serviços Florestais: abusos na delimitação dos perímetros; perseguição, durante muitos anos, a quem entrasse nas matas para arran-



José Fernandes: «até dá vontade de chorar»

grantes regressam de férias, em automóvel e bem tratados. Nós continuamos secos de carne e de fatura.

Mas continuamos — responde o presidente

O MEIO

Serra das Talhadas: cinco quilómetros de pobreza, a mais de 600 metros de altitude, entre o Vouga e o Mongego. Reza assim a enciclopédia. Dois

sentavam a falência. Acabou-se o rebanho, acabaram-se todos.

E DEPOIS?

Algumas dezenas de anos atrás, não existia, praticamente, trabalho assalariado na região. Não vamos saber — ou discutir — se era ummal ou um bem. O que interessa referir é que, a partir da destruição da economia tradicional de subsistência, não havia outro caminho. O dinheiro passou a constituir elemento fundamental de sobrevivência. A partir de então, era necessário comprar roupas, adubos, mesmo muitos géneros alimentares. A pequena indústria artesanal, também passou a história. O rescaldo da guerra, com os racionamentos impostos, gravou a situação. Na verdade o nível de vida das pobres gentes serranas baixou ainda mais. O índice de alimentação também: e a força moral, através de um assalariamento forçado.

Trabalhei na floresta de uma mulher do povo numa aldeia. — Trabalhei na floresta de uma mulher do povo numa aldeia. — Trabalhei na floresta de uma mulher do povo numa aldeia. — Trabalhei na floresta de uma mulher do povo numa aldeia.

Era — e é — o chamado «trabalho das varas». Hoje melhor regulamentado, com imposição do horário de oito horas e algumas das pequenas regras da previdência.

Durante muito tempo — lembra outro habitante da região — os Serviços Florestais desta zona procuraram iludir a própria lei: como, passados seis meses de trabalho efectivo, tinham de legalizar a situação das pessoas no que respeita à Previdência, despediam-nas quinze dias antes da aquela prazo para as readmitir tempos depois.

E acrescentou à guisa de conclusão lógica:

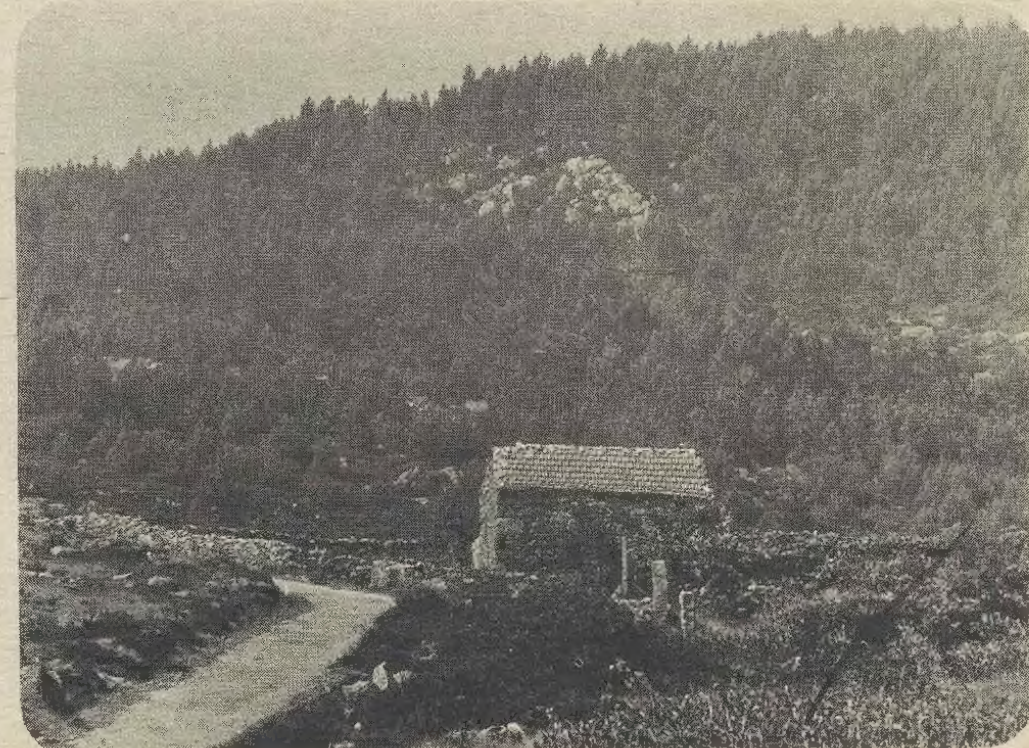
Torna-se evidente que a mão-de-obra teria de faltar-lhes. As pessoas ainda com força de braços deram o salto os jovens procuraram estudar (os que puderam) ou foram para a indústria. Os matos nas zonas florestais cresceram, tornaram-se quase impenetráveis. Toda a gente sabe que, pegando-lhes o fogo, ardem mais depressa que rastilho.

Na povoação das Arcas, estrangulada pela mata florestal, o sr. Joaquim Bastos adiantou:

Mas não foi só por isso. Se o povo tivesse sido autorizado a abastecer-se normalmente de lenha nas zonas demarcadas, nunca se teria chegado ao estado presente. Mas, durante anos, proibiu-se só pelo gosto de proibir. Quando se quis emendar o mal, ainda não foi de vez: as pessoas que quisessem cortar lenha na floresta teriam de ir à Casa da Guarda (às vezes a meio dia, ou mais, de caminho) comprar as respectivas senhas. O sistema não interessou ninguém. Agora os cortes já são livres, mas é tarde de mais.

Já nas Talhadas, o sr. Silvestre Vilar comentou:

Os Serviços Florestais quiseram plantar barato, servindo-se das pessoas e de todos os processos. O resultado está à vista: as pessoas foram-se e a mata arde.



Povoações estranguladas pela mata nacional

NADADORES-SALVADORES: VIDAS QUE NÃO TÊM GARANTIAS

Apesar das sucessivas campanhas na praia muita gente tem morrido. A que se pode atribuir o facto? A falta de previdência das pessoas? A falta de meios? Ou a meros acasos que não podem ser evitados? Pelo que nos foi dado observar, e pelas nossas próprias idas à praia, votamos nas duas hipóteses.

Nos dias que correm as pessoas abandonam um tanto as da «linha». Deu-se uma fuga à poluição, e a massa anónima dos encalorados foi provocar uma grande sobrecarga, essencialmente nas praias da Costa da Caparica. Ai têm acontecido uma série de acidentes durante o ano em curso. Razão para uma visita e para uma conversa com quem mais directamente lida com os «casos».

DEZ ANOS DE BANHOS

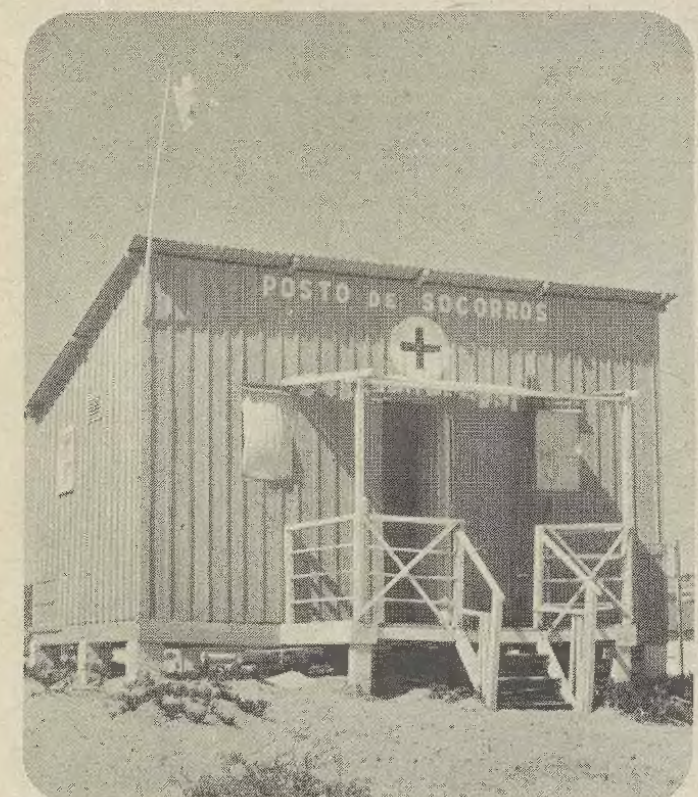
«O Capela», de seu verdadeiro nome Francisco Manuel Nunes dos Santos, vigia, com um ajudante, uma zona de praia. Há dez anos que aqui presta serviços e muitas pessoas ele tem visto, prestes a morrerem nas águas da Costa. Alguns já foram salvos por ele.

Nesta praia há uma data de anos que não morre ninguém. Nem nestas aqui ao lado. É claro que isto é uma questão de sorte. Ainda no outro dia fui tirar dali um pai e dois filhos. Olhe foi no sábado. Para prestar estes serviços «tirou um exame». Foi em Sesimbra, depois de ter estado alguns anos em serviço a ajudar um outro banheiro que, entretanto, se retirou. Esteve lá uns 15 ou 16 dias, e depois deram-lhe a carta. O seu ordenado:

— A gente ganha 150\$00 por dia, o que dá um conto e cinquenta à semana.



Um posto de socorros, um enfermeiro e muitas vidas que correm riscos.



Um Posto de Socorros para toda a zona da Caparica.

— E durante o Inverno?

No Inverno sou pescador que era a minha profissão antes de vir para aqui. Nascei aqui e cá fui criado. Já tenho quarenta anos e segundo dizem posso ser banheiro até aos 50. Ainda tenho um barquinho e umas redes e é com isso que me governo no Inverno. Uma vez ganho mais, mas acontece um homem não poder trabalhar durante quinze dias ou uma semana. Aqui a coisa sempre é certa, e enquanto aqui estou pouco as redes.

O «Capela» passa os dias na praia. Vem para aqui por volta das cinco, seis da manhã, e o abandono da praia dá-se ao longo da noite. Quando lhe falamos das pessoas e de como reagem, quer aos seus conselhos, quer aos sinais de bandeira, abana a cabeça:

— A malta está um bocado mais desenvolvida, mas deviam estar mais. As vezes a gente diz alguma coisa e é o mesmo que nada, ainda tratam mal o banheiro. Se a gente não apertasse com eles morriam aqui às dezenas.

Muitas vezes é um risco de vida. É a vida a prêmio para salvar a de outrem. Um desconhecido que nunca mais se lembrará, ou passará de largo, provavelmente com vergonha. Há casos difíceis:

O mais difícil foi um rapazito que tinha vindo do Canadá há pouco tempo. Foi para dentro de água sem a mãe ter dado por isso e eu tive de ir lá buscá-lo. Já ele tinha ido ao fundo duas vezes. Quando o agarrei acabei por meter um bocado de água e fui com ele ao fundo. Mas lá em baixo basta um empurrãozinho para o corpo vir para cima. Sempre se salvou, fez-se respiração boca-a-boca, massagens, aquelas coisas.

(Os nadadores-salvadores tiram um curso de primeiros socorros.)

— O mais difícil foi um rapazito que tinha vindo do Canadá há pouco tempo. Foi para dentro de água sem a mãe ter dado por isso e eu tive de ir lá buscá-lo. Já ele tinha ido ao fundo duas vezes. Quando o agarrei acabei por meter um bocado de água e fui com ele ao fundo. Mas lá em baixo basta um empurrãozinho para o corpo vir para cima. Sempre se salvou, fez-se respiração boca-a-boca, massagens, aquelas coisas.

(Os nadadores-salvadores tiram um curso de primeiros socorros.)

— O mais difícil foi um rapazito que tinha vindo do Canadá há pouco tempo. Foi para dentro de água sem a mãe ter dado por isso e eu tive de ir lá buscá-lo. Já ele tinha ido ao fundo duas vezes. Quando o agarrei acabei por meter um bocado de água e fui com ele ao fundo. Mas lá em baixo basta um empurrãozinho para o corpo vir para cima. Sempre se salvou, fez-se respiração boca-a-boca, massagens, aquelas coisas.

— O mais difícil foi um rapazito que tinha vindo do Canadá há pouco tempo. Foi para dentro de água sem a mãe ter dado por isso e eu tive de ir lá buscá-lo. Já ele tinha ido ao fundo duas vezes. Quando o agarrei acabei por meter um bocado de água e fui com ele ao fundo. Mas lá em baixo basta um empurrãozinho para o corpo vir para cima. Sempre se salvou, fez-se respiração boca-a-boca, massagens, aquelas coisas.

— O mais difícil foi um rapazito que tinha vindo do Canadá há pouco tempo. Foi para dentro de água sem a mãe ter dado por isso e eu tive de ir lá buscá-lo. Já ele tinha ido ao fundo duas vezes. Quando o agarrei acabei por meter um bocado de água e fui com ele ao fundo. Mas lá em baixo basta um empurrãozinho para o corpo vir para cima. Sempre se salvou, fez-se respiração boca-a-boca, massagens, aquelas coisas.

possível. No caso da vítima necessitar de transporte é preciso chamar a única ambulância que existe, pertencente aos Bombeiros. Um médico pode prestar assistência.

O pior é nas praias mais afastadas. Veja, se um homem está mal lá para a frente, por exemplo na «Riviera»... Nem sequer telefone existe. O banheiro é que tem de resolver tudo.

ONDE NÃO HÁ TEMPO PARA COMER

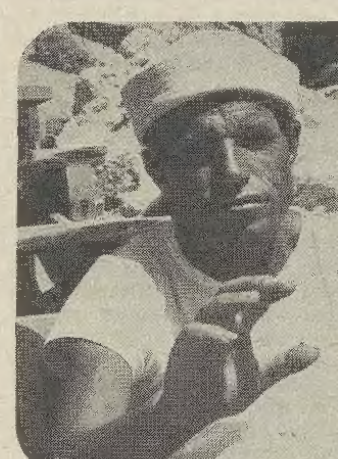
Sentados numa esplanada estão três banheiros e nós. Falamos da sua vida e das dificuldades. Olhamos o mar. Mário Pedro acabou de almoçar. Diz:

O banheiro não tem horário para comer. Neste momento acabei de almoçar e se houver um caso como é que me arranjo? Eu é que sou o responsável. No outro dia fui buscar um soldado que estava quase a morrer afogado. Quando cheguei cá fora comecei a sentir-me tonto, e tive sorte em vomitar.

Aqui entra na conversa o banheiro mais velho nadador desta zona: José Peralta de Almeida, banheiro há 13 anos, agora com 47 anos de idade. Também é pescador. Acrescenta ele:

Antigamente antes da Campanha de Segurança ia-se a bandeira vermelha e as pessoas já sabiam que durante esse tempo não tinham assistência.

Natural será pensar que quem



«Capela» explica como foi três vezes ao fundo.

arrisca a vida pelos outros tenha a sua cobertura por um seguro. Era o que nós pensávamos acontecer com estes homens. Segundo nos dizem não têm qualquer garantia para si e para os seus.

Para nós são as responsabilidades. Quando há um caso primeiro que a gente se livre de responsabilidades é um caso sério. Qualquer dia não há quem queira esta vida.

ONDE SE FALA DE DESPEDIMENTOS

Aqui como em todo o lado há despedimentos. Os que são justos, e os que não são. É Mário Pedro quem nos relata um desses casos, há pouco ocorrido:

Foi despedido um irmão do Peralta. Ele estava a trabalhar na Praia da Rainha. Nesse dia do despedimento estava ban-



Mário Pedro e Peralta: um almoço pouco tranquilo.

deira vermelha e ele e o outro banheiro estavam à beira d'água a impedir as pessoas de entrarem e irem tomar banho. Estavam a lidar as responsabilidades deles e as vidas das pessoas. Mas o patrão queria que eles fossem desarmar barracas. Co-

dientes. Daí o ter havido mais coisas. eu até lhe chamo «Os japoneses de Alcochete».

A terminar fomos visitar o Posto de Socorros. Trata-se de uma divisão com cerca de três por cinco metros onde um enfermeiro prestará, se lhe for possível, os primeiros socorros. Há pouco saiu o anterior enfermeiro e o actual tem apenas meia dúzia de dias ao serviço. É um enfermeiro-massagista chamado Augusto Martins:

O posto devia ser todo remodelado, já viu o pessoal que aqui vem ao sábado e ao domingo? Tenho a impressão que este Posto vai acabar em Outubro, para fazerem outro. Os principais casos que agora aqui acontecem limitam-se a pensos nas pessoas, por causa dos bocados de madeira e das pedras.

Trinta dias por mês de trabalho. Ordenado: quatro mil e quinhentos escudos.

LOULÉ nova escola

Pela Direcção-Geral das Construções Escolares (Direcção das Instalações para o Ensino Primário) foi aberto concurso para a construção de um edifício escolar, com dez salas de aulas e cantina em Quarteira, do concelho de Loulé.

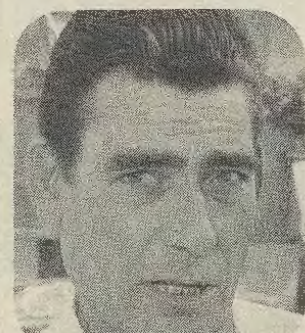
Base de licitação: 3.916.000\$00.

MAIS CINCO ESCOLAS

Um despacho do Ministro da Educação manda abrir, no ano lectivo de 1972/73, as escolas do Magistério Primário previstas em Guimarães, Aveiro, Beja, Caldas da Rainha e Viana do Castelo.

ORA DIGA-NOS...

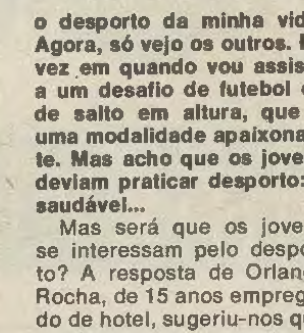
PRATICA DESPORTO?



Milhares de portugueses têm, agora, os olhos postos nos Jogos Olímpicos de Munique. Desporto é, ali, competição e espectáculo. Tudo em ponto grande. Os que seguem, entusiasmados, o desenrolar dos jogos, alguma vez terão visto o desporto de outra maneira, isto é, como prática, processo de formação e educação, «desporto», no sentido mais sã da palavra? Quem pratica desporto em Portugal — na escola, em casa, no jardim, no ginásio do clube da esquina?

O sr. Francisco Viperino, de 44 anos não é, de certeza.

Pratiquei futebol quando tinha os meus 13 anos. Estava inscrito no Clube da F. N. A. T. que entretanto acabou e, com ele, acabou



o desporto da minha vida. Agora, só vejo os outros. De vez em quando vou assistir a um desafio de futebol ou de salto em altura, que é uma modalidade apaixonante. Mas acho que os jovens deviam praticar desporto: é saudável...

Mas será que os jovens se interessam pelo desporto? A resposta de Orlando Rocha, de 15 anos empregado de hotel, sugeriu-nos que pusessemos a pergunta de outra maneira, fora do âmbito deste pequeno inquérito: «Será que os jovens estão em condições de se interessar pelo desporto?»

Não, não tenho tempo para isso. Trabalho das 7 da manhã às 7 da tarde, acha que ainda fico com tempo para o desporto? Claro que gostava (antes de me



empregar jogava futebol e na escola praticava ginástica) mas também tenho direito a descansar...

Talvez os mais pequenos, pensamos. Talvez na escola primária fomentem a prática do desporto, talvez daqui a 15 anos os homens e as mulheres sejam mais saudáveis, mais desinibidos, mais libertos, graças a uma prática regular de desporto para si próprios...

E apressamos a fazer a pergunta a um miúdo de 8 anos, Francisco José Teixeira:

Não, não gosto muito de desporto. É cansativo... Antes de entrar para a escola, andava na Ginástica no Clube do Sporting. Mas depois deixei. Na escola só se faz ginástica ao sábado, nem se dá por isso...

mais um voo da **TAP** ao Brasil em **747-B**

UMA COMPANHIA QUE CRESCE EM TERMOS DE FUTURO

O país irmão recebe pela segunda vez, em menos de três meses, um Boeing 747-B da TAP — Transportes Aéreos Portugueses.

8 de Setembro: uma oportunidade de participar na viagem Lisboa-Rio a bordo do mais espaçoso, confortável e moderno avião comercial.

Se tem a sua viagem ao Brasil prevista para uma data próxima desse dia, conte com a TAP para marcar ou alterar a sua reserva.

Procure o seu Agente de Viagem.

TAP
TRANSPORTE
AEREO PORTUGUESE

ADELINO & LOPES, LDA.

(ARMAZENISTAS DE BEBIDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS)

8, LARGO DA TRINDADE, 9
Telefs. 32 12 60 e 32 28 28 — LISBOA

Comunicam a todos os seus estimados Clientes, Amigos e Fornecedores, que por motivo de Férias, as suas instalações estarão encerradas totalmente de 2 a 25 de Setembro p. f.

ESTADOS UNIDOS

POR QUÊ PORTUGUESES
Visitem: Washington • Phoenix (Arizona) • Grand Canyon
Las Vegas • Los Angeles • São Francisco • Nova Iorque

PREÇO 23.200\$00
Viagem em avião a jato, transportes terrestres, refeições, visitas em todos os locais de interesse, hospedagem em hotéis com banheiro em suítes, todos incluídos, grêmios, almoço e jantar.

INFORME-SE E RESERVE O SEU VÍZIO
LISBOA • ESTORIL • PORTO • COIMBRA • VISEU • GUARDA • BRAGA

Para maior segurança e melhor suspensão...
ALMCFADAS DE AR
AUTO (BALL-ANS)
É A SOLUÇÃO

Distrib. para Portugal: Sociedade Geral de Importação, Lda.
Av. António Augusto de Aguiar, 23-A — Tels. 56 01 56/7/8

DL/REPORTAGEM



Um grupo de balantas apanhado uma semana antes no mato é recebido no palácio do Governo.

Guiné - crônica imperfeita - 2

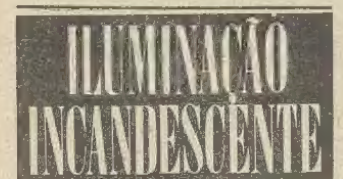
A simpatia como arma de guerra

Por AVELINO RODRIGUES enviado especial do DL

Rebentavam granadas em Ponta Varela, do outro lado do rio Corubal, quando o comandante-chefe impunha os galões de capitão nos ombros de um afixer em Gampará. O moço é oficial miliciano e comanda um pelotão da companhia instalada na península, depois que em Novembro passado numa operação de fuzileiros apoiados pela força aérea, foi possível abrir uma primeira cunha apontada ao território beafada.

Nem os soldados nem os fuzileiros negros formados em semicirculo mexeram sequer as sobrancelhas, quando se ouviram os rebentamentos. Igualmente serenos, como se estivessem habituados, me pareceram os nativos que a curiosidade concentrara à volta dos soldados.

Hoje a Ponte de Gampará é dominada pelas forças portuguesas, instaladas provisoriamente em casas de zinco do reordenamento que está sendo construído para a população civil. A sombra das metralhadoras vivem em Gampará cerca de 900 beafadas atraídos pelas melhores condições de habitação, de fomento agrícola e de assistência sanitária. Dos campos que voltaram a ser cultivados e já deram a primeira colheita, foram vendidas para Bissau 154 toneladas de arroz, segundo informou o comerciante da tabanca. Uma pequena vitória econômica que se repercutiu em duplo feito de natureza política.



APLIQUES ORIENTÁVEIS PARA LÂMPADAS REFLECTORAS

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª

TEL. 654165 * LISBOA

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?

GRANDE OUVRESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

Instalada numa zona de mais fraca vegetação e ligada ao rio Geba por dois quilómetros de estrada nova, a povoação ocupa uma área reduzida dentro do arame farpado que a separa do mato, onde os guerrilheiros actuam numa mancha de floresta de «duplo controle» (designação do Quartel General de Bissau).

SURPRESA NO MATO

O general sabia muito bem o que se passava do outro lado do rio, onde decorria a operação. Eu é que não podia adivinhar.

Voltámos ao helicóptero e apertámos de novo os coletes salva-vidas para sobreviver ao Corubal em direcção a Ponta Varela. Estamos em plena floresta de «duplo controle», que o comandante-chefe devassa com olhos de lince, a cem metros de altura.

De longe, vi as colunas de fumo que subiam da floresta. Era o rescaldo de uma operação que envolvia cinquenta homens e cujo resultado não era ainda conhecido.

O heli desenhava círculos concêntricos, cada vez mais apertados, à volta da clareira aberta pelas bombas incendiárias, até que do alto divisámos um grupo de homens em fila, num trilho que se perdia no mato, para surgir cem metros mais adiante. Seriam guerrilheiros? — perguntei ao capitão que seguia a meu lado. Disse que não. Era o primeiro grupo de combate que retirava da zona. E quando os primeiros homens surgiram na clareira, o general baixou ao seu encontro, saltando do heli com desembarço.

Era a minha primeira descida no mato e logo em zona de operações. Decididamente, não tenho jeito para estas coisas, como logo comprovarei pela minha inquietação disfarçada quando vi o helicóptero safar-se para o ar, assim que nos despejou.

Os seis ou sete soldados que chegaram primeiro improvisaram na clareira um sistema de segurança, enquanto o General seguia as indicações do comandante do grupo que lhe apontava o tronco de uma árvore.

— Talvez para aqui, meu general: é mais seguro.

Notava-se no rosto dos solda-

dos a satisfação de virem encontrar o comandante-chefe no mato, depois de uma operação ariscada. Não tinham encontrado resistência — disseram. Os guerrilheiros tinham fugido ao contacto, dispersando-se no mato e estariam talvez ali perto, escondidos pela vegetação, à espreita dos nossos movimentos. Por esse motivo o helicóptero tinha descolado para o ar, evitando o risco de ficar exposto a qualquer surpresa.

Os soldados não escondiam uma alegria ingenua pelos resultados obtidos: a destruição de uma dezena de celeiros de um posto de abastecimento dos guerrilheiros, ali oculto no mato, a quarenta quilómetros de Bissau. Toneladas de arroz devoradas pelas chamas não alimentarão as forças dos grupos de combate do PAIGC que actuam na zona. Depois não houve nenhuns, além de uma carta de Havana estampilhada com selos de Fidel e contendo retratos de família de um possível instrutor cubano.

Um grupo de Balantas (sete mulheres, um velho e duas crianças) eram conduzidos pelos soldados que os apanharam em zona de operações. O General tranquilizou-os. Que não tivessem medo, pois não lhes acontecera mal algum: seriam levados ao «chão» balanta de Xime para verem as obras que o Governo fez depois, mandaria conduzi-los de helicóptero ao mesmo lugar onde tinham sido encontrados.

Sentia-se que eles não acreditavam e nos seus rostos o terror misturava-se com o conformismo de quem não tem outro remédio senão esperar o pior. Mas o General insistia que estivessem tranquilos e, notando que uma pequenita de seis anos trazia aos ombros um cachorrinho amarelo, acrescentou apontando-a com o bengalim:

— A menina pode também levar o cão.

As seis estrelas brilhavam no camuflado, o monóculo sensibilizava-se no olho direito de sobranceira irrequieta. Lembrei-me então de que uma revista francesa apresentara há tempos este cabo de guerra como «o último general romântico». Talvez seja isso — pensei — ao ver que a criança fixava no «homem grande» dois grandes olhos agradecidos, enquanto um sorriso abortado desanuviava o rosto do velho e as mulheres deixavam cair a máscara de terror.

Creio que foi neste momento que o General Spínola conquistou mais uma dezena de balantas para a sua política de integração. Era o saldo de uma manha de trabalho (e de risco) do mais intrigante general da guerra de África, comandante-chefe, governador e ideólogo de desenvolvimento de um território africano, onde se afrontam as maiores contradições do País e as duas grandes forças que dividem o mundo.

UMA GOTA DE MEL

O resultado notei-o eu, passando poucos dias, em Bissau. Os balantas já tinham visto, com seus olhos, alguma coisa daquilo que o General chama a «Guiné melhor». Antes de nos mandar para o mato, o governador fez questão de recebê-los no palácio, conversando com eles no seu gabinete de trabalho, como costuma fazer-se às pessoas muito importantes.

Os meus olhos não podiam acreditar. Eles tão-pouco. Pisavam a medo a alcatifa da sala, enquanto o General os conduzia para os «mapes» onde se instalaram. Uma criança de meses, sentindo-se apertada entre as costas da mãe e o encosto almofadado, desatou aos berros convulsivamente. Ela não esteve com meias medidas: puxou o filho para a frente e tapou-lhe a boca com o peito fértil, que o midão não mais largou.

Riram e falaram desconfiadamente como conhecidos de há muito.

— Se o sr. governador estivesse aqui há mais tempo — referiam-se às coisas novas que tinham visto no «chão» balanta — a guerra não teria acontecido.

As mulheres não conseguiam estar quietas nos «mapes» de molas flexíveis e ajeitavam constantemente as saias novas e os lenços de cabeça, mais bonitos, de certo, que os trapos velhos com que as vi no mato. Falaram como quem conta um pesadelo, do medo que sentiram na clareira quando os soldados as trouxeram à presença do «homem grande»: afinal não tinham sido

mortas, ao contrário do que esperavam.

— Se os outros soubessem como o governador procede... — desabafavam — ingenuamente... — a guerra acabava em pouco tempo.

E o General, em conclusão: — Agora já sabem distinguir a verdade da mentira. Voltem para o mato e vão dizer aos outros balantas o que viram no seu «chão» e como se vive agora melhor do que antes.

Para o intérprete: — «pergunta-se tem algum pedido a fazer». As mulheres cochicharam entre si, rindo com ar maroto. «Querem dinheiro» — disse o intérprete.

Dinheiro? — interrogou-se o General. — Amanhã, quando estiverem para partir, receberão algum.

Mas elas insistiram: amanhã não valia a pena, precisavam dele agora, para fazer compras em Bissau.

São espertas! — disse o General, a rir. E chamando o seu secretário, ofereceu-lhes dois contos para as despesas.

Faltava só entregar os rádios japoneses. No mato seriam um sucesso e um ótimo meio de propaganda.

O General ensinou-lhes a dar a volta ao botão e uma mulher mais nova, ao ritmo da emissora de Nhacra, começou a balançar-se instintivamente.

E o cão, onde está o cão? — lembrou-se o General, apontando a menina do mato. A midão riu muito. E explicou que o tinha oferecido a um soldado porque já estava cansada de andar com o cachorro às costas.

Mais tarde, ao falar da sua

política de aproximação pacífica, o General confidenciou-me:

— Eles pedem tão pouco que é fácil satisfazê-los. O pior é que o PAIGC os instiga a aumentarem as exigências, à medida que nós lhes respondemos, a fim de criar novos motivos de insatisfação.

Mas o General Spínola não se ficou por aqui, e concluiu desabridamente:

— Se não formos estúpidos, podemos construir em África uma obra maravilhosa porque os africanos acreditam em quem os respeita e lhes faz justiça.

CONTRA QUEM?

Outro dia parti de Bissau, rumo ao norte, à península do Ingoré, acompanhando o General que ia visitar uma população vinda do Senegal e instalada precariamente na região de Tandé, à margem direita do Cacheu. Território balanta tradicional, metido entre os matos do corredor de florestas que serve de passagem aos guerrilheiros do P.A.I.G.C.

Dez quilómetros mais ao norte, está a fronteira do Senegal com as bases Paigecistas de Sikoum e Sanou, frente às quais se instala o quartel do Ingoré, com a missão de conter as infiltrações de guerrilheiros que marcham para o Barro e Antotinha, ou atravessam o rio em direcção a Joimete e Bissum.

Ao lado a zanjante do rio, sei que estão perto os brames do Senegal e os felupes de Apitho, raça de gigantes semi-caniçais, que não consentem aos estranhos, nem sequer aos guerrilheiros, a passagem no seu «chão».

E ali, junto do rio, na extremidade-sul do Ingoré, que se

veio instalar em Maio e Junho, um grupo de balantas bravos, fugidos há nove anos das terras que eram suas.

O tenente-coronel comandante do sector do Ingoré, chegou à clareira pouco antes, de helicóptero, ao encontro do General. Informou que se tinham apresentado cerca de quatrocentas pessoas, parte das quais por falta de instalações no local, se tinham acomodado nas tabancas do Ingorézinho, aguardando o fim das chuvas para virem juntar-se aos de Tandé. Os que puderam instalar-se ali estavam, formados em semi-círculo, debaixo da mangueira grande, à espera do «Governor».

De pé, em posição de descanso mas num arremedo de porte militar, os homens mais novos agarram tinta e sete metralhadoras G3, e quarenta espingardas Mauser. Estão a ser treinados por um pequeno destacamento de nove soldados metropolitanos, que também asseguram a defesa da tabanca, como agora vigiam a nossa própria segurança e a dos helicópteros, virados para o mato para o que der e vier.

Balanta bravo é corajoso e a espingarda é evidente promoção, mesmo sem a farda dos milicianos, descalço e semi-nu, uns calções velhos a cobrir «suas vergonhas».

O governador fala ao povo, via intérprete, que traduz para o chefe de tabanca, o «homem grande», o único que se aproxima alguns passos para dialogar respeitosamente. Os outros aguardam e entreolham-se em silêncio. Estão satisfeitos? Têm medo do PAIGC? O arroz tem sido suficiente? (Ordem para mandar vir mais arroz de Teixeira Pinto). Agora que já têm armas, querem que a tropa se vá embora? (Que não, diz o chefe, porque os rapazes ainda não sabem atirar). Um último conselho: cuidado, não comam o arroz de semente, porque esse é para plantar na bolanha e cada grão vai dar muitos pés.

O intérprete traduz com desembaraço.

Os outros ali estavam, de armas nas unhas, para «defenderem» o seu chão, não sabem não se sabe) contra quem.

Manifestei ao General a minha estranheza perante a distribuição de uma centena de armas a balantas bravos que, dois meses antes, estavam ainda na órbita da guerrilha. Mas na Guiné há toda a confiança no indígena apresentado: nem uma só arma — disseram-me — passou para o PAIGC, dentre as seis ou sete mil que o Governo distribuiu ao povo.

O pequeno destacamento de soldados vai ficar no Tandé, durante uns meses, à cautela, por causa das represálias possíveis. Talvez seja mesmo reforçado. Passada a época das chuvas, lá para o fim do ano, outros soldados virão, com toneladas de zinco, para fazerem uma tabanca nova, no local, que o povo escolherá, segundo disse o comandante.

Alegria comediada, sem grande alarido, mas confiante. A visita era breve: dez ou quinze minutos na clareira. Palmas ritmadas e um coro de monossílabos sublinham o aperto de mãos trocado entre o «Governor» e o chefe de tabanca, o «homem grande» de Bissau e o «homem grande» de Tandé.

Dos gafanhotos negros o zumbido dos motores assusta a calma da floresta em redor. O vento das asas gigantes refresca os rostos suados e faz voar os trapos e folhas secas em lufadas de pó quente. As mulheres defendem a cara com as mãos, que logo retiram para abrir dois grandes olhos assustados, intermitentemente, mirando os gafanhotos que vão a arrancar.

A vaca magra do pé da palhotinha fugiu espavorida. O midão nu, que espreitava de longe trocando sorrisos com o soldado de metralhadora, correu aos gritos para dentro de casa. O General acenou. Os balantas bravos acenam também e matraqueiam palmas para aquele «homem grande» de Bissau, que desapareceu no ar, como tinha vindo, no meio do ruído dos motores.

veio instalar em Maio e Junho, um grupo de balantas bravos, fugidos há nove anos das terras que eram suas.

O tenente-coronel comandante do sector do Ingoré, chegou à clareira pouco antes, de helicóptero, ao encontro do General. Informou que se tinham apresentado cerca de quatrocentas pessoas, parte das quais por falta de instalações no local, se tinham acomodado nas tabancas do Ingorézinho, aguardando o fim das chuvas para virem juntar-se aos de Tandé. Os que puderam instalar-se ali estavam, formados em semi-círculo, debaixo da mangueira grande, à espera do «Governor».

De pé, em posição de descanso mas num arremedo de porte militar, os homens mais novos agarram tinta e sete metralhadoras G3, e quarenta espingardas Mauser. Estão a ser treinados por um pequeno destacamento de nove soldados metropolitanos, que também asseguram a defesa da tabanca, como agora vigiam a nossa própria segurança e a dos helicópteros, virados para o mato para o que der e vier.

Balanta bravo é corajoso e a espingarda é evidente promoção, mesmo sem a farda dos milicianos, descalço e semi-nu, uns calções velhos a cobrir «suas vergonhas».

O governador fala ao povo, via intérprete, que traduz para o chefe de tabanca, o «homem grande», o único que se aproxima alguns passos para dialogar respeitosamente. Os outros aguardam e entreolham-se em silêncio. Estão satisfeitos? Têm medo do PAIGC? O arroz tem sido suficiente? (Ordem para mandar vir mais arroz de Teixeira Pinto). Agora que já têm armas, querem que a tropa se vá embora? (Que não, diz o chefe, porque os rapazes ainda não sabem atirar). Um último conselho: cuidado, não comam o arroz de semente, porque esse é para plantar na bolanha e cada grão vai dar muitos pés.

O intérprete traduz com desembaraço.

Os outros ali estavam, de armas nas unhas, para «defenderem» o seu chão, não sabem não se sabe) contra quem.

Manifestei ao General a minha estranheza perante a distribuição de uma centena de armas a balantas bravos que, dois meses antes, estavam ainda na órbita da guerrilha. Mas na Guiné há toda a confiança no indígena apresentado: nem uma só arma — disseram-me — passou para o PAIGC, dentre as seis ou sete mil que o Governo distribuiu ao povo.

O pequeno destacamento de soldados vai ficar no Tandé, durante uns meses, à cautela, por causa das represálias possíveis. Talvez seja mesmo reforçado. Passada a época das chuvas, lá para o fim do ano, outros soldados virão, com toneladas de zinco, para fazerem uma tabanca nova, no local, que o povo escolherá, segundo disse o comandante.

Alegria comediada, sem grande alarido, mas confiante. A visita era breve: dez ou quinze minutos na clareira. Palmas ritmadas e um coro de monossílabos sublinham o aperto de mãos trocado entre o «Governor» e o chefe de tabanca, o «homem grande» de Bissau e o «homem grande» de Tandé.

Dos gafanhotos negros o zumbido dos motores assusta a calma da floresta em redor. O vento das asas gigantes refresca os rostos suados e faz voar os trapos e folhas secas em lufadas de pó quente. As mulheres defendem a cara com as mãos, que logo retiram para abrir dois grandes olhos assustados, intermitentemente, mirando os gafanhotos que vão a arrancar.

A vaca magra do pé da palhotinha fugiu espavorida. O midão nu, que espreitava de longe trocando sorrisos com o soldado de metralhadora, correu aos gritos para dentro de casa. O General acenou. Os balantas bravos acenam também e matraqueiam palmas para aquele «homem grande» de Bissau, que desapareceu no ar, como tinha vindo, no meio do ruído dos motores.

O General seguiu não sei para onde, na companhia do oficial às ordens, e do comandante do sector. Nunca soube se tinha ido para qualquer missão ariscada, a que não quisesse expor o jornalista, ou se foi visitar algum local que não interessasse mostrar-me. Quanto a mim, segui no outro heli para Teixeira



Sob a «árvore grande» duma tabanca do mato, o «último general romântico» chama o povo para o seu lado.

Pinto, acompanhado apenas do piloto e do técnico de bordo, sobrevoando as florestas do Pelundo, onde há tempos morreram numa emboscada três militares do exército português. É evidente que não gostei da viagem e, apesar de me dizerem que a zona está pacificada, procurei não pensar no risco de a passaro-la se cansar e ser obrigada a descer no meio do mato ou entre os jacarés do Cacheu.

Em vez disso, fui encontrar, meia hora depois, na pista de Teixeira Pinto, o coronel Durão muito solícito, e aquela cara grande e sempre bem disposta do tenente-coronel Herdade, já meus conhecidos de Bissau.

Com eles vinha também o administrador, um homem que fala mais com os olhos pequenos do que com as palavras muito poucas (é um exagero sr. administrador...) que lhe ouvi durante a tarde. Gente simpática, como é raro encontrar-se e que, adiante já, não perdeu a mais

pequena ocasião de me rodear de atenções.

Mais tarde vim a saber que os jornalistas na Guiné sempre foram recebidos muito bem, mas que a atenção prestada ao enviado do «DL» teria ultrapassado todos os limites. O que tem a zona está pacificada, procurei não pensar no risco de a passaro-la se cansar e ser obrigada a descer no meio do mato ou entre os jacarés do Cacheu.

Em vez disso, fui encontrar, meia hora depois, na pista de Teixeira Pinto, o coronel Durão muito solícito, e aquela cara grande e sempre bem disposta do tenente-coronel Herdade, já meus conhecidos de Bissau.

Com eles vinha também o administrador, um homem que fala mais com os olhos pequenos do que com as palavras muito poucas (é um exagero sr. administrador...) que lhe ouvi durante a tarde. Gente simpática, como é raro encontrar-se e que, adiante já, não perdeu a mais

pequena ocasião de me rodear de atenções.

DL/REPORTAGEM

OS PATINS

Houve um tempo da minha vida — ainda não cristallino na lembrança, ou na lembrança já imaginada — em que lacteei os portos do Oriente — de Beirute a Aden, a Karachi, a Basra: tempo de auroras vermelhas, de ilhas quase nuas cobertas de flamingos, de turbantes, dangas-do-ventre, misérias que me arrepiavam, trevas de medo e mistério, líquidos sorrisos... Foi lá que a minha revolta se confirmou, estava cravada em terra de todos e de ninguém, à espera de crescer a flor da igualdade.

Mas a história que hoje me ocorre desse jovem viajar já torturado, desse cenário distante de nascer-me de mim próprio, frente ao mundo da fome e da lepra — nem fui eu a vivê-la, a testemunhá-la. Contou-me (e é como se estivesse agora vendo todos os pormenores) um médico de bordo meu amigo, embarcado de seca para meca num navio da nossa armada. Foi em Singapura. É sabido de quem correu os sete mares que em todos os portos do Oriente há sempre, ao menos, uma coisa barata, seja o brocado, o tweed Inglês, as máquinas fotográficas japonesas, o albornoz ou o margulil, a caixa de sândalo (verdadeiro ou falso), a camisa de meia-manga de Macau ou Hong-Kong, o roupão chinês (ou pseudo), a sandália, os brinquedos mais ou menos exóticos, as bonecas turcas... Em Singapura eram os patins. E eram dados!...

O rastilho ardeu depressa e não houve praticamente, naquele vaso de guerra, oficial, sargento ou praça que, aproveitando a excepcional barateza dos patins, não fizesse o seu rico negócio, comprando, ao menos, um par.

O médico meu amigo, rapaz fleumático, loiro, apesar do sangue algarvio, contemplava, cachimbando, aquela azáfama: uma legião de patinadores recolhia a bordo, ao pôr-do-sol, com o amplo sorriso da lusitana espreiteza satisfeita. A tripulação, desta vez, excedera-se. Pederal, os patins eram mais do que baratos, eram quase de graça...

Sobre Singapura a derrocada da noite — e o aviso a largar, a marujama e horis, gavotas voando, horizontais, nos olhos o calafrio da viagem, o desfile da bar-



O SAL DA TERRA URBANO TAVARES RODRIGUES

ra, um retrato de mulher despida, claro, e o par de patins de cada um.

Mas eis que o médico, pouco depois, depara com um sargento, quase cinquentão, já obeso, a mirar e remir a sua famosa pechincha.

— Então, Januário, o que é que aconteceu: não lhe servem os patins? — Eu sei lá, doutor! Está-me a ver patinar com esta minha barriga?! É que eu ainda por cima não tenho filhos nem sobrinhos. E não vou dar isto a um amigo para ele partir a espinha, não lhe parece? Não há dúvida, desta vez enfiar mesmo o barrete.

Encolheu os ombros, agarrou nos patins, despediu-se deles e do que lhe haviam custado — e atirou-os ao mar.

EXPORTAÇÕES DE MOLDES PARA PLÁSTICO

EXPORTAÇÕES DE MOLDES

Por iniciativa do Fundo de Fomento de Exportação, deslocam-se ao nosso País, no próximo mês de Setembro, quatro dos mais importantes importadores ingleses de moldes para plástico. Estão previstos contactos com os exportadores portugueses, e visitas a unidades industriais e centros económicos no Porto, Oliveira de Azeméis, Leiria, Marinha Grande e Lisboa.

Espera-se com esta iniciativa, o incremento da exportação de moldes para plásticos para o Reino Unido, que aliás já constitui mercado relevante no sector.

BARATA MOURA EXPÔE EM SINTRA

Inaugurada em Sintra, na sexta-feira, a sua quarta exposição de pintura naquela vila, do pintor Barata Moura. O artista apresenta-se no Palácio Valença (biblioteca-museu), no centro da vila, próximo da Praça da República e do Palácio Nacional.

Na exposição, subordinada ao tema «Sintra sempre bela», serão apresentados 60 trabalhos, que ficarão patentes ao público até 15 de Setembro.

Os visitantes poderão também admirar 20 trabalhos extra-católogo, reunidos por Barata Moura e destinados a reforçar a verba da campanha em prol das obras de beneficiação e modernização do hospital de Misericórdia local.

A avaliar pelo êxito obtido na exposição do ano passado naquela aprazível vila, em que o artista Barata Moura não ficou com um único trabalho e teve que executar 45 encomendas não só para o nosso País, como para a América, Inglaterra, França, Itália, Alemanha e Espanha, é de supor que igual êxito lhe esteja assegurado este ano.

GENTILEZAS

O General seguiu não sei para onde, na companhia do oficial às ordens, e do comandante do sector. Nunca soube se tinha ido para qualquer missão ariscada, a que não quisesse expor o jornalista, ou se foi visitar algum local que não interessasse mostrar-me. Quanto a mim, segui no outro heli para Teixeira



Onde o Governador aparece, logo se juntam guinéus para o ouvirem.

A Seguir:

A "FORÇA AFRICANA"

CONTRA O P.A.I.

DL/ESTRANGEIRO

NIXON E VIETNAME

AS TROPAS RETIRAM MAS OS BOMBARDEAMENTOS PROSSEGUEM

SAN CLEMENTE, 29 — (F. P. e R.) — O presidente Nixon projecta anunciar que vai retirar mais tropas americanas do Vietname do Sul, enquanto continua com os intensivos bombardeamentos e bloqueio marítimo do Vietname do Norte.

Espera-se que a comunicação de Nixon que deverá ser feita nesta cidade leve a uma redução de 13.000 homens na força de 139.000 soldados até à altura em que se realizar a votação na eleição presidencial de Novembro próximo.

Os restantes 25.000 homens — técnicos pessoal dos serviços de abastecimento, tripulações e conselheiros mas não tropas de combate terrestre — devem provavelmente ficar segundo se cre como uma força residual para apoiar a exigência do presidente da libertação de prisioneiros de guerra americanos detidos em Hanoi.

O secretário de estado Melvin Laird, pareceu ontem modificar as condições estabelecidas pelo presidente em 8 de Maio, quando afirmou que os bombardeamentos seriam suspensos após Hanoi retirar as suas tropas invasoras do norte da zona desmilitarizada.

Contudo o secretário presidencial para a imprensa, Ronald Ziegler, interveio e acrescentou rapidamente que a política advogada em Maio

pelo presidente ainda se mantém.

Nixon que afirmou durante a campanha eleitoral de 1968 que tinha um plano secreto para acabar com a guerra, acredita ter o apoio do povo americano quanto aos bombardeamentos aéreos e bloqueio marítimo desde que retire tropas terrestres e mantenha as baixas perto de zero.

Embora retirando forças terrestres do Vietname do Sul, Nixon concentrou ao largo das costas desse país uma armada de mais de 60 navios de guerra, incluindo porta-aviões e 39.000 marinheiros e aviadores, para conduzirem a guerra aérea e fazerem o bloqueio.

Os efectivos militares americanos da Tailândia aumentaram em cerca de 50.000 homens e mais de 900 caças bombardeiros e cerca de 200 B-52, cada uma deles podendo transportar 30 toneladas de bombas, estão empenhados na guerra aérea contra o Vietname do Norte.

ATAQUE OUSADO A HAIPHONG

Quatro navios de guerra americanos navegaram perto do porto norte-vietnamita de Haiphong, para bombardear um depósito de combustível e aquartelamentos nos arrabaldes da cidade, segundo anunciou hoje o comando dos Estados Unidos.

Duas vedetas de patrulha norte-vietnamitas foram afundadas, quando perseguiram dois cruzadores e dois contra-torpedeiros americanos até ao Golfo de Tonkin, após o ataque, no domingo passado.

O ataque ocorreu um dia antes de informadores do comando americano confirmarem que um pequeno caça-minas chinês se encontrava ancorado em Haiphong.

O vice-almirante Holloway, o novo comandante da Sétima Esquadra americana, encontrava-se a bordo do cruzador pesado que participou no bombardeamento.

Numa mensagem pela rádio aos barcos envolvidos na missão, o almirante classi-

ficou-a como «um ataque ousado contra território inimigo fortemente defendido».

Um informador da marinha americana revelou que os alvos atingidos incluíram o depósito de combustível de Cat Bi, três quilómetros a sueste dos limites da cidade de Haiphong, e o aquartelamento do exército de Do Son, 14 quilómetros mais a sueste.

Um dos quatro navios, o contra torpedeiro «Robinson», Equipado com mísseis teleguiados, foi atingido por estilhaços de granadas que rebentaram a uma distância de 10 metros, mas ninguém ficou ferido.

O informador disse a jornalistas que não via qualquer ligação entre o ataque naval

e a recente detecção do caça-minas chinês, no porto norte-vietnamita minado.

Não havia ainda qualquer indicação de que o caça-minas tentasse retirar qualquer das minas americanas largadas no porto.

A CHINA FURA O BLOQUEIO

PEQUIM, 29 — A entrada de um caça-minas no porto de Haiphong representa, no plano diplomático, um novo triunfo para o Vietname do Norte, na medida em que surge como o sinal mais tangível do crescente apoio da china, desde que foi decidido o bloqueio das costas norte-vietnamitas, contra a vaga de especulação que deixava prever, em face do bloqueio e dos bombardeamentos maciços ao norte do paralelo 17, um recuo chinês o qual, adicionado ao da União Soviética, poderia le-

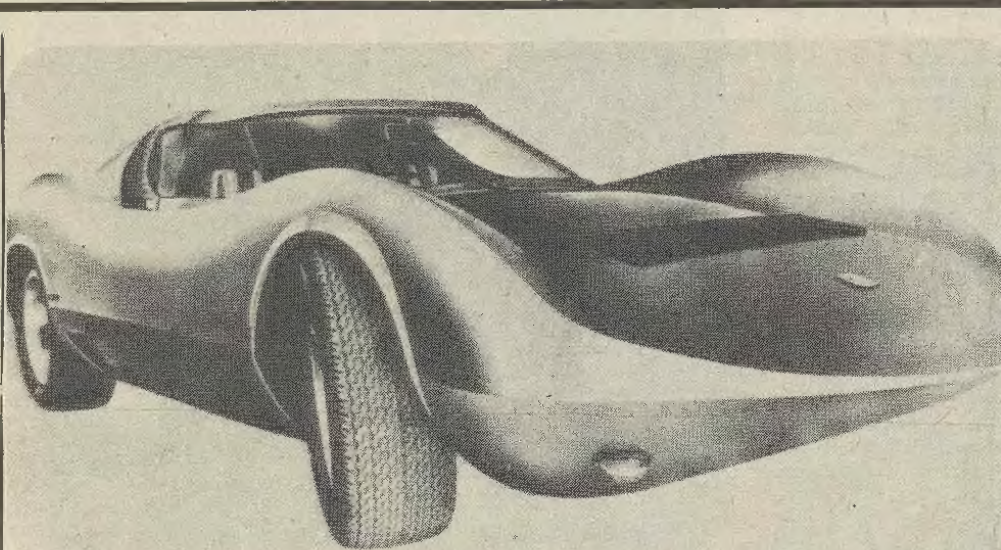
var em breve o Vietname do Norte a transigir.

Os navios de Pequim têm continuado a abastecer o Vietname, o que já deu lugar a incidentes em Maio e em 22 do corrente, quando a aviação americana abriu fogo sobre barcos chineses.

Por duas vezes, em 9 de Maio e em 24 de Agosto o Ministério dos Negócios Estrangeiros apresentou notas de protesto, acusando designadamente os Estados Unidos de violarem a liberdade de navegação.

O envio do caça-minas prova, entretanto, que a China não tenciona, de modo algum, aceitar o bloqueio como facto consumado.

Mostra igualmente que a China mantém a posição adoptada até agora: a solução da questão indochinesa é condição prévia para a normalização das relações com os Estados Unidos.



O modelo mais completo de automóvel contra a poluição parece ser o «Gvang» — um carro a vapor, com um motor de dois cilindros que trabalha a água e petróleo, uma autonomia de 1600 km e uma velocidade máxima de 320 km/h. O seu criador, arquitecto Gene Van Groen, afirma que se trata do automóvel mais avançado do mundo (no seu género) e gastou cinco anos e 300 mil dólares 9800 contos a fabricá-lo. O modelo encontra-se em exposição no Salão Internacional de Sidney (Austrália) (Telefoto UPI/Telelimprensa/«DL»)

"LUTA INCANSÁVEL E IMPIEDOSA" PROMETEM OS GUERRILHEIROS DO IRA

BELFAST, 29 — (R.) — Guerrilheiros do Exército Republicano Irlandês desencadearam, às primeiras horas de hoje, um ataque maciço contra tropas britânicas nesta capital, após prometerem continuar «incansável e impiedosamente» a sua luta para expulsar a Grã-Bretanha da Irlanda do Norte.

Os guerrilheiros abriram fogo com metralhadoras ligeiras e carabinas automáticas contra patrulhas e um posto do Exército, numa área católica durante quase três horas no Hospital Real de Vitória, com alguns dos homens do IRA entrancheados no parque para estacionamento de automóveis do estabelecimento hospitalar e no telhado da residência das enfermeiras.

Um informador do Exército disse que cerca de 1000 descargas foram trocadas durante a batalha e afirmou que os soldados tinham atingido entre 6 e 16 guerrilheiros. Nenhum soldado ficou ferido e não foram encontrados, também, guerrilheiros feridos.

O aviso de uma luta incansável e impiedosa foi feito a noite passada em Dublin pela Ala Provisória militante do Exército Republicano Irlandês.

Ontem, morreram dois soldados britânicos na Irlanda do Norte, um deles atingido por um atirador emboscado e o outro num incidente misterioso que o Exército afirmou não ter envolvido civis.

A comunicação feita em Dublin pela Ala Provisória do IRA dizia que, no decurso do que classificou como «operações de resistência», durante as duas últimas semanas, os seus homens tinham morto nove soldados britânicos e dois membros do regimento de voluntários de defesa do Ulster.

Mais 56 soldados e 4 polícias foram feridos, prosseguia a comunicação. Dizia ainda que cinco voluntários do IRA tinham sido «mortos em serviço activo» durante o mesmo período.

O comunicado avisava, também, os civis para não se aproximarem de bases ou veículos do Exército britânico visto, estavam sujeitos a serem atacados repentinamente e pedia a boicotagem das conversações de todas as partes destinadas a procurar uma solução para os problemas da província e que foi marcada para Setembro.

A campanha do IRA não terminaria «até as exigências apresentadas pelo movimento republicano terem sido completamente satisfeitas pelo Governo britânico». O IRA pretendia ainda «que uma conferência irlandesa chegue a uma solução irlandesa para os problemas da nossa pátria».

Continuaremos, portanto, incansável e impiedosamente com a nossa campanha até à vitória, de forma a que nunca mais seja pedido ao nosso povo para fazer estes sacrifícios — acrescentava a comunicação.

A "COMISSÃO DOS 24" PEDE SANÇÕES CONTRA PORTUGAL, ÁFRICA DO SUL E RODÉSIA

NAÇÕES UNIDAS, 29 (ANI e R.) — Uma comissão da ONU vai recomendar um apelo aos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Portugal e África do Sul para concederem a independência a territórios estrangeiros e a todas as nações para imporem sanções contra Portugal, África do Sul e Rodésia do Sul.

A comissão especial sobre descolonização, a chamada comissão dos 24, apresentará às recomendações, juntamente com um relatório sobre condições nos territórios dependentes, à 27.ª assembleia geral da ONU, que deve começar em 19 de Setembro.

A comissão alegou que os Estados Unidos, como «po-

tência administradora», não tinham informado os habitantes das ilhas Virgens do «seu direito a auto determinação e a independência».

Recomendou que a Grã-Bretanha e Portugal transferissem imediatamente poderes políticos para os habitantes da Rodésia do Sul, Moçambique, Angola e Guiné-Bissau, nos termos de um sistema de governo de maior.

PORTO-RICO

A comissão especial de descolonização da ONU decidiu que o Porto Rico é uma colónia e que o seu povo tem direito à independência.

A decisão, proposta por Cuba e rejeitada violentamen-

te pelos Estados Unidos, foi aprovada por doze votos a favor, nenhum contra e dez abstenções.

Alguns delegados que se absteram, entre eles o da Suécia, lembraram que a assembleia geral de 1971 se tinha oposto a uma decisão semelhante e que esta comissão, formada por 22 países, não deveria alterar essa decisão.

No entanto, outras delegações, incluindo a República da China e a Rússia, declararam durante o debate que o Porto Rico se deve considerar uma «colónia norte-americana» e que o seu povo deve ter o direito à independência.

O embaixador norte-americano, George Bush, rejeitou

a oposição de Washington, logo no princípio do debate: «O meu governo deu-me instruções para registar o nosso contínuo protesto por esta interferência de Cuba nos assuntos internos dos Estados Unidos e do Porto Rico».

NAMÍBIA

O secretário geral da ONU, Kurt Waldheim, deve escolher em Setembro o seu enviado especial para tratar da independência da Namíbia (Sudoeste Africano). Até agora, Waldheim não deu indícios sobre a personalidade da sua escolha, mas foram contactadas várias individualidades.

DL/ESTRANGEIRO

RECEPÇÃO CALOROSA EM MOSCOVO A ÂNGELA DAVIS

MOSCOVO, 29 (R) — A militante negra americana Angela Davis chegou a Moscovo, onde foi recebida calorosamente, e ao chegar ao aeroporto predisse que os Estados Unidos virão a ser também um dia conquistados pelo comunismo.

Angela, notória comunista americana, disse aos seus anfitriões russos, entre os quais se incluía a cosmonauta Valentina Tereshkova, que era «uma experiência maravilhosamente in-

descritível encontrar-se em solo soviético».

Miss Davis afirmou ser portadora das saudações dos negros e de todos os outros povos oprimidos que se encontram na América, sendo portadora também das saudações da classe trabalhadora e dos povos que nos permitirá eventualmente a todos juntarmos ao povo soviético nas fileiras do Socialismo.

Cerca de 300 pessoas, a maior

parte mulheres, dirigiram-se ao aeroporto moscovita de Sherek-metyevo, para darem as boas-vindas à militante negra americana, ao mesmo tempo que lhe ofereciam flores e transportavam cartazes escritos em inglês e russo a dizerem: «Sinceros e calorosos cumprimentos à balhadora dos Estados Unidos «que está rapidamente a tomar corajosa patriota americana Angela Davis».

Logo que saiu do avião comercial soviético Iluyshin-62, que a transportou desde Paris, Angela Davis foi abraçada e beijada por Valentina Tereshkova, a primeira mulher do mundo no espaço, em nome de todas as mulheres soviéticas.

A cosmonauta Tereshkova é presidente da Comissão Feminina Soviética, uma das organizações que apadrinhou a viagem da comunista americana Angela Davis.

TENSÃO ENTRE O GOVERNO E A OPOSIÇÃO PÕE EM PERIGO A PAZ NO CHILE

SANTIAGO, 29 — O presidente chileno, Salvador Allende, levantou ontem o estado de emergência proclamado, há uma semana, na província de Santiago, depois de graves incidentes derivados de uma greve nacional de lojistas. Na sexta-feira passada, o Governo le-

vantou também o estado de emergência proclamado cinco dias antes, na província de Magallanes, no extremo sul do país. Entretanto, era decretado, ontem à noite, o estado de emergência na província de Bio Bio, 558 quilómetros a sueste da capital chilena, segundo o ministro do Interior, Jaime Suarez, a medida foi tomada a fim de evitar perturbações, no decorrer de uma greve anunciada para hoje. Os grevistas, dos sectores industrial, comercial e agrícola, protestam contra o encerramento da estação de rádio «Agricultura» de Los Angeles, capital de Bio-Bio. Esse encerramento faz parte das cinco medidas tomadas sexta-feira passada pelo Ministério do Interior, para lutar contra os «delitos económicos e políticos».

Entretanto, o clima é muito tenso entre a esquerda no Poder e a oposição. Os incidentes ocorridos, a semana passada, em Santiago e na província, originaram essa tensão que pode pôr em risco a paz civil.

Os dirigentes dos partidos da coligação governamental, aproveitaram o fim-de-semana para percorrerem a província e lançarem um apelo à «mobilização das massas», contra qualquer tentativa de «sedição» por parte da direita.

Do lado da oposição, o Partido Democrata-Cristão (centro), o Partido Nacional (direita) e o Movimento Pátria e Liberdade (extrema-direita) tornaram público que as medidas governamentais para fazer respeitar a ordem (o estado de emergência em Santiago foi a principal) constituem um fenómeno repressivo «antidemocrático».

Enquanto os dirigentes da esquerda acham que se tornará cada vez mais difícil conter as massas populares, na medida em que a direita continua a provocar incidentes de rua, os chefes da oposição declaram, por seu lado, que deixarão de poder responder pela «disciplina» dos opositores ao regime, desde que a «repressão» se ins-

ta no Chile.

Ambas as partes encontram motivos de descontentamento nos incidentes da semana passada. Para a esquerda, a greve nacional dos comerciantes, em 21 do corrente, foi uma manobra política. As manifestações de rua que se seguiram, na capital, e durante as quais o ministro do Trabalho, sr. Mireya Baltrak (comunista) foi vaiada e ferida por um grupo de jovens, e ainda a morte de dois operários nruais, abatidos a tiro na região de Puerto Mont, durante um atentado de um comando da extrema-direita, constituem «uma escalada inadmissível da violência reaccionária» declara a «Unidade Popular».

Para o centro e a direita, as manifestações de hostilidade à política do regime constituem um direito absoluto e qualquer restrição que o afecte é um abuso do Poder.

As declarações de uns e outros permitem imaginar que os elementos mais agitados da esquerda e da direita estão prontos para a desordem.

O jornal comunista «El Siglo» limita-se a pedir aos tribu-

nais que sejam severos com os

causadores dos tumultos. Com efeito, o Partido Comunista chileno continua a representar a corrente da ordem e legalidade dentro da «Unidade Popular».

O secretário-geral do Partido Socialista vai mais longe. Carlos Altamirano, um dos duros do Partido, eleito no ano passado para a chefia dessa importante formação política de esquerda, declarou, num comício de agricultores, na província de Cautín (sul do Chile): «Que a direita não brinque com o fogo, que cesse de provocar o povo. Porque a violência reaccionária responderá à violência revolucionária. Os que seguem o caminho da violência encontrar-nos-ão pela frente — acrescentou. Não tencionamos ceder a rua aos «móveis» (expressão chilena para designar os conservadores).

O editorialista da «Prensa», órgão do Partido Democrata-Cristão, que habitualmente emprega uma linguagem pacificadora e comedida, diz, por seu turno: «Enquanto a situação económica não regressar à normalidade, o povo continuará a protestar e a agitar-se... só a esperança de uma decisão eleitoral mantém a disciplina nos espíritos. Mas esta será difícil de conservar, se o Governo tentar abafar o descontentamento através da repressão».

O programa de política externa do senador McGovern

PARIS, 29 — (F. P.) — Abram Chayez, conselheiro principal de política externa do senador McGovern, candidato democrático à presidência dos Estados Unidos, declarou numa conferência de imprensa que «é evolucionário o compromisso dos Estados Unidos para com a Europa».

Chayez está a fazer breve visita a Paris, onde deve ser recebido hoje por André Bettencourt, secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros, e por altos funcionários do Ministério da Defesa Nacional, antes de seguir para Israel, RFA e Grã-Bretanha.

O programa de McGovern prevê a saída da Europa de duas divisões e meia americanas, sejam, 170.000 homens com as forças de apoio, de logística, etc., mas, acentuou Chayez, estas forças ficarão ao dispor da

NATO. Além disso, se a URSS mostrar nas três negociações (as do armamento estratégico, da redução equilibrada das forças e da segurança europeia) que não está seriamente interessada no desanuviamento, esta decisão poderá ser revista.

Vietname: noventa dias depois da posse de McGovern cessariam todas as actividades militares americanas na Indochina, em terra, mar e ar, e os Estados Unidos retirariam o seu apoio ao presidente Nguyen Van Thieu, a quem deixariam de fornecer armamentos. Chayez disse também que os Estados Unidos retirariam o apoio ao presidente Lon Nol do Camboja e que seria interrompida a intervenção militar no Laos, conduzida pela CIA.

China: os Estados Unidos evacuariam as suas forças da Formosa e normalizariam as

suas relações com Pequim. Porém, Chayez recusou-se a dizer se os Estados Unidos cortariam as relações diplomáticas com Taipé.

Japão: os Estados Unidos permaneceriam fiéis ao tratado de segurança mútua nipo-americano. O problema da implantação das forças americanas no Japão seria tratado com prudência, devido às suas incertezas na política externa nipónica.

Médo Oriente: os Estados Unidos estariam atentos à manutenção do equilíbrio das forças. O seu auxílio a Israel não deveria ficar ligado a concessões políticas ao Governo de Jerusalém.

Mediterrâneo: permaneceriam no Mediterrâneo Oriental dois porta-aviões da Sexta Esquadra e a presença americana seria reduzida, naquela região.

CONVERSACOES ENTRE AS DUAS COREIAS

PANMUNJOM, 29 — Uma delegação de 54 sul-coreanos, vinda de Seul, atravessou a fronteira em Panmunjom, hoje, para tomar parte na reunião das duas Cruzes Vermelhas dos dois países, em Pongyang. Na fronteira, crianças norte-coreanas ofereceram flores aos sul-coreanos, que entretanto se submetiam às formalidades duma passagem de fronteira normal.

As conversações entre as duas organizações começam amanhã (às 2 da manhã, hora portuguesa), sobre a reunião de famílias coreanas divididas.

UNIFICACAO

HONG-KONG — A Coreia do Norte acusou hoje os americanos, através da «agência central de Imprensa norte-coreana, captada em Hong-Kong, de terem enviado um contra torpedeiro à Coreia do Sul, a fim de provocar um conflito entre as duas coreias e agravar a tensão» na península. A agência acrescenta que a modernização de equipamentos militares na Coreia do Sul é «um desafio ao desejo ardente do povo coreano, do sul e do norte, de realizarem a unificação nacional em paz, sem o emprego das armas».

A CAMINHO DA ISLÂNDIA BARCOS ALEMÃES DE PROTECÇÃO À PESCA

BONN, 29 — Dois barcos alemães de protecção da pesca, seguiram hoje desarmados para a Islândia, a fim de lá chegarem em um de Setembro — data em Islândia pretende aplicar a extensão unilateral dos limites de águas para a pesca, de doze para cinquenta milhas marítimas, sem atender a decisão do Tribunal Internacional de Justiça, na Haia.

Os dois barcos alemães, o «Meerkatz» e o «Fritjof», têm, no conjunto, uma guarnição de 65 homens e estão em contacto permanente, pela rádio, com os arrastões alemães que se encontram nos pesqueiros islandeses. Os barcos mantêm também contacto com o ministério da agricultura, em Bonn.

O tribunal da Haia decidiu que, até se chegar a uma decisão, a Islândia deveria autorizar os barcos de pesca da Inglaterra e da Alemanha Federal a trabalhar até o limite de doze milhas, com base no volume das pescarias do ano passado.

A Islândia, quando o tribunal decidiu a acção intentada pela Inglaterra e pela Alemanha, declarou que não reconhece a jurisdição do tribunal.

AUMENTA A CRIMINALIDADE NOS ESTADOS UNIDOS

WASHINGTON, 29 — (ANI e F. P.) — Segundo um relatório do FBI, a criminalidade nos Estados Unidos continuou a aumentar ao ano passado, mas a um ritmo menos acentuado que nos anteriores. O FBI registou, em 1971, 6 milhões de crimes diversos, o que representa um aumento de sete por cento relativamente ao ano anterior.

Houve, no ano passado, 69.000 prisões, sendo 68 por cento de cadastros. Naquele número de crimes, houve 17.630 homicídios. Cinquenta e um por cento deles foram cometidos com armas de fogo. Os polícias foram particularmente visados pelos criminosos. Em 1971, foram assassinados 126, mais 26 por cento do que em 1970.

O relatório do FBI refere ainda 41.890 casos de violação (mais 11 por cento que no ano passado), mas o FBI acha que esse número é inferior ao verda-

deiro, pois muitas vítimas preferem não apresentar queixas das violências de que foram objecto. Confirmando uma tendência verificada há vários anos, a criminalidade aumenta mais rapidamente nos subúrbios (11 por cento) do que nas cidades propriamente ditas (3 por cento).

Enquanto os roubos de automóveis aumentavam apenas 2 por cento, os das bicicletas subiam 17 por cento, o que demonstra um inegável acréscimo de popularidade deste meio de transporte.

Os Estados Unidos sofreram um aumento de população avariado em 139 mil pessoas durante o mês de Julho, sendo actualmente de 208 milhões e 837 mil pessoas a população total do país — informa o departamento de recenseamento.

O número total de agora sofreu um aumento de 0,9 por cento ou um milhão e oitocentas mil pessoas em relação a Julho do ano passado.

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Concurso de provas práticas para oficiais de 2.ª classe de oficinas (especialidade de Vidraceiro)

Nos Hospitais Civis de Lisboa — Secção de Pessoal — Hospital de S. José — aceitarão inscrições até ao dia 11 de Setembro próximo, para o concurso de provas práticas para oficiais de 2.ª classe de oficinas com a especialidade de Vidraceiro.

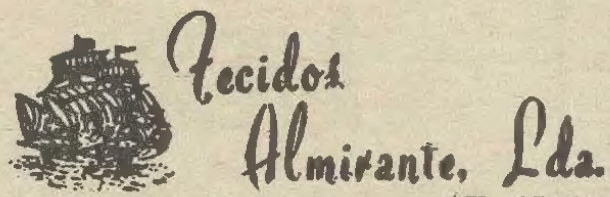
Os interessados deverão obedecer às seguintes condições:

- Idade: Mais de 18 e menos de 35 anos;
- Habilitações literárias: 2.º grau de instrução primária.

DL/GERAL

A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO PRIMÁRIO

OS SALDOS



AV. ALMIRANTE REIS, 23 - A

JÁ COMEÇARAM

VISITE-NOS E VERIFICARÁ

QUE OS NOSSOS SALDOS

SÃO SEM DÚVIDA OS MAIS

SENSACIONAIS DE LISBOA

QUEREMOS CRÈME GLACE!!



CRÈME GLACE

FAMILIAR

é uma alegria!

Prepare em casa, económica e rapidamente,
CREMES e GELADOS deliciosos e nutritivos
(com vitaminas, proteínas e minerais) e todos
os benefícios do Iogurte Express Bévita.
Sobremesas e lanches requintados,
maior agrado para todos, mais prestígio para si.
FÁCIL DE PREPARAR BASTA JUNTAR LEITE!
ECONÓMICO!
Em embalagens de 10\$00, disponível nos sabores de baunilha, caramelo,
alperce, morango e chocolate.

Continuação da pág. 3

bém tem de dar a todos iguais oportunidades de desenvolvimento. Esta perspectiva demarca com extrema clareza todo um conjunto de objectivos para a Educação Física na medida em que toda a acção a desenvolver tem de assentar sobre os meios que lhe são atribuídos, na situação real em que a Escola se encontra e nas possibilidades actuais do professor do ensino primário.

3) — Este último ponto faz-se cair directamente sobre um dos problemas mais controversos que se têm levantado em relação a toda a perspectiva em que nos encontramos: quem deve responsabilizar-se pela Educação Física no Ensino Primário? A resposta a este problema depende da filosofia educativa de cada um. A nossa resposta é clara e objectiva: consideramos o professor do ensino primário como um educador que deve ser responsabilizado por todo o processo educativo da criança.

Ora aqui, levanta-se um outro problema que, sem dizer directamente respeito à Educação Física (visto que, o que está em causa é toda a situação do ensino primário) a condiciona terrivelmente: como assucar responsabilidades a alguém quando não se lhe dão as necessárias condições para a sua objectivação. É fácil, neste momento, fazer um rápido movimento de enfiado e dizer que toda a gente conhece as condições económicas e didáticas em que o professor do ensino primário actua. Mas será bem assim? Realizará bem toda a comunidade as espantosas condições em que o professor está a trabalhar? Tudo isto para chegarmos aos problemas da formação: a E. F. tem uma pedagogia própria, como qualquer outra disciplina. Todo o nosso problema é o de encontrar soluções concretas que, sendo realizadas dentro daquelas condições, possam contribuir concretamente para a educação total da criança.

Consequentemente, a formação do professor, não podendo deixar de partir das condições actuais em que se encontra, não pode ser, no campo da E. F., ligeira ou superficial; o professor não pode contentar-se em ensinar unicamente, um «dogma»; não se pode também pensar em substituir o professor «incapaz» por pessoal não suficientemente qualificado no campo educativo e psico-pedagógico (o que seria uma forma de desvirtuar completamente as intenções formativas da E. F.). Tudo isto nos faria falar longamente da formação dada actualmente nas Escolas do Magistério Primário e nas condições concretas de uma formação permanente realmente eficaz. O que não fazemos... porque este escrito alongar-se-ia desmesuradamente.

4) — Para finalizar desejamos referir uma das críticas fundamentais é que recebem 3 aspectos distintos mas interligados:

O problema do aparecimento de campeões: para se entender bem a questão é indispensável ver-se que o campeão é o produto de um esforço colectivo que integra todos os sectores sociais. É nesta perspectiva que desejamos, e desejamo-lo ardentemente, que apareçam autênticos campeões (exactamente da mesma forma como desejamos que apareçam «campeões» executantes musicais, «campeões» da representação teatral, «campeões» no campo da ciência, etc.). Tudo está em saber se ao criticar a prática desportiva infantil o adulto não está a «projectar» a sua própria prática no mundo da criança, procurando a «absolvição» do seu comportamento numa atitude de paternalista protecção que consideramos de duvidosa validade educativa.

Aqui o problema surge-nos com dupla face: em primeiro lugar consideramos a «performance» como uma actividade em que o ser humano dá livre curso à sua capacidade criadora. Através da «performance» o indivíduo inventa dá a si próprio e aos outros, novos poderes.

Em segundo lugar é indispensável distinguir uma prática social da actividade física de uma prática formativa dessa actividade.

O problema dos campeonatos — referir que a realização de campeonatos é o que mais interessa é conclusão cuja responsabilidade cabe inteiramente ao comentador. Desejamos dizer que os campeonatos têm, evidentemente, a sua importância própria dentro de todo o esquema que se deseja montar — defendemos uma pedagogia concreta, que aproxime a criança da realidade social em que vive, e que permita a real participação activa das crianças. Defendemos também a abertura da Escola e o intercâmbio escolar (na linha de um Freinet, por exemplo): estamos convencidos de que, no sector da E. F., o encontro, torneio, «convívio» ou campeonato como se lhe queira chamar é factor de grande importância educativa;

É evidente que, em relação a todo este problema a questão está no seu ponto de partida. Dizer que o desporto de competição pressupõe a ginástica, sem o que será um risco, é uma perspectiva que não seguimos. Foi essa uma visão que, durante muito tempo, opôs defensores da «ginástica educativa» aos defensores da iniciação desportiva, e que hoje já não tem qualquer razão de subsistir à luz dos modernos conhecimentos científicos. É evidente que, num momento em que a crítica tem mais como raiz a destruição de determinadas personalidades do que a análise serena e lúcida das verdadeiras necessidades da criança, tal perspectiva é dificilmente aceitável. Todavia nós defendemo-la baseando-nos numa cuidada análise psico-pedagógica e científica das modernas tendências da Educação e da Educação Física.

Fica assim bem claro que, em nossa opinião, a prática desportiva educativa infantil é uma necessidade fundamental na vida da criança. Todavia longe de nós a ideia de que deve ser a única actividade possível no campo de E. F. no E. P. Teríamos ainda muito que dizer da expressão corporal, da actividade lúdica não desportiva, das actividades de cunho especificamente psico-motor, se é que é possível fazer uma separação tão nitidamente marcada entre actividades que têm todas a mesma raiz — a personalidade infantil.

Do que não temos a certeza é de que ao criticar-se aquilo que está a ser feito actualmente, e que como é evidente, nos compete defender, não se está a partir de um conjunto de preconceitos que se radicam numa perspectiva ideológica que não estamos certos que tome em consideração a autêntica personalidade infantil, a realidade socio-cultural em que ela se desenvolve, e que, no fundo, têm exactamente dado origem a que a E. F. seja o «parente pobre do ensino».

Não estamos também certos de que se esteja a tomar em consideração a situação concreta em que actua o professor do ensino primário e a realidade socio-cultural e económica em que se insere a Escola. Para nós neste momento crucial da E. F. nacional o problema é este: como, dentro dos parâmetros sociais actuais, encontrar soluções objectivamente aplicáveis a 1 milhão de crianças e como resolver, concretamente, os problemas levantados por um atraso de muitas dezenas de anos.

É que para que o «parente pobre» deixe de ser é indispensável caminhar resolutamente na via da transformação de toda uma cultura que, por exemplo, faz da E. F., um dos «parentes pobres» da informação jornalística, mas que também tem feito do sensacionalismo desportivo o processo de «salvação» económica de muitos jornais.

Esperando que a «Opinião» agora expressa pelo Diário de Lisboa seja o início de um amplo debate sobre o problema da E. F. no E. P., somos, apresentando as nossas cordiais saudações.

I BIENAL DOS ARTISTAS NOVOS

Até 23 de Setembro, os jovens artistas interessados podem inscrever-se na I Bienal Nacional dos Artistas Novos, promovida por iniciativa da Fundação Cupertino de Miranda, de Vila Nova de Famalicão.

Os artistas residentes em Lisboa podem entregar os seus trabalhos na Sociedade Nacional de Belas Artes. Os quatro primeiros prémios constam de estadia completa de um e dois meses em Londres e em Paris.

NOVO BISPO DE COIMBRA

Chegou a Lisboa o novo bispo de Coimbra, D. João António Saravia, que dentro em breve toma posse da Sé da diocese. O referido prelado pastoreou durante vários anos a diocese do Funchal, tendo à sua saída designado governador interino do bispado o rev. dr. Agostinho Gonçalves Gomes.

Concurso para guardas da P.S.P.

Torna público o Comando-Geral da P.S.P. que se mantém aberto o concurso para guardas, realizando-se as provas de admissão no mês que vem. As condições de admissão, programa do concurso, bem como as normas da documentação a apresentar, podem ser indagadas no Comando-Geral da P.S.P., Av. António Augusto de Aguiar, 18, em Lisboa, ou ainda em qualquer comando distrital da polícia, nas sedes de concelho onde existem secções, esquadras e postos policiais, ou solicitadas por carta dirigida ao Comando-Geral.

DL/NACIONAL

CEM MIL CRAVOS INTOXICADOS POR UMA FÁBRICA DE CERVEJA

Perto de cem mil cravos morreram intoxicados em três granjas do Cacém. Os floricultores culpam a fábrica de cerveja «Cergal», cujos resíduos teriam inquinado a ribeira das Jaldas, já que a estação purificadora da fábrica começou a funcionar com bastante atraso e apenas a 60 por cento da sua capacidade.

A ribeira atravessa as três granjas florícolas das Lopus no Cacém, onde as suas águas são aproveitadas para a rega das flores.

As consequências não poderiam ser mais desastrosas: as plantações estão quase totalmente queimadas, cada leira marchetada de grandes zonas amarelas de caules ressequidos, orçando o prejuízo pelo meio milhão de contos.

Os proprietários das herdades são os srs. Carlos Mogas, António da Costa Gomes e José Manuel da Silva Encarnação. Os prejuízos que sofreram montam, respectivamente, a cerca de duzentos, cem e duzentos e cinquenta contos. Isto sem contar com os que lhes advêm diariamente da imobilidade em que são forçados a manter os cultivos.

Foi uma verdadeira calamidade — diz Carlos Mogas. — Estava aqui com uma serra linda: produzia-me 500 molhos de cravos por semana, em três colheitas agora, se tiro uns cem, trinta e

pouco por colheita já estou com sorte.

Explica o desastre. Tem licença da Direcção-Geral dos Serviços Hidráulicos, válida por cinco anos, para utilizar a água da ribeira. Além desta, só dispõe da água de um pequeno poço, que é pouca e exige um trabalho dobrado para ser extraída. Sempre sem problemas. Até que a fábrica da Cergal começou a funcionar, vai para um mês. E de um dia para o outro foi o que se viu: leiras e leiras de plantas perdidas, a marcharem, a secarem, a passarem do fresco verde para o triste amarelo do restolho das searas umas atrás das outras. De 160 mil cravos perdeu já uns 40 mil.

Carlos Mogas como os outros floricultores não têm dúvidas de que a destruição das suas plantações se deve aos desperdícios da Cergal. A relação de causa e efeito foi extremamente evidente. Mal a fábrica entrou em funcionamento, a ribeira até aí transparente, tornou-se negra e mal-cheirosa o passou a ser sobrevoada por uma multidão de mosquitos — e a dizimar os cravos. E as leiras mais regadas foram as mais afectadas.

O cravo — explica o floricultor — é uma planta extremamente sensível. Basta um toque de enxada na raiz e é um ar que lhe deu. Na minha quinta as outras plantas não sofreram: lírios, despidados, narcisos, tudo isso é rijo, aguentou; agora os cravos foi uma dor de alma. Só salvei parte da plantação porque percebi a tempo o que se passava e deixei de me servir da ribeira. Mas mesmo assim, os cravos continuam a ressecir-se. Aparecem insectos que nunca tinham aparecido e que me destroem as flores antes de ter havido tempo de colhê-las.

As outras plantas de um modo geral resistem mas, para estes cultivadores, as flores — verdadeiramente rentáveis são os cravos. Cada cravo dura dois anos, sempre a produzir, até que se esgote. Nas suas estufas, protegidos

pelos alpendres de plástico transparente, amparados pelas redes, florescem e refletem, de Verão como de Inverno.

Um simples pé custa-me de um escudo e duzentos a cinco escudos — queixa-se o floricultor — Tenho de repovoar quase todo o cultivo; quem é que me vai pagar? Quem é que me vai pagar o prejuízo que todos os dias sofro com tamanha percentagem da plantação para?

A mesma queixa formulam-na os restantes dois proprietários. Com um deles, José da Encarnação, o desastre revestiu-se de aspectos aparentemente ainda mais acusatórios. Ele não precisou de se servir das águas do Jaldas para que elas lhe dessem cabo do cultivo. O que aconteceu foi simplesmente que a ribeira poluída lhe contaminou a água do poço que utiliza para a rega, e que lhe fica próxima. Agora serve-se de um pequeno furo de sonda que possui na herdade, sem quaisquer consequências perigosas.

Só queria saber — diz ele — se da fábrica me pagam o que perdi. Eles têm de nos indemnizar, não? Precisava de saber para levantar a plantação. Tal como está só me dá prejuízo. Porque é que os senhores da fábrica não vêm até aqui? Já pedimos, que viessem ver, que não mentimos... Não ligaram. Era preciso que

viessem cá avaliar os prejuízos, e mandassem depois alguém, alguém que perceba do assunto e nos analisasse as terras, visse se estão infectadas e se há que as tratar. E era preciso que nos pagassem o que nos vai custar o levantamento da plantação: não só em novos pés como em madeira e cordel para as redes, e em mão-de-obra. Nós apresentávamos as facturas, pois então? E em nos pagam isso ou é a nossa ruína.

E a posição da Cergal, qual? A Cergal parece atribuir grande parte das críticas de que está a ser alvo — não só devido à questão das flores mas também por causa do mau-cheiro da ribeira que incomoda os habitantes de certas zonas do Cacém — aos maus olhos com que uma empresa poderosa tende sempre a ser encarada.

Na verdade — explica o director técnico da fábrica, eng.º Luis Filipe Galvão Videira — o nosso dispositivo de purificação dos detritos não começou logo, e infelizmente ainda não está a funcionar em pleno. A razão é só uma: as chuvas não nos permitiram durante o Inverno trabalhar na construção da estação de tratamento de águas. Só agora o seu acabamento está a ser feito. O terreno que lhe foi destinado e muito pantanoso e foi absolutamente impossível erguê-la em devido tempo. Mas acho injustificados muitos dos ataques de que a Cergal por força disso tem sido objecto. Não foram os detritos daqui

da fábrica que empestaram com o seu mau cheiro a ribeira das Jaldas. Já era assim antes. Vão lá desaguar um esgoto (a céu aberto), o causal de desperdícios de uma fábrica de cortumes, o vazamento de um colégio de freiras, e sei lá que mais!

Relativamente ao ocorrido com os floricultores, o director técnico da Cergal, sem fazer fôncapé na inocência da empresa, manifesta certo optimismo, fundamentando-se nestes dois pontos:

1.º) há mesmo dentro dos terrenos da fábrica uma horta, cultivada por alguns seus operários, que é irrigada pela água da própria vala dos desperdícios e que nada se tem ressentido;

2.º) um dos floricultores anda já há tempos de candeias às avessas com a Cergal por ter uma parte da sua plantação em terrenos desta, cedidos graciosamente, e recentemente ter sido avisado de que a deveria levantar.

(O floricultor em questão é Carlos Mogas. Tem a palavra: «Não, não sinto qualquer má vontade contra a fábrica por causa disso. Estão no meu direito. Só espero é que me deem tempo para levantar as plantas sem as prejudicar».)

Hoje — diz o eng.º Luis Videira — a nossa estação de tratamento de águas está já a funcionar a 60 por cento. Quer isto dizer que a toxicidade de 60 por cento dos detritos é neutralizada. Os 100 por cento devem ser alcançados em Setembro. Trata-se de um dispositivo muito bom que importou em 6500 contos.

A Cergal tem, da Direcção-Geral de Serviços Industriais, uma licença provisória para laboração, que se tornará definitiva quando se provar a irreversibilidade do seu funcionamento — no meadamento que os seus detritos não terão qualquer

acção nociva. E essa prova que os seus responsáveis se empenham presentemente em prestar. Caso contrário, caso não consigam satisfazer os valores mínimos exigidos pelos Serviços Hidráulicos no tocante à toxicidade dos seus resíduos, a despesa com a estação de tratamento terá sido inútil e a fábrica terá que proceder a outra: a da abertura de um emissor directo dos seus detritos para o Tejo.

E agora? Agora, a questão vai ser debatida na Câmara Municipal de Sintra. Hoje mesmo. O administrador do bairro de Queluz, Eduardo Cardoso, comunicará o caso, em primeiro, ao presidente do município, que terá de lhe dedicar não poucas das suas horas. Está em jogo a continuidade de um pequeno negócio — o dos floricultores das Lopus — que nem por ser pequeno deixa de dar trabalho a 150 pessoas.



CAETANO BRÁS

Faleceu

GUIÃO — DIVULGAÇÃO PROMOCIONAL DE INDÚSTRIA E COMÉRCIO, S.A. R. L. cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do pai do nosso Administrador, Dr. António Brás Monteiro e que o funeral se realiza no dia 30 pelas 10 horas no lugar Arco Freixadas — Beira Alta.



companhia colonial de navegação

PARTIDAS DESTINOS

LINHA DE AFRICA

« UÍGE » a sair em 6 de Setembro às 16 horas	Com escala prévia por Leixões, para: LAS PALMAS, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO e MOÇAMÉDES. Carrega de 29 de Agosto a 1 de Setembro.
« IMPÉRIO » a sair em 9 de Setembro às 12 horas	Com escala prévia por Leixões para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE (*), NACALA e PORTO AMELIA (*). Carrega de 30 de Agosto a 3 de Setembro.
« PORTO » a sair em 13 de Setembro	Vindo dos portos do Norte da Europa com escala prévia por Leixões para: LUANDA (*), LOBITO (*), MOÇAMÉDES (*), CIDADE DO CABO, PORTO ELIZABETH, DURBAN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE (*), NACALA e PORTO AMELIA (*). Carrega de 7 a 11 de Setembro.
« AMBOIM » a sair em 24 de Setembro	Vindo dos portos do Mediterrâneo com escala prévia por Leixões para: LUANDA (*), LOBITO (*), MOÇAMÉDES (*), CIDADE DO CABO, DURBAN, LOURENÇO MARQUES, BEIRA e NACALA. Carrega de 18 a 22 de Setembro.
« INF. D. HENRIQUE » a sair em 26 de Setembro às 16 horas	Com escala por Las Palmas para: LUANDA e LOBITO. Carrega de 21 a 24 de Setembro.
« LOBITO » a sair em 29 de Setembro	Vindo dos portos do Norte da Europa com escala prévia por Leixões para: S. TOMÉ, LUANDA, PORTO ALEXANDRE (*), MOÇAMÉDES, LOBITO, NOVO REDONDO (*) e PORTO AMBOIM. Carrega de 25 a 28 de Setembro.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

« SANTA MARIA »
a sair em 25 de Setembro,
26 de Outubro e 26 de Novembro, às 18 horas

(*) SE NECESSÁRIO.
Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens.
LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Tel. 369621/23 * PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

ALMADA

FRANCISCO JOÃO FERREIRA PINHARANDA

(Missa do 30.º dia e Agradecimento)

Maria de Anunciação Trindade Pinharanda e mais família participam a todas as pessoas de suas relações, que amanhã dia 30 pelas 11 horas, na Igreja Nova de Almada será celebrada missa pelo eterno descanso do seu saudoso finado. Agradecendo desde já a todos os que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

AGÊNCIA SALGADO DE ALMADA — TEL. 270132

Reparação de Licenciamento, em 23 de Agosto de 1972.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

DL/DESPORTOS

CICLISMO

O adeus à "Volta"



Firmo Bernardino vai ser papá. A mulher (aquela ao lado) é sportinguista de gema: aliás, foi na sede dos «leões» que eles se conheceram.



Manuel Gomes: o excelente «sprinter» portista entra na história da «Volta» vencendo quatro etapas. Está na linha de outros «velozes»: Fernando Mendes e Onofre Tavares.

Destaque para um homem espanhol: José Abilleira foi o vencedor do «Prémio da Montanha» e ganhou, da entidade que representou, contrato para voltar a Portugal no próximo ano. Igualmente o seu director técnico (Federico Bahamontes) o recompensou com 40 mil pesetas (cerca de 16 contos).

Artur Agostinho e Tomé de Barros Queirós, organizadores da «Volta-73» (o seu contrato com a Federação de Ciclismo é por um mínimo de três anos) já declararam publicamente que a «Volta de Preparação» vai iniciar-se em Outubro.

Firmo Bernardino: um descolamento de músculo na perna direita obriga-o a tratamento no posto médico do Sporting.

Circuito da Malveira, marcado para o próximo dia 3 de Setembro, com um festival de encerramento na pista «Túlio Pereira».

Para os leitores recordarem que venceu as várias etapas da prova: Joaquim Agostinho, 5; Manuel Gomes, 4; Doyen, Firmo Bernardino, Juan Jerez e Leonel Miranda, 2; Andrés Sanchez, Cosme de Oliveira, Herculano Oliveira, Manuel Durão, Manuel Lote e Venceslau Fernandes, 1. Clubes: Sporting, 10; F. C. Porto, 4; Messias e Sangalhos, 3; Macieira, 2; Ambar e Benfica, 1.

O Benfica prepara a campanha do próximo ano: para já, contactou o algarvio Carlos Vitorino (Ginásio de Tavira) para vir radicar-se na capital.

O TRAÇO DE PARGANA



Joaquim Agostinho.



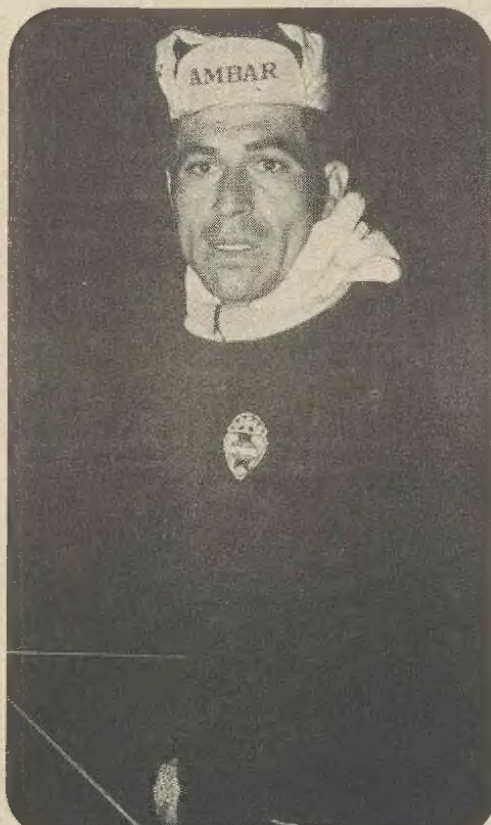
Joaquim Andrade.



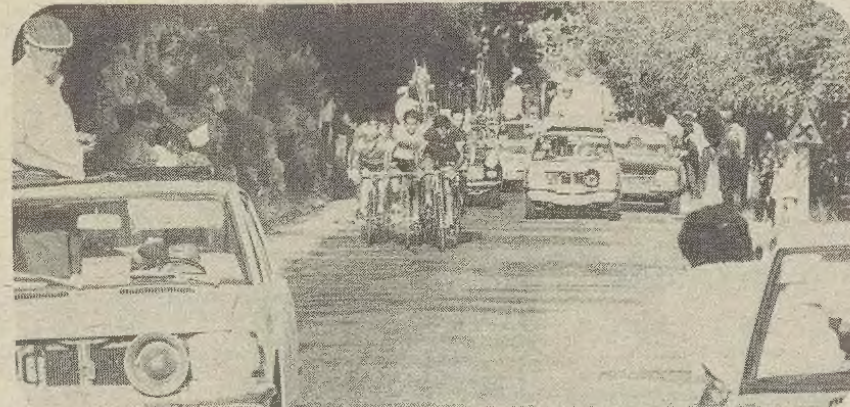
Fernando Mendes.



Leonel Miranda.



Pedro Moreira: ele que tanto queria ser o primeiro a chegar ao Algarve, acabou andando à procura de hospital por quase todo o Algarve.



António Guerreiro (à esquerda, no carro): ele foi um presidente de júri probo e honesto, mantendo com os órgãos informativos um diálogo frutuoso.



Fernando Mendes: um espantoso caso de profissionalismo. Fulgêncio Sanchez: um técnico que vai ser substituído. Venceslau Fernandes: um episódio «camisola amarela». Três figuras do Benfica que andaram nas bocas do mundo.

INTERESSA ÀS SENHORAS SALDOS

Uniformes para empregadas domésticas
PREÇOS INCRÍVEIS
BATAS E AVENTAIS
MODELOS GUANABARA
TINTURARIA GUANABARA
Av. João XXI, 5-D — R. Infância 16, 55-C — LISBOA

PROPRIEDADES PRÉDIOS — ANDARES MORADIAS OU QUINTAS

DE QUALQUER PREÇO EM LISBOA OU ARREDORES
COMPRAR — SE TRATA
CASA LAIRES
RUA DA PRATA, 291, 2.º, Dt.º — LISBOA
Telefs. 325487 — 370818



A VENDA EM TODO O PAÍS EM LISBOA:
LISAGUA DISTRIBUI
Pedidos — Telefs. 553336-553809

AGÊNCIA ABREU
PASSAPORTES
Fornecedor oficial de televisores para os XX Jogos Olímpicos Munique-72

DL/DESPORTOS

AMANHÃ TEREMOS SPORTING CONTRA INTERCONTINENTAIS

O Sporting apresenta, amanhã à noite, a sua nova equipa de futebol, sem Peres e sem Dinis mas com Fraguito, Vagner, Alinho e Carlos Pereira. O adversário é o famoso Nacional de Montevideo, aurorelado com um título de campeão intercontinental e trazendo no seu quadro um número infindável de internacionais uruguaios. A equipa leonina deve apresentar de início a seguinte constituição: Damas Pedro Gomes, Laranjeira, Alinho e Carlos Pereira; Tomé, Vagner e Fraguito; Chico, Yazalde e Nelson. Outros jogadores convocados: Botelho, Bastos, José Carlos, Hilário, Gonçalves e Marinho.

Por via aérea partiu hoje para a Indonésia a equipa principal do Benfica que ali vai efectuar uma série de jogos particulares.

para ocupar o tempo antes que comece o campeonato nacional. Como de costume, excelente retribuição monetária para os «encarnados» de Eusébio e C.ª

No estádio do Bessa defrontam-se hoje o F. C. do Porto e Boavista, para nova jornada do troféu «Tripeiro».

Com mais um empate a zero golos, o Vasco da Gama conquistou o título do terceiro turno do campeonato carioca. O último nulo foi com o Fluminense e, na pauta, o Vasco soma 11 pontos contra 10 do Botafogo e 9 do Flamengo.

Peres continua na mesma. O Sporting não dá mais, o jogador não baixa as suas condições. Sexta-feira, nova reunião: a seguir ao frustrado encontro de

ontem com os dirigentes do clube. Para saber definitivamente com o que se conta. Peres jogador de futebol ou comerciante?

Yustrich continua em Minas Geraes, mas muda de clube. Do Cruzeiro (que o pôs na rua com a maior calma, após o romance da entrada que levou Tostão a deixar o clube por incompatibilidade com o técnico) passa-se com armas e bagagens para o América mineiro. O costume: Yustrich toma posse e promete trabalho duro, disciplina e seriedade. Esta contratação deve adiar, para já, o regresso do velho ídolo nortenho ao nosso País.

O Movimento Democrático Brasileiro acaba de propor a candidatura do futebolista internacional e campeão do mundo



Yustrich falou: os mesmos métodos de sempre.

Wilson Piazza a um lugar de vereador em Belo Horizonte. O lugar era para o guarda-redes Raul, mas como a candidatura não foi apresentada a tempo, o directório político do MDB optou por Piazza, guardando o trunfo Raul para as eleições à Assembleia Legislativa. Saiba-se, por outro lado, que o partido governamental Arena vai

proponer um director do Atlético Mineiro e que a oposição anula a jogada com o chefe da «torcida» do Cruzeiro. O futebol e a política de mãos dadas, em pleno Estado de Minas Geraes.

Em jogo disputado na cidade espanhola de Orense o Salgueiros perdeu por 3-0. Na Covilhã, em jornada englobada na «Taça

de Honra» do distrito de Castelo Branco, o Sporting da Covilhã derrotou o Desportivo da capital do distrito por oito bolas a zero.

Em encontro amigável de futebol disputado ontem à noite no estádio de São Barnabé, a equipa francesa do Stade de Reims derrotou o Real Madrid por 3-2.

Registo

HÓQUEI EM PATINS: No jogo da primeira eliminação da «Taça dos Campeões Europeus», que se realizou em Novara (Itália) entre o Grupo Desportivo de Lourenço Marques e o clube local, a turma portuguesa foi rotundamente batida pela italiana por 8-3, (com 4-2 ao intervalo). E porque a turma transalpina é recheada de grandes valores, muito difícilmente o Desportivo de Lourenço Marques conseguirá anular a vantagem no jogo da segunda «mão», que no próximo sábado se realizará no ringue do Estoril. Para o colapso da turma portuguesa muito contribuiu o mau estado do piso e a actuação do árbitro alemão, que permitiu aos italianos actuarem com muita dureza. As equipas alinharam: Desportivo de Lourenço Marques: Suspiro; Abílio, Flores Cardoso, Rosou, Carlos Pereira, Bettencourt, Carlos Borges, Novara Fontana; Aina, Batistella, Olthoff, Zafinetti, Ronussi, Mora e Marcon. Os golos da equipa portuguesa foram apontados por Carlos Pereira. Para os campeonatos metropolitanos da I Divisão (Zona Norte) e II Divisão verificaram-se os seguintes resultados:

lhos-Oliveirense, 12-6; e Infante de Sagres-Académico, 3-0.

II DIVISÃO — Vigorosa-Beira-Mar, adiado; Águia do Porto-E. Física, v/f. c.; Vizela-Sanjoanense, 18-5; Sp. Tomar-Física de Torres, 14-6; Sintra-F. Benfica, 12-3.

JORNADAS — NAUTICAS: Promovidas pelo Paço de Arcos realizou-se uma regata por equipas. Depois de duas eliminatórias, a classificação final ficou assim ordenada: 1.º, Alges e Dafundo; 2.º, Brigada Naval; 3.º, M.P.; 4.º, Naval de Lisboa.

HIPISMO: O cap. Pimenta da Gama, montando o «Namuli», venceu o Grande Prémio do Concurso de Cascais, demonstrando que se encontra em grande forma. A prova «Banco Totta e Açores» foi ganha pelo major Lemos Alves, que montou no «Gábia».

CICLISMO: A «Volta a Portugal» em miniatura (organizada pela Estoril-Sol) inicialmente marcada para sábado, disputa-se no próximo dia 9, a partir das 15 horas.

INTERDIÇÃO: A Federação de Patinagem aplicou a pena de interdição por dois jogos ao campo da Salesiana como resultado do inquérito

aos factos registados no jogo que este clube efectuou contra o Campo de Ourique. O resultado de 2-2, verificado na altura em que o jogo teve de ser suspenso, é considerado oficialmente.

PORTUGUESES NAS AMERICAS: A selecção de futebol de São Miguel (Açores), partiu de avião para o Canadá, onde inicia uma digressão de três semanas, fazendo jogos neste país, nos Estados Unidos e nas Bermudas.

TIRO: Organizado pelo Clube Português de Tiro a Chumbo, realiza-se no dia 10 de Setembro a «Taça de Portugal» (Prancha). As provas de voo iniciam-se às 16 horas.

INSCREVA-SE NA GINASTICA: O Grupo Desportivo de Carcavelos abriu as inscrições para os seus sócios e simpatizantes que queiram dedicar-se à ginástica.

JOGOS JUVENIS: Continuam a despertar grande entusiasmo os «Jogos» organizados no Barreiro. Entrou-se agora na 4.ª semana das diversas provas e o êxito está absolutamente assegurado.



De regresso de Cádiz, o Botafogo passou pela Portela de Sacavém.

BELENENSES SP. VGG. FURTH

Jogo a realizar no **ESTÁDIO ALMIRANTE AMÉRICO TOMÁS**
DIA 31 ÀS 21 H 45 M

PREÇOS:

CENTRAL	50\$00
LATERAL	35\$00
SUPERIOR	25\$00
GERAL	15\$00

SÓCIOS (para os seus lugares habituais) — 15\$00

Bilhetes para sócios à venda na Secretaria do Clube (Estádio), Delegação (Av. da Liberdade) e locais habituais.

DL/DESPORTO

JOGOS OLÍMPICOS

Na mira estava soldado inimigo



No campeonato de tiro de carabina de pequeno calibre, posição deitada, o norte-coreano Ho Jun Li conquistou a medalha de ouro com a pontuação final 599 («record» olímpico e mundial). Ho Jun Li causou sensação na Federação Internacional de Tiro quando declarou, depois de ganhar a sua medalha de ouro: «Atirei de acordo com os desejos do nosso chefe do governo que nos recomendou que apontássemos como se fosse a um soldado inimigo».

Estas palavras espalharam-se rapidamente e a Federação Internacional até celebrou uma reunião especial para as desaprovar.

Pouco antes da cerimónia da entrega das medalhas, uma delegação norte-coreana apresentou à federação uma declaração por escrito em que diz haver resultado o caso dum mal entendido e duma tradução errada das palavras do campeão olímpico.

Poucas horas após ter entrado em competição nos Jogos Olímpicos, o nadador Mark Spitz alcançou dois «records» mundiais e duas medalhas de ouro.

Contudo, Spitz só se dará por satisfeito quando ganhar sete medalhas de ouro.

«Fiz o meu melhor esta noite — disse o nadador norte-americano — e tentarei o meu melhor na próxima vez e da vez seguinte. O mais difícil para mim é conseguir mentalizar-me».

Comecel bem e espero manter a minha atitude mental para o resto dos jogos».

Na final de 200 metros mariposa, Spitz bateu os «records» mundial e olímpico com o tempo de 2.00,70. A sua outra medalha foi conquistada ao integrar a equipa de estafeta 4 vezes 100 metros livres.

A equipa de natação dos Estados Unidos estabeleceu também um novo «record» mundial, ao mesmo tempo que ganhava jus à medalha de ouro olímpica, ao fazer os 4 vezes 100 metros masculinos (estilo livre) em 3 minutos 26,4 segundos.

A medalha de prata coube à União Soviética com o tempo de 3.29,72 e a de bronze à Alemanha Oriental com 3.32,42. A equipa norte-americana era composta por Dave Edgar, John Murphy, Jerry Heidenreich e Mark Spitz. A equipa da União Soviética — englobava Vladimir Bure, Viktor Mazanov, Viktor Aboimov, Igor Grivennikov, A República Democrática Alemã foi representada por Roland Matthes, Wilfried Hartung, Peter Bruch e Lutz Unger.

SHANE GOULD AO ATAQUE
A extraordinária nadadora australiana Shane Gould arrebatou a medalha de ouro dos 200 metros femininos individuais mistos estabelecendo o «record» mundial da distância com o tempo de 2.23,7.

A medalha de prata foi para Kornelia Ender, da República Democrática Alemã, com o belíssimo tempo de 2.23,59. E a medalha de bronze coube à americana Lyn Vidali com 2.24,06.

Shane Gould quer conquistar mais seis medalhas de ouro, mas uma das que hoje está em jogo sobrepõe-se às restantes.

Ontem a jovem (quinze anos) nadadora australiana arrebatou o título dos quatrocentos metros estilos individuais em tempo que constitui recorde mundial, acrescentando mais um aos três máximos mundiais de estilo livre que já ostentava.

No entanto, de todas as provas olímpicas e de todos os recordes mundiais, o que ela mais deseja é o dos cem metros livres, quanto mais não seja para provar aos seus treinadores que estão enganados.

«Naturalmente que estou encantada por ter conquistado uma medalha de ouro» — declarou Shane Gould depois de bater o recorde mundial dos quatrocentos metros estilos, no tempo de dois minutos e 23,07 segundos. E acrescentou:

Mas o meu objectivo são os cem metros. Os meus treinadores insistem em que sou uma nadadora de fundo, mas eu sei

que posso sprintar. A prova seria vencer os cem metros».

Os cem metros é uma das quatro provas de natação em que está em jogo um título; no terceiro dia dos Jogos Olímpicos, já caíram sete recordes mundiais, quatro dos quais em Natação.

O programa da Natação é completado com os duzentos metros bruços, senhoras, os cem metros costas, homens, e os duzentos metros livres, homens.

200 metros mariposa, homens: 1.º, Mark Spitz, USA, 2 m. 00,70 s. (novo «record» mundial); 2.º, Gary Hall, USA, 2 m. 02,86 s.; 3.º, Robin Backhaus, USA, 2 m. 03,23 s.; 4.º, Jorge Delgado, Equador, 2 m. 04,60 s.; 5.º, Hansjoach Fassnacht, Alemanha Ocidental, 2 m. 04,69 s.; 6.º, Andras Hargitay, Hungria, 2 m. 04,69 s.; 7.º, Hartmut Flockner, Alemanha Oriental, 2 m. 05,34 s.; 8.º, Folker Meeuw, Alemanha Ocidental, 2 m. 05,57 s.

4x100 metros livres, homens: 1.º, USA, 3 m. 26,42 s., novo «record» mundial (Dave Edgar, 52,69 s., John Murphy, 52,04 s., Jerry Heidenreich, 50,78 s., Mark Spitz, 50,90 s.); 2.º, URSS, 3 m. 29,72 (Vladimir Bure, Viktor Mazanov, Viktor Aboimov, Igor Grivennikov); 3.º, Alemanha Oriental, 3 m. 32,42 s. (Roland Matthes, Wilfried Hartung, Peter Bruch, Lutz Unger); 4.º, Brasil, 3 m. 33,14 s.; 5.º, Brasil, 3 m. 33,14 s.; 6.º, Canadá, 3 m. 33,20 s.; 7.º, França, 3 m. 33,90 s.; 8.º, Alemanha, 3 m. 33,90 s.

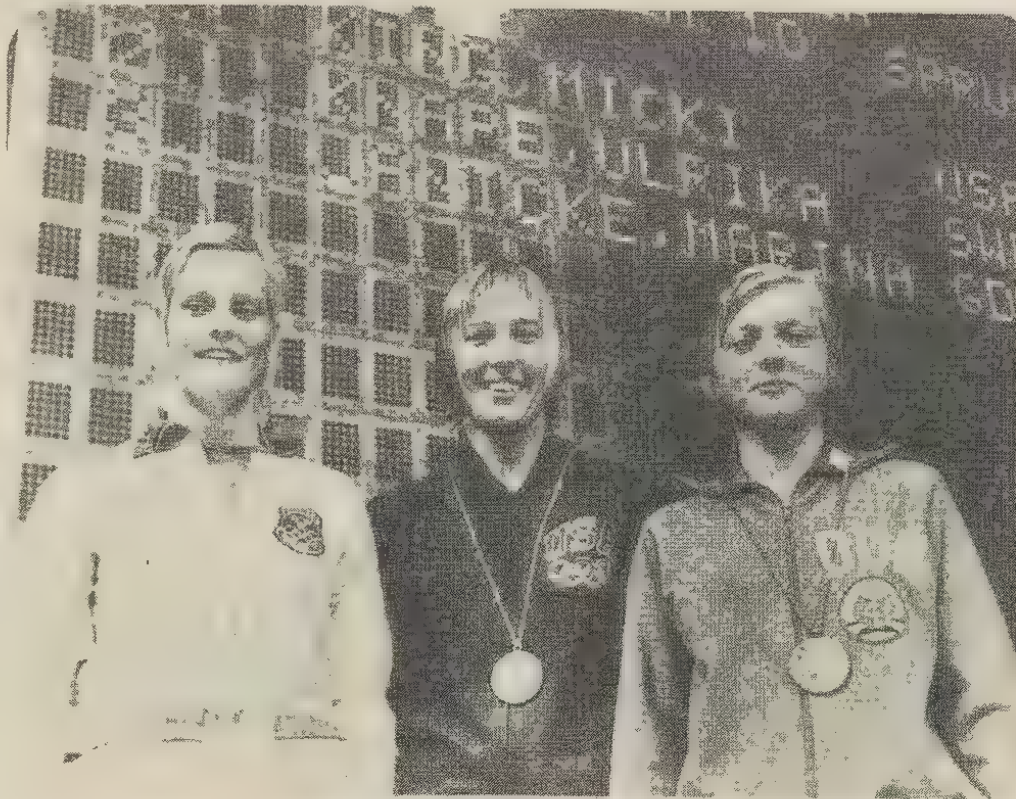
200 metros estilos, senhoras: 1.º, Shane Gould, Austrália, 2 m. 23,07 s. (novo «record» mundial); 2.º, Kornelia Ender, Alemanha Oriental, 2 m. 23,59 s.; 3.º, Lynn Vidali, USA, 2 m. 24,06 s.; 4.º, Jenny Bartz, USA, 2 m. 24,55 s.; 5.º, Leslie Cliff, Canadá, 2 m. 24,83 s.; 6.º, Eveline Stolze, Alemanha Oriental, 2 m. 25,90 s.; 7.º, Yoximi Nixigawa, Japão, 2 m. 26,35 s.; 8.º, Carolyn Woods, USA, 2 m. 27,42 s.

SALTOS
A norte-americana Micki King, que é capitã da Força Aérea Americana, fez três esplendidos mergulhos e conseguiu a medalha de ouro dos saltos de precha.

Micki King estava atrás das suecas Ulrika Knappe e Agneta Henriksson, ao fim dos saltos obrigatórios, mas venceu nas três saltos voluntários.

A medalha de prata foi para a sueca Knappe, enquanto a medalha de bronze ficou na posse de Marina Janicke, da Alemanha Oriental.

Spitz: América encaixa "records" e medalhas



As três primeiras classificadas da competição de saltos para a água, denotando satisfação pelas medalhas conquistadas. Ao centro a vencedora, Micki King, dos Estados Unidos. Ladeiam-na a sueca Ulrika Knappe (medalha de prata) e a alemã de leste Marina Janicke (Medalha de bronze).

PROGRAMA DE HOJE

Basquetebol — Eliminatórias
Boxe — Eliminatórias
Ciclismo — 100 quilómetros estrada, por equipas (auto-estrada Munique-Lindau).
Esgrima — Florete (individual).
Futebol — Alemanha Oc. — Marrocos (em Passau).
Estados Unidos — Malásia (em Ingolstadt).
Hungria-Brasil (em Munique).
Dinamarca-Iráo (em Augsburg).
Ginástica — Exercícios livres (homens) — Eliminatórias
Luta — Eliminatórias

Veja na TV

PRIMEIRO PROGRAMA
17 e 25 — Natação: 100 m bruços — homens 1/2 final, 100 m livres (senhoras — final), 100 m costas (Homens — final), 200 m bruços (senhoras 1/2 final).

19 horas — Ginástica (exercícios livres — homens — equipas), Halterofilia, 22 e 05 — Ginástica (exercícios livres — homens — equipas), Halterofilia.

SEGUNDO PROGRAMA

23 horas — Resumo: tiro, boxe, vela, pentatlo (tiro), futebol, hóquei, luta, basquetebol, volei, mergulhos e hipismo.

DL/DESPORTOS

JOGOS OLÍMPICOS

PORTUGAL: A ESPERADA EMBAIXADA

Armando Marques ocupa o 17.º lugar na classificação do torneio de tiro aos pratos com menos oito pontos que o italiano Angelo Scalzone, primeiro classificado.

Na prova de tiro com carabina de pequeno calibre, na posição de deitado, Mário de Oliveira classificou-se em 92.º lugar com 575 pontos.

Em pesos e halteres, na categoria de levíssimos, Raul Diniz obteve a 21.ª posição.

Na competição olímpica de luta livre, na catego-

ria de meios-leves, Orlando Gonçalves foi vencido pelo polaco Stolarski por 0-0-0-4. Entretanto, o responsável pela representação portuguesa nessa modalidade, entrevistado por um jornalista que queria recolher a sua opinião sobre a participação de Orlando Gonçalves, declarou que o atleta ainda não havia combatido o que apenas se verificaria hoje. Tendo o referido jornalista comunicado ao senhor dirigente o resultado da prova ficou o mesmo muito admirado...

Comentários, para quê?

DESPEDIDA DE BRUNDAGE NA ABERTURA DA VELA

O Presidente do Comité Olímpico Internacional, Avery Brundage, de 84 anos, abriu as competições olímpicas de vela — no seu último acto oficial — no termo dos vinte anos de serviço.

Brundage, que fez o discurso de abertura num alemão vacilante, exprimiu os seus agradecimentos à Comissão Organizadora de Kiel e ao seu presidente, Berthold Beitz, pelo enorme trabalho que tinham tido, antes de declarar a competição de Vela aberta.

A chama olímpica foi trazida por Philip Lupinus, natural de Kiel, de 16 anos, que correu os 275 metros até o podium onde acendeu a chama. Cerca de 8.000 espectadores assistiram à cerimónia, prejudicada por uma avaria no sistema sonoro.



Cliff Luyk (da Espanha) vai encetar contra a Austrália, perante os olhares do seu compatriota Luis Santillana e de Perrythrock Crosswhite.

OURO, PRATA, BRONZE

Distribuição de medalhas no segundo dia de provas dos Jogos Olímpicos:

	OURO	PRATA	BRONZE	TOTAL
Estados Unidos	3	2	3	8
Alemanha Oriental	2	2	3	7
Hungria	1	1	2	4
Rússia	1	1	1	3
Suécia	1	1	0	2
Austria	0	1	1	2
Roménia	0	1	1	2
Coreia do Norte	1	0	0	1
Austrália	1	0	0	1
Pérsia	0	1	0	1
Alemanha Ocidental	0	1	0	1

MARCAS * MARCAS

BASQUETEBOL

Não houve surpresas na segunda jornada do torneio de basquetebol. Os favoritos impuseram-se sem esforço. No grupo «A» os Estados Unidos venceram a Austrália por uma diferença de 26 pontos, mais pela inferior envergadura física dos australianos do que por efeito da inspiração dos detentores do título olímpico. O ataque americano desapontou os observadores.

O Brasil impôs-se sem discussão aos egípcios (110/84).

Os cubanos fizeram um bom jogo contra a Espanha em nítida perda de velocidade. O encontro Estados Unidos-Cuba, hoje à noite, está a despertar o maior interesse.

Os checos lograram vencer o Japão (74/61) mas o êxito não foi fácil.

No grupo «B» a URSS transpôs o obstáculo alemão com relativa facilidade (87/63). O outro favorito, a Jugoslávia, dispôs da Polónia (85/64) mas teve de fazer entrar em jogo o seu «gigante» Cosic.

A Itália dominou o Senegal e Porto Rico derrotou as Filipinas por uma margem de 20 pontos (92/72).

HALTEROFILISMO

Com um novo «record» mundial de 377,5 quilos para a categoria de «levíssimos», o húngaro Imre Foeldi ganhou a medalha de ouro da sua categoria, com o persa Nassiri como medalha de prata e o russo Chetine no terceiro lugar.

Na mesma prova, o japonês Hoji Miki estabeleceu novo «record» mundial do «arranque», com 114 quilos.

Na mesma categoria e prova, o português Raul Diniz (56 quilos, Galos), classificou-se em 21.º lugar com um total de 285 quilos. Classificação final:

1.º Imre Foeldi (Hungria), 127,5 kg/107,5 kg/142,5 kg total, 377,5 kg; 2.º Nassiri (Irão), 127,5/100/142,5 total, 370; 3.º Gennadi Chetin (URSS), 120/107,5/140 total, 367,5; 4.º Trebicki (Polónia), 122,5/107,5/135 total, 365; 5.º Atanas Kirov (Bulgária), 117,5/105/140 total, 362,5; 10.º Koji Miki (Japão), 105/112,5/125 total, 342,5; 16.º Gaetano Tosto (Itália), 100/95/125 total, 320; 21.º Raul Diniz (Portugal), 95/77,5/112,5 total, 285.

GINÁSTICA

A Rússia ganhou a medalha de ouro da ginástica feminina, por equipas, com a Alemanha Oriental no segundo lugar e a Hungria no terceiro.

Classificação final:

1.º, URSS, 189,15 pontos nos exercícios obrigatórios e 191,3 p. nos exercícios livres, total 380,50 p.; 2.º, República Democrática Alemã, 183,0/189,25/376,55; 3.º, Hungria, 182,15/186,10/368,25; 4.º, Estados Unidos, 182,10/183,80/365,90; 5.º, Checoslováquia, 182,15/182,85/365,00; 6.º, Roménia, 179,00/181,70/360,70; 7.º, Japão, 179,10/180,65/359,75.

Classificação individual feminina de ginástica, depois do concurso por equipas:

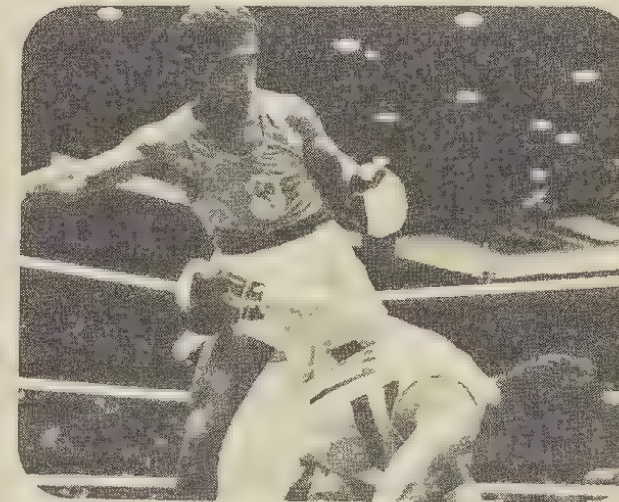
1.º, Ludmila Tourischeva (URSS), 38,05 pontos nos exercícios obrigatórios, 38,80 p. nos exercícios livres e 38,40 p. nas duas primeiras notas; 2.º, Karin Janz (RDA), 38,15/38,70/38,425; 3.º, Olga Korbut (URSS), 37,90/38,80/38,350; 4.º, Tamara Lazakovich (URSS), 38,25/38,15/38,200; 5.º, Erika Zuchold (RDA), 37,80/38,200/38,000.

Qualificaram-se para as provas individuais 35 ginastas.

MARCAS * MARCAS

PUGILISMO POLACO:

Pessimismo táctico



Maurice Sullivan (Inglaterra) foi arrojado para o sol pelo francês Rabah Khaloufi, logo ao primeiro assalto do combate da categoria de «Levíssimos».

Os dois melhores pugilistas amadores da Polónia retiraram-se recentemente e o treinador Stanislaw Zientara afirma que as possibilidades da sua equipa de pugilismo nos Jogos Olímpicos de Munique desapareceram com eles.

«Estamos a passar por uma crise» — afirma o corpulento treinador.

No entanto, são numerosos os observadores que classificam de «Pessimismo Táctico» a apreciação sombria de Zientara, e afirmam que, este ano, a equipa polaca de Pugilismo será ainda o conjunto a temer pelas categorizadas formações dos Estados Unidos e da União Soviética.

Com bons pugilistas nas categorias de Levíssimos, Meios-Leves, Leves e Médios, os polacos têm possibilidade de ganhar provavelmente mais do que as cinco medalhas que conseguiram nos Jogos do México.

Duas dessas medalhas — entre as quais a única de ouro — foram ganhas pelo Campeão Olímpico de Leves, Josef Grudzien, e pelo Meio-Médio Ligeiro Jerzy Kulej. Desde então, ambos se retiraram.

Este é um dos problemas para os polacos. O outro é o próprio treinador Zientara: um homem maciço, com os ombros fortemente musculados de um ex-pugilista, Zientara, que tem 35 anos, recebeu o seu actual cargo da grande figura do Pugilismo polaco que foi Felix Stamm.

Este tem actualmente 72 anos. Treinou sete equipas olímpicas e fez da Polónia uma potência do Pugilismo amador. A sombra avassaladora das suas realizações torna o seu jovem sucessor relutante em prever, ou em debater, a sua estratégia para Munique.

«Pensamos em três medalhas» — foi tudo o que Zientara disse.

No entanto, a equipa polaca é creditada de uma força inabalável, com especial relevo para os Pesos Médios ou mais leves, e é, além disso, apoiada por quatro competidores de categoria mundial.

Ryszard Tomczyk, meios-leves (um mineiro magro e possante, da silésia) Tomczyk, que tem 22 anos, é um lutador agressivo e natural. No caminho à conquista da medalha de ouro nos Campeonatos da Europa de 1970, em Madrid, Tomczyk destruiu o, russo Sokolov, que ganhara a medalha de ouro na cidade do México.

Jan Szczepanski, Leves. Até há pouco tempo era com quem o campeão retirado Grudzien se treinava. Mas, contrariamente a Grudzien, que tinha mais soco, Szczepanski é talvez o pugilista que tem mais técnica na equipa polaca. Em 1970, em Madrid, ganhou também uma medalha de ouro.

Janusz Gortat, Médios. Relativamente inexperiente em encontros internacionais, ganhou, no entanto, o Torneio Pré-Olímpico de Munique no outono passado.

Krzysztof Pierwienicki, Levíssimos. Uma excelente perspectiva, embora tenha ainda apenas vinte anos. Em Maio ganhou os Campeonatos Europeus da Juventude, realizados em Bucareste.

Turismo de praia
Turismo de campo
Turismo de montanha

O ciclo completo do turismo

DL ÚLTIMAS



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º, 2.º, 4.º
TELEF. 654531, 234
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEX 1363
LISBOA PORTUGA.

A MORTE DE RENÉ LEIBOVITZ

PARIS. — Faleceu em Paris o compositor e chefe de orquestra René Leibovitz.

Nasceu em Varsóvia em 17 de Fevereiro de 1913. Tendo principiado a estudar violino com 5 anos, aos 9 já dava concertos.

Chegado a Paris em 1925, compôs como autodidata e depois estudou com Weber em Viena e Schoenberg em Berlim, antes de se instalar definitivamente em França em 1933 e estudar orquestração com Ravel e direcção de orquestra com Pierre Monteux.

Durante a segunda guerra mundial ocupa-se, durante o seu afastamento forçado, na redacção de obras teóricas e duma história da ópera. Logo a seguir à libertação volta à sua carreira de chefe de orquestra e apresenta-se na maior parte das capitais europeias assim como no México e em Israel.

MATOU O AMANTE PARA OBEDECER AO MARIDO

GERONA, ESPANHA, 29 — A(NI) — Enquanto dormia, foi assassinado com uma punhalada no coração o português Francisco António Gonçalves Rodrigues. A agressora foi a amante da vítima, Concepcion Funes, de 32 anos, natural de Rosas, localidades onde o crime foi cometido e dona da pensão onde o português se hospedara.

Devido ao estado de gravidez em que se encontrava como consequência das suas relações amorosas com Francisco Rodrigues, Concepcion Funes foi ameaçada por seu marido, Rafael Funes Gallardo de 39 anos,

o qual perante a impossibilidade de ser ele o causador da gravidez da sua mulher, declarou que, se ela não matusse o causador do seu estado, seria ele quem mataria a esposa.

Em vista da ameaça, Concepcion Funes decidiu assassinar o amante, o que fez enquanto ele dormia, e na presença do marido. Uma só punhalada no coração bastou para perpetrar o crime.

A agressora sofreu um choque, tendo sido internada no hospital de Figueiras. O marido foi detido depois de confessar os pormenores do delito.

AUXILIARES DE ENFERMAGEM PASSAM AO QUADRO

Verificando-se nos hospitais a falta de pessoal especializado de enfermagem, o decreto n.º 342/72 hoje inserido na folha oficial, autoriza estes estabeleci-

mentos a introduzir nos seus quadros, mediante despacho ministerial, a categoria de ajudante de enfermagem, que será preenchida por profissionais habilitados com o certificado de aproveitamento de um curso de trinta e cinco semanas.

Aos candidatos à aprendizagem, o Ministério da Saúde e Assistência promete subvenções de estudo e remuneração oficial a fixar.

EXCURSÕES

Em anteprelúdio de luxo

VERAO AMENO Espanha, França, Luxemburgo, Alemanha, Holanda, Bélgica e Inglaterra 3/9 — 23 dias

ESPAÑA e FRANÇA 9/9 — 15 dias

ANDALUZIA 16/9 — 10 dias

ORGANIZAÇÃO abreu

LISBOA — Avenida da Liberdade, 160 - Telef. 320021
PORTO — Avenida dos Aliados, 207 - Telef. 37921
COIMBRA — Rua do Sol, 2 - telef. 27011

LONDRES

UMA SEMANA DESDE 3350\$00

Facilidades de pagamento. Descontos para familiares e grupos.

Partidas: 28 Set.; 5, 12, 19 Out.; incluindo avião, estadia, transporte aeroporto/hotel e volta; visita da cidade, acompanhante português

WAGONS - LITS // COOK

Av. da Liberdade, 103
Telefs. 36 15 21 - 3 32 39
Av. de Roma, 4 - C
Telefs. 72 26 32 - 72 25 54
R. Rodrigo da Fonseca, 86
Telef. 68 06 32

PORTO — COIMBRA —
ESTORIL — FUNCHAL —
LUANDA — L. MARQUES
A maior organização mundial de Viagens e Turismo

IMPORTANTE MARCA DE AUTOMÓVEIS

SELECIONA

SECRETÁRIA DE PUBLICIDADE E RELAÇÕES PÚBLICAS

REQUISITOS

- Prática e conhecimentos de francês falado e escrito
- Prática de dactilografia em teclado internacional
- Boa apresentação e cultura geral
- Facilidade de expressão
- Liberdade de movimentos
- Menos de 30 anos
- Possibilidade de entrada imediata

FACTORES DE OPÇÃO

- Prática profissional
- Carta de condução
- Conhecimentos de inglês
- Conhecimentos de estenografia

RESPOSTA AO N.º 623 DESTE JORNAL

Grupo A - maiores 6 anos



FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM

8 TOIROS 8
4 JOSÉ LICO 4
PORTO ALTO

CAMPO PEQUENO

Quinta-feira, 31 de Agosto, às 22 horas

O GRANDE ENCONTRO MESTRE BAPTISTA MIGUEL DA VEIGA

ESPADAS DAMASO GONZALEZ
MÁRIO COELHO



OS JOGOS, PLATAFORMA ELEITORAL

Continuação da página um

Continuação da página um
ral, organizadora das Olimpíadas: após os primeiros frutos da «Ostpolitik», ou política de abertura a Leste do chanceler social-democrata Willy Brandt (no poder há três anos), sob a forma de tratados de normalização de relações e reconhecimento de cedências territoriais a favor da União Soviética e da Polónia, o Governo alemão ocidental está prestes a aceitar até às últimas consequências o outro Estado alemão, a República Democrática Alemã, através de negociações em curso entre os secretários de Estado Egon Bahr, de Bonn, e Michael Kohl, da RDA. O preço do regresso à normalidade com os países da Europa Oriental é, portanto, o reconhecimento da realidade da divisão da Alemanha.

Os Jogos Olímpicos de Munique, se bem que ensombrados pela expulsão dos atletas da Rodésia, sob pressão de diversos países da África negra e numa aparente contradição relativamente ao artigo 7 do regulamento do Comité Olímpico Internacional («Os Jogos Olímpicos são competições entre indivíduos e não entre nações») constituem até certo ponto uma cortina por detrás da qual se desenrolam eventos históricos de importância excepcional. E outro exemplo é o papel que a República Federal Alemã, terceira potência económica do mundo ocidental, desempenha no Mercado Comum Europeu, por meio do qual os alemães contribuem finalmente de maneira positiva para a unificação da Europa Ocidental, que Hitler pretendia, mas que foi incapaz de alcançar.

Os Jogos de Munique poderão ainda desempenhar um papel relevante no que diz respeito às eleições antecipadas para Dezembro deste ano, em que se defrontarão o Partido Social-Democrático do chanceler Willy Brandt e a União Cristã-Democrática, de Rainer Barzel, ansiosa de voltar ao Poder, a fim de recolocar a Alemanha num curso menos susceptível de hipotecar as possibilidades de reunificação. Na verdade a Olimpíada poderá ajudar os sociais-democratas, mais do que prejudicá-los eleitoralmente, como símbolo de uma Alemanha muito diferente da de 1936. Munique, a capital virtual do nazismo, entre as duas guerras, será provavelmente o ponto de partida para uma política alemã adequada à época universalista que vivemos.

REGRESSOU AOS ESTADOS UNIDOS O CONTRA-ALMIRANTE KAIRES

Regressou aos Estados Unidos o chefe dos Serviços de Estomatologia da Armada americana, contra-almirante Anthony K. Kaires, que esteve em Portugal quatro dias, tendo visitado o Comando da Área Iberoatlântica, com cujos serviços clínicos contactou especialmente.

os duplicadores
REX-ROTARY

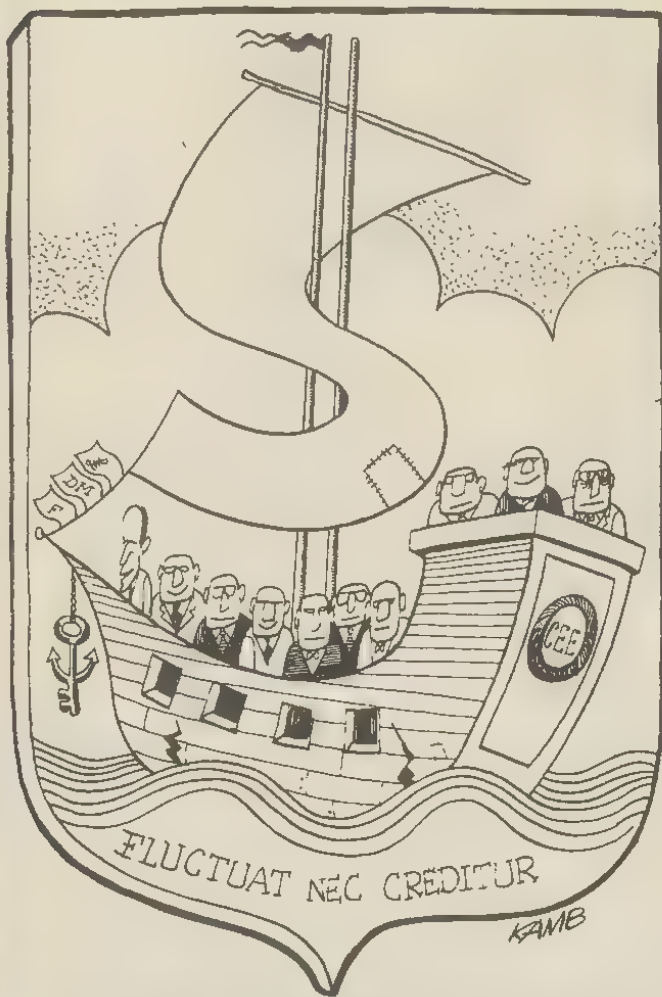
imprimem os resultados dos jogos olímpicos

44.000.000 de impressos em 15 dias um trabalho que só

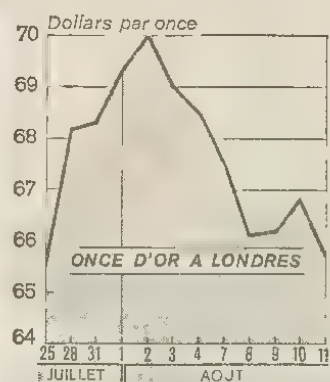
REX-ROTARY

podia fazer !



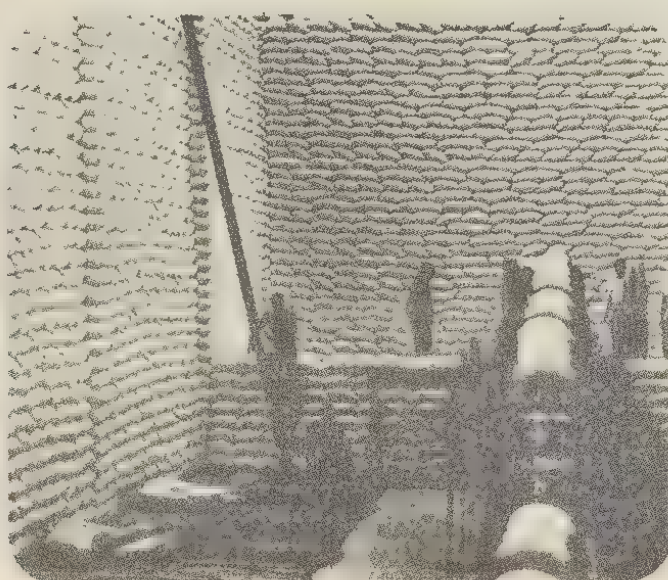


Projecto de brasão para a Europa dos Dez, proposto pelo desenhador KAMB, a propósito dos graves problemas monetários.



No suplemento de 23 de Maio passado publicámos a gravura da esquerda. «Le Monde» de 13/14 de Agosto publicava a gravura acima, por onde dem se pode ver como a escalada que se afirmava nos 54 dólares/onça prosseguia até aos 70 dólares/onça, para depois cair mas para valores ainda muito altos (então se os confrontarmos com os 38 dólares/onça oficiais...). O comentário de «Le Monde» terminava dizendo: «nas próximas semanas, indiscrições, boatos, continuarão a filtrar-se, e não deixam de influenciar a tendência do mercado do metal. Haverá, assim, belos dias para a especulação.» O governo francês deu a sua contribuição...

NAS CENTRAIS DEBATE SOBRE O CRESCIMENTO



OURO, MOEDA, RELAÇÕES ECONÓMICAS

De novo o ouro se agita, que o mesmo é dizer o sistema monetário internacional. No dia 23, são as agências noticiosas a informar que a França propôs, ao Fundo Monetário Internacional, a elevação do preço oficial do ouro, passando dos 38 dólares por onça para uma cotação vizinha da actualmente praticada no mercado livre à roda dos 70 dólares por onça. A esta notícia inevitavelmente se seguiram movimentos para cima no próprio mercado livre e fortes pressões, diplomáticas e outras. Em 26, os jornais punham nas primeiras páginas que a libra continuaria a flutuar, não obstante a pressão diplomática francesa e os movimentos desencadeados. Daqui resulta a dúvida sobre a cimeira anunciada para Outubro, a nível dos Dez da Comunidade Económica Europeia.

Em Portugal, a «mesa-redonda» promovida pelo Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, sobre temas financeiros internacionais, promovida em colaboração com American Management Association, apareceu com a maior oportunidade. Aliás, os problemas relacionados com as relações económicas e financeiras internacionais estão de tal maneira sempre presentes que seria difícil não aparecer em momento oportuno... Desde 1967 se pode dizer que o sistema de relações económicas internacio-

nais vem reflectindo a crise em que se encontra, por via das questões monetárias. Teria, por isso, o maior interesse o conhecimento e divulgação das contribuições e conclusões da «mesa-redonda» promovida pelo Banco Espírito Santo.

Entretanto, o ouro subiu em Lisboa, por forma a registar, durante a semana passada. De 56\$00/60\$00, respectivamente para compra e venda, passou-se, na quarta-feira, para 57\$50/61\$50, e para 58\$00/62\$00, na sexta-feira. Anotem-se as evoluções das médias mensais, tais como as revelam o Boletim Mensal de Estatística:

Julho de 1971, 39\$24 (por grama); Dezembro de 1971, 39\$47; Março de 1972, 44\$00; Junho de 1972, 53\$20.

Depois, no princípio de Agosto, se terem verificado «records» nas cotações internacionais, passando a barreira dos 70 dólares por onça, o mês de Agosto parece não ver o seu final sem nova, e sempre mais forte, perturbação.

Por isso se julga ter a maior oportunidade o aproveitamento de algum espaço deste suplemento com pertinentes questões sobre o problema do ouro, que não pode ser separado da questão do sistema monetário, por sua vez reflexo de um sistema de relações económicas em crise.

O imbróglio do ouro

Os países europeus tencionam, parece, comprar entre eles o ouro aproximadamente ao dobro do preço da anterior cotação oficial; os Estados Unidos dispõem-se, pelo contrário, a desvalorizar o ouro para o remeter à indústria. Um ano depois da decisão do presidente Nixon de suspender a convertibilidade do dólar, não podíamos estar mais longe de um acordo sobre o sistema monetário internacional. E, a todo o momento podem desencadear-se novas crises.

Apresentam-se várias interpretações acerca dos motivos que levariam certos países da Europa a tomar determinadas posições. Ficaria combinado que os membros da Comunidade se dariam créditos reciprocamente, créditos que acabariam por ser reembolsados pelo saque sobre as reservas do respectivo país em proporção dos activos que o compõem: a Itália acha desagradável entregar ouro a 38 dólares a onça quando vale aproximadamente o dobro no mercado livre. Em França encara-se, sem contrariedade, forçar a mão à América provocando uma reavaliação, de facto, do metal, à qual ela se tem recusado. Talvez também se esteja a lisongear um eleitorado que acumula barras de ouro e libras. E fica-nos qualquer coisa da convicção que Jacques Rueff tinha comunicado ao general

de Gaulle: que o ouro governaria mecanismos muito mais seguros do que as decisões humanas, e constituiria um valor real e um árbitro imperfeito.

A consequência de um acordo europeu apresentaria aspectos singulares: o ouro seria contabilizado nas reservas a um preço diferente segundo o país de origem e essa dualidade não irá resumir-se a um jogo de escrita senão no caso improvável em que o equilíbrio se restabelecesse na mesma proporção, e em que o ouro cedido por um país, a ele voltaria.

Sobre os automatismos do ouro, é preciso uma grande cegueira para não se ver o que lhe aconteceu. Há hoje em dia um produtor dono de um monopólio no mundo: é a África do Sul. Um segundo operador lança no mercado e dele retira a seu bel-prazer é a União Soviética. O monopolista move-se à vontade para fazer subir o preço diminuindo os fornecimentos; obtém assim o máximo de receitas. Tanto mais que ninguém impediu a África do Sul de desvalorizar a sua moeda. A crença nos automatismos do ouro, é a afirmação de que uma manipulação pelo ministro das finanças sul-africano justifica uma confiança maior do que uma decisão tomada em comum num organismo internacional.

Continua na página dois



Economia

Continuação da primeira página

Até aqui a subida dos preços alimentava-se a si mesma. Os boatos consolidavam-na: um acordo possível em que os Estados Unidos fariam à União Soviética o favor de subir o preço do ouro. Mas quando se atingirem cotações ainda mais elevadas, a procura vem a cessar porque já não terá de esperar por outra subida. O mercado continuará a ser abastecido. Nessa altura é provável uma queda brutal das cotações. E a Europa condenar-se-á a si mesma a mantê-las através de compras feitas pelos bancos centrais?

O OURO E AS BALANÇAS DO DÓLAR

Há uns anos, Jacques Rueff propunha que se duplicasse o preço do ouro para se permitir aos Estados Unidos reembolsarem as suas dívidas a curto prazo. Hoje os compromissos do Tesouro americano são seis vezes superiores às reservas de metal guardado em Fort Knox. Logicamente Jacques Rueff completa a sua proposta: os países que têm o ouro em reserva terão um lucro e poderão fazer um empréstimo a longo prazo aos Estados Unidos, que consolidará a balança dos dólares.

A ideia é sedutora, e a ligação evidente. Mas atentemos melhor.

Primeiro do lado do ouro. Haverá benefício com a condição de alguém se servir dele: isto é se

O IMBRÓGLIO DO OURO

houver mais importações ou compras de empresas no exterior. Se, pelo contrário, vier a receber-se esse ouro, a vantagem é ilusória: ficou-se despojado duas vezes mais dos bens exportados contra o mesmo peso de metal, e nem se recebem os juros que os créditos teriam favorecido. Se, por fim, se conservar o ouro, não se passa nada; não há benefício efectivo sobre o qual se esteja em situação de emprestar.

Por outro lado, a consolidação das balanças não exige que se tenha logo um benefício. A verdade é que ela não custa nada. Dívidas, teoricamente de curto prazo e reembolsáveis a qualquer momento, encontram-se na realidade, congeladas: é preciso renovar continuamente o crédito senão pode provocar-se um desastre. Não há nenhum encargo suplementar, só uma segurança aumentada, num acordo geral para reconverter essas balanças em dívidas a longo prazo, directamente ou através do Fundo Monetário Internacional, e que serão progressivamente amortecidos.

EXTERNATO ANA SULLIVAN

(EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS INADAPTADAS E COM DIFICULDADES)

Av. da Boavista, 3770 — Telef. 684772 — PORTO
Matriculas até 10 de Setembro (dias úteis)



BOLTON PORTAS BASCULANTES PARA GARAGEM

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA

JOSÉ BARROS, LDA.

Rua José Duro, 21-B — LISBOA — T. 712540

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO

ÓPTIMO RENDIMENTO
PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA

SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.º, Esq. — LISBOA-S

Participe nos benefícios
dos melhores Hotéis, Restaurantes,
Cinemas, Teatros, Gares,
Aeroportos, Casinos, etc.

Se tem 20 000\$00 ou mais escreva-nos.
Rendimento assegurado.

ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO

DE INVESTIMENTO LIMITADAS SHARVEN FRANCE

CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL

Queiram enviar-me informações detalhadas sem compromisso

Nome _____

Morada _____ Telefone: _____

UM PROJECTO PARA O TERCEIRO MUNDO

É preciso livrar-nos dos mitos. É um facto que as possibilidades de produção de ouro são doravante limitadas pelo esgotamento gradual dos jazigos, e que o emprego na indústria cresce a um ritmo rápido. É pois um desperdício continuar a ligar o ouro às transacções monetárias, quando se pode com os direitos especiais de saque, criar liquidez internacional cujo valor é garantido.

É nessa via que deveremos orientar-nos. E um grande projecto poderia então ter lugar. Que os países detentores de ouro o entreguem ao Fundo Monetário, à cotação oficial actual, em troca do direito de sacar. É o Fundo Monetário que poderá receber os lucros de vendas escalonadas, aos preços do mercado, para cobertura das necessidades industriais em expansão. Esses lucros deveriam ser transferidos para as instituições internacionais que têm a missão de financiar o desenvolvimento.

Aqui está um plano de acção para a Europa, à medida das realidades e das responsabilidades no mundo. É tempo que a sua capacidade financeira se dirija a mais qualquer coisa do que ao amontoar de um ouro estéril, ou a empréstimos automáticos ao país mais rico de todos; que ela se aplique à tarefa de fazer emergir o Terceiro Mundo da miséria e do desespero.

Ninguém aceitará a "desmonetização"

do ouro,
segundo
o ministro
da economia
da Alemanha
Occidental

Nova-York (A.F.P.-Le Monde) — «O acordo monetário de Washington deve ser defendido, e o marco alemão não será revelador», disse Heimit Schmid, ministro das finanças e da economia da República Federal Alemã, numa entrevista publicando no semanário Newsweek.

O sucessor de Schiller precisa o seu ponto de vista sobre a necessária reforma monetária internacional e sobre a criação de uma união monetária europeia.

«O factor-chave consiste em alcançar um controle da liquidez internacional, declarou a propósito da reforma monetária, e é assim que se evitará uma inflacionista ou deflacionista, no plano mundial. Não existe qualquer ambiguidade na posição alemã; nós estamos persuadidos que os novos D.S.E. (direitos de saque especiais) podem jogar um grande papel para esse efeito. O ouro manter-se-á um importante instrumento de reserva, pelo que ninguém querará aceitar verdadeiramente uma "desmonetização" do ouro, num futuro previsível».

Para Schmidt, o papel relativo do ouro diminuirá, no futuro em proveito dos D.S.E., enquanto o dólar, moeda do país economicamente mais poderoso do mundo ocidental, continuará a «jogar um papel essencial nas transacções comerciais e nos movimentos de capitais».

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela casa Domingos Agostinho e Filhos, Lda., Rua Formosa, 80 - VISEU

INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Acaba de sair o n.º 1 de INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO, boletim informativo da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, datado de Agosto de 1972. Na sua apresentação o boletim propõe-se:

O boletim de informação da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica pretende constituir um elemento de ligação entre aqueles que, no nosso País, trabalham nos domínios da Ciência e Tecnologia.

As actividades deste sector englobam mais de três centenas de unidades de investigação, dispersas por instituições de natureza diversa, designadamente nas universidades, laboratórios de Estado, organismos de coordenação económica, fundações, serviços públicos e empresas, abrangendo os diferentes ramos da ciência.

Não se pode, por outro lado, esquecer que os resultados da investigação têm incidências no funcionamento e no progresso dos sectores sociais e económicos, pelo que importa que o sistema de informação sobre a Ciência e Tecnologia contribua activamente para a compreensão dos respectivos problemas e para a sua integração nos objectivos e necessidades do País. Por isso se procurará dar tradução a quaisquer sugestões ou indicações que possam contribuir para transformar este boletim num instrumento útil e actualizado.

O boletim informativo, pela natureza que lhe é fixada, propõe-se incluir apenas notas breves, não dispensando, portanto, o recurso aos órgãos de informação especializada, nos quais se inserem, de forma documentada, os programas e os resultados da respectiva actuação.

Movimento de patentes

Do n.º 1 de «Investigação e Desenvolvimento» pode colher-se a informação sobre o «movimento de patentes em Portugal», durante o ano de 1970. Durante o ano de 1970, a Repartição da Propriedade Industrial procedeu ao registo de 1995 patentes, sendo 153 nacionais e 1842 de origem estrangeira. Das 153 patentes nacionais, 35 correspon-

dem a inventos cujo registo foi requerido por empresas, sendo as demais de autoria de inventores individuais.

As patentes de entidades empresariais concentram-se principalmente nos sectores de:

Indústria Farmacêutica, 8 patentes, sendo sete do Instituto Luso-Fármaco, S.A.R.L. e uma dos Laboratórios Reial, Lda.

Indústrias Agrícolas e Alimentares, 7 patentes das quais duas foram registadas a pedido de CUF S.A.R.L., e uma por Clova-Mineiro de Sais Alcalinos, S. A. R. L., Fábrica de Margarina Cordeiro, Lda., Godinhos, Lda., Francisco António da Silva e Filhos, Lda. e Arsopt — Indústrias Metalúrgicas Arlindo Pinho, Lda.

Indústrias de Materiais de Construção, 5 patentes, respectivamente de Impar, Indústria de Madeiras e Parquetes, Lda., Polipoli-Poliésteres Reforçados Industriais, Lda., Novinco-Novas Indústrias de Materiais de Construção, S.A.R.L., Senco, Sociedade de Estruturas e Novas Técnicas de Construção, Placot, Indústria Transformadora de Madeiras, Lda.

Indústria Eléctrica, 4 patentes, respectivamente de Acumuladores Autosil, S.A.R.L., Progel - Projectos de Electricidade, Lda., Plessy - Automática Eléctrica Portuguesa e Comportel - Companhia Portuguesa de Elevadores, S.A.R.L.

Indústria Têxtil, 3 patentes de Orbitex - Organização Técnica de Exportação, Lda., Sociedade de Indústrias Pesadas Têxteis, Petex, S.A.R.L. e Lusotexto - Indústrias Têxteis, Irmãos Rolas, S.A.R.L.

Indústria de Máquinas e Metalomecânica, 6 patentes sendo, respectivamente, duas de Messa - Máquinas de Escrever, S.A.R.L., Indústrias Metálicas Dine, S.A.R.L., Pablos, Lda., Silva e Irmãos Sucrs, Lda., Sociedade Portuguesa de Explosivos, Lda.

Foram também registadas duas patentes diversas pelas firmas Menta - Industrialização de Patentes, Modelos e Representações, Lda., e S. Fernando Guedes e Valente, Lda.

De acordo com a estimativa de estudos do Banco de Portugal calculam-se que tenham sido pagos ao estrangeiro, no mesmo período de tempo, 131 mil contos correspondentes a direitos de utilização de patentes, marcas e modelos, tendo as receitas registadas a favor de Portugal na mesma rubrica atingido 21 mil contos. A Balança de Pagamentos tecnológica teria, assim, apresentado, no ano de 1970, um deficit de 110 mil contos.

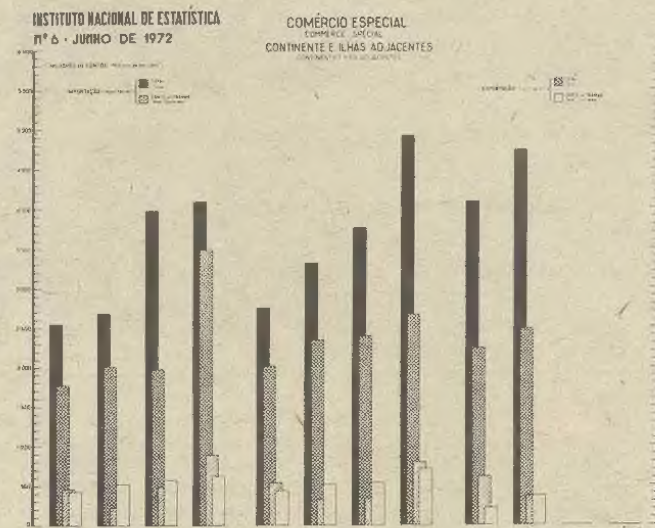
DACTILÓGRAFAS

Admitem-se para empresa em Lisboa, possuindo como habilitações mínimas a secção de letras do 2.º ciclo liceal ou equivalente. Resposta a este jornal ao n.º 622



Comércio externo - 1.º semestre

Para os seis primeiros meses de 1972 o saldo negativo do comércio externo atingiu 12.732.054 contos, contra pouco mais de 7 milhões em igual período de 1971. Para o agravamento deste saldo negativo, a apresentar proporções preocupantes, contribuíram os saldos negativos com os «países estrangeiros» e com as «provincias ultramarinas». Com os «países estrangeiros» o agravamento é superior a 4 milhões de contos; com as «provincias ultramarinas», verifica-se uma viragem com reflexos importantes, pois de superavitária a balança passou a equilibrada, como estava em Junho de 1971, e agora é deficitária em 1385 534 contos, para o primeiro semestre de 1972. Esta evolução resulta do acréscimo das importações, entre 1971 e 1972, superior a 7 milhões de contos, enquanto que as exportações não aumentaram mais de 1,3 milhões de contos, pelo que a cobertura das importações pelas ex-



(Fonte: Boletim Mensal de Estatística, do I.N.E., Junho de 1972)

TÁXIS - AÉREOS

deslocação rápida
para quem o tempo representa
dinheiro ou vida !

De dia ou de noite, se a resolução do seu problema de deslocação estiver dependente da distância ou do tempo, contacte imediatamente connosco.

FRETAMENTOS servindo 28 localidades de Norte a Sul do País e ainda várias cidades da Europa Ocidental e Marrocos:

LIGAÇÕES REGULARES, 4 vezes por semana, entre LISBOA e COVILHÃ, até 31 de Outubro.

Consulte o seu Agente de Viagens, os escritórios da TAP ou os TAC - Telef. 71 61 02/72 91 81.



TRANSPORTES AÉREOS CONTINENTAIS

Cosec-dinheiro na rota da segurança



Cosec - COMPANHIA DE SEGURO DE CREDITOS S.A.R.L.

Única no ramo em Portugal
Av. 3 de Outubro, 101-103 tel. 7601.31 Telex 1887 COSEC-P-Lisboa 1



QUALIDADE DE VIDA DEBATE SOBRE O CRESCIMENTO ECONÔMICO

Clube de Roma, M.I.T., Mansholt, qualidade de vida, crescimento, têm sido palavras a fazer informação. Informação larga e procurando penetrar muito nas preocupações da população informável.

Assim se levantam problemas reais? Decerto que sim, mas também assim se escamoteiam os reais problemas. Sobre tudo quando se procura demonstrar, por exemplo, que o estudo do M.I.T. é inatacável na sua qualidade prospectiva, de tal qualidade técnica se reveste; sobretudo quanto se encara tudo, e particularmente o futuro, independentemente de considerações sociais,

transformando o homem em mais uma peça de um mecanismo que ele próprio desencadeou.

A composição do grupo de cem «sábios», que o professor do M.I.T. propõe, e a exclusão de representantes das ciências sociais, compensada (?) com a inclusão de filósofos radicais (?) aparenta-se a caricatura.

No que respeita à inatingibilidade da qualidade técnico-científica do trabalho do M.I.T., o comentário que se apresenta ao lado da entrevista do prof. Forrester, parece, pelo menos, provocador de reflexões e dúvidas.

S.R.

“Entramos numa fase de transição entre o crescimento exponencial e o equilíbrio”

Resposta do professor Forrester, do MIT, em entrevista a Jay McCulley (“Le Monde”)

O professor Forrester, que foi criado num rancho de Nebraska, é engenheiro, filósofo, inventor, homem de negócios e, também filósofo. A partir de 1939, saído ainda há pouco da Universidade do Nebraska, entra como investigador no laboratório dos servo-mecanismos do Massachusetts Institute of Technology, onde é hoje professor de gestão e dirige as investigações do MIT no campo da «dinâmica industrial» (industrial dynamics). As suas invenções têm-lhe valido patentes que tem explorado numa sociedade que o tornou milionário. No entanto, as suas paixões são o ensino e a investigação.

que emprega) quarenta minutos a conduzir o seu automóvel até Concord, no campo onde habita e onde está instalado no subsolo, um termino por meio do qual tem directamente acesso, vinte e quatro horas por dia, ao grupo de computadores do MIT. O professor Forrester acedeu responder às perguntas que lhe dirigiu o correspondente de Le Monde.

Pergunta — Professor, para abordar o assunto imenso que nos interessa, poderia precisar-nos em que estado de exploração das fronteiras do crescimento se considera actualmente?

Resposta — Ainda mal começamos. Tudo o que conseguimos estabelecer até à data, com exactidão, é que existe um problema. Demonstramos já que o mundo entrava num período de transição entre a fase de crescimento exponencial e uma fase de equilíbrio. Certos economistas criticam já os nossos resultados, é verdade, baseando-se nos dados estatísticos históricos que tivemos de utilizar. Essas críticas são de natureza emocional. Se modificarmos as nossas bases estatísticas que, admito-o, são muito grosseiras, chegamos, com o nosso modelo de crescimento, às mesmas conclusões

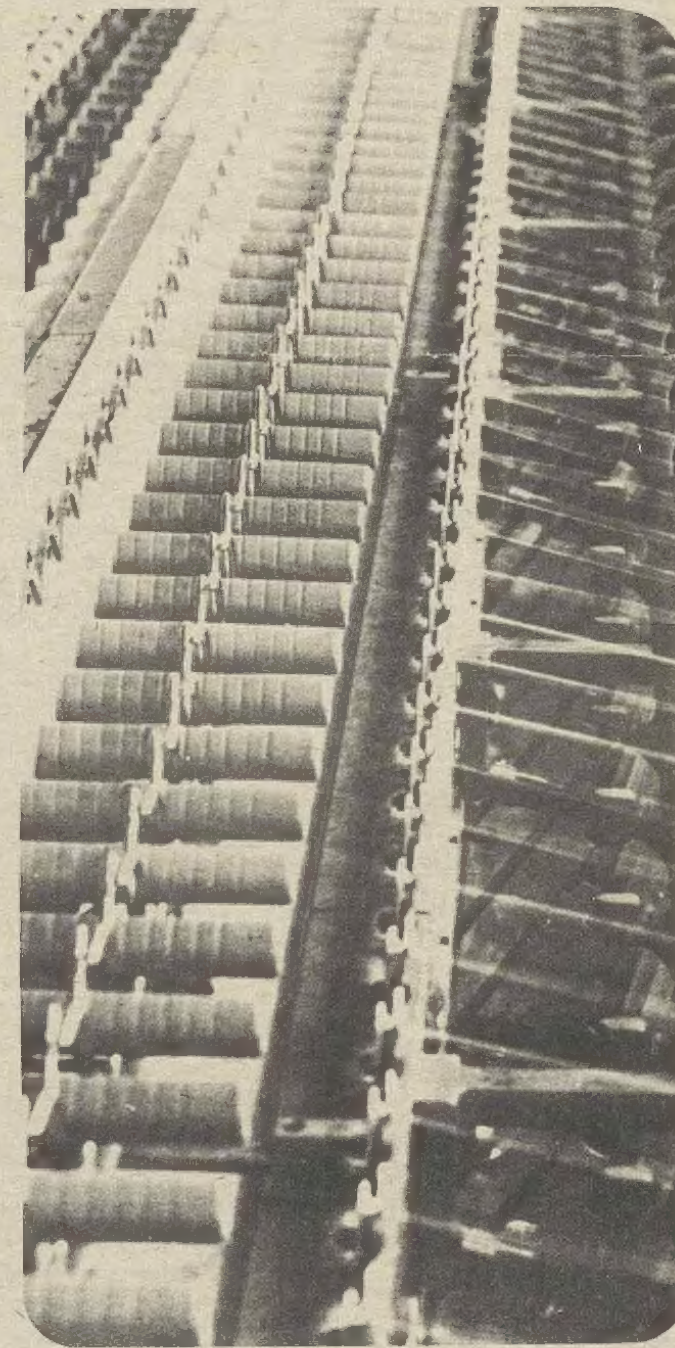
gerais. O problema que pusémos em relevo, é causado pelo próprio dinamismo do nosso sistema. Não se lhe pode fugir.

O que se pode discutir são os prazos. Uma década antes ou depois da catástrofe. A investigação que levou à publicação da minha obra, *World Dynamics*, no ano transacto, empreendi-a espontaneamente e muito prematuramente, elaborando um modelo de crescimento mundial com os meios que vinte e cinco anos consagrados à análise da dinâmica dos sistemas sociais me forneceram. Eu sabia que o meu computador daria respostas que chocariam. Esperava somente despertar, assim a atenção de um escal de investigadores sobre um perigo que toda a gente parecia ignorar.

Em vez disso, é o homem da rua que foi atingido. Tenho disso recebido testemunhos de todas as partes do mundo. Ninguém está mais surpreendido com este resultado do que eu próprio.

Pergunta — Presumindo que o caminho da salvação lhes possa ser traçado, acha que os homens sejam capazes de se conduzir racionalmente, de se entenderem para assegurar a passagem ao equilíbrio com o mínimo de perturbação?

Resposta — Eu não penso nada. Nada presumo. Tento registar. Por exemplo, as pessoas daqui disseram-me: Os países subdesenvolvidos vão



reagir negativamente». De facto eles não reagem sempre como alguns esperam. Recebo determinados ecos de África que me dizem que a ideia de abandonar os objectivos de crescimento é recebida pelo continente com um verdadeiro alívio. «Um Mais complexo de inferioridade porque a nossa taxa de crescimento é insuficiente», é o sentimento que eles exprimem.

É, portanto, possível que, uma vez adoptado o objectivo do caminho traçado os objectivos de equilíbrio sejam mais facilmente atingidos pelos países subdesenvolvidos do que pelos países industriais.

NADA DE FUTURO SEM PAS-SADO

Pergunta — Mas os problemas levantados pelo crescimento não são relativamente mais graves nas sociedades mais industrializadas? Não têm estas últimas os melhores motivos para agir?

Resposta — Evidentemente, as sociedades industriais correm maior perigo. O edifício

ma. A desintegração do corpo social, devido ao estorvo, ao engastamento se o preferirem, é um aspecto a que é mais difícil escapar.

Tentando aplicar certos remédios parciais, as sociedades industriais compram um pouco de tempo — alguns anos — a elevado preço. É tudo. Volto a repetir: estamos num período de transição, e esta transição será mais ou menos penosa segundo as nossas capacidades de adaptação.

OS ESTADOS UNIDOS NÃO ESTÃO PREPARADOS

Pergunta — Recebeu, por certo, ecos de controvérsia levantada pela carta-testamento de Sicono Mansholt ao presidente cessante da Comissão Económica Europeia, Maifatti Mansholt exprime ali a opinião de que a Europa dos Dez é a região do mundo mais capaz de aplicar um plano de equilíbrio. Qual é a sua opinião?

Resposta — Parece-me que Mansholt tem razão. Os Estados Unidos não estão preparados. Aqui, queremos pôr tudo em marcha em grande escala. O que seria preciso, era poder ganhar uma certa experiência inicial à escala de uma cidade ou de um bairro, pois não sabemos o que se vai passar quando o nosso organismo social encontrar um meio estável. É preciso que registemos e analisemos as interacções que se vão produzir dentro deste novo meio.

Para fazer, aqui, uma tal experiência, seria preciso começar por isentar a cidade escolhida, ou o bairro escolhido, dos impostos correntes. O nosso sistema fiscal actual tende, com efeito, a promover o crescimento, através do jogo das amortizações, por exemplo. É preciso, pois, eliminá-lo. É impossível. O Congresso não está preparado, e a administração também não. O impulso deverá ser dado pelo homem da rua. É desta maneira que lá se chegará. E precisamos de tempo.

O europeu está mais próximo da solução porque está mais consciente do problema. A poluição e o estorvo são mais visíveis, em suma, na Europa do que aqui. Os nossos trabalhos prendem a atenção dos Governos europeus — e, devo acrescentar, dos canadianos, que são os mais bem informados — bastante mais do que os dirigentes americanos. Finalmente, a sociedade europeia está mais madura, tem tradições intelectuais que são mais favoráveis aos métodos de análise que propomos.

De qualquer maneira, o pioneiro da estabilidade, qualquer que ele seja, não terá senão dois ou três anos de avanço sobre os outros.

Sofremos de uma crise de indecisão que é a consequência de um estorvo psicológico. Um número demasiado grande de indivíduos participa nela, de maneira que é preciso demasiado tempo para chegar a uma conclusão — quando se chega. Eu chamo a isto a «poluição de participação». Como

jornalista, não pode ignorar que existe também uma «poluição de informação».

NADA DE CONTROLOS

Pergunta — Se me permite voltar à questão do equilíbrio recursos-poluição, a elaboração e a execução de um plano de equilíbrio não exigiriam um controlo governamental muito extenso?

Resposta — Não. O equilíbrio não requer, necessariamente, controlos governamentais. A sociedade industrial, tal como a conhecemos, exige controlos. E isso porque o poder económico está nela muito concentrado; são precisos contrapesos.

O equilíbrio a que o mundo deve chegar em determinada altura será, aliás, um equilíbrio instável. Haverá sempre opções. Será preciso fazer escolhas.

Pergunta — Os países ricos em recursos e pouco povoados não vão desfrutar de um poder maior entre as nações na nova ordem de equilíbrio instável?

Resposta — Certamente. Durante o período de crescimento exponencial, os produtores de matérias primas andavam sempre em busca de mercados. Os industriais tinham as chaves dos mercados, ditavam os preços. E, além disso, atravavam com os seus excessos de produtos manufacturados para os países produtores de matérias primas. Com o período de transição, vemos os «limites de crescimento» exercer múltiplas pressões; os preços das matérias primas sobem; os países industrializados são cada vez mais «estorvados» (os altos salários são já uma manifestação do estorvo), cada vez mais «caros».

O Japão é o país mais vulnerável do mundo.

Pergunta — Todo o mundo vos ouviu gritar «alerta». Vai, agora, oferecer ao mundo uma fórmula de sobrevivência?

Resposta — Não a tenho. Espero que se vá procurar uma. Seria preciso reunir uma centena de indivíduos, entre os mais dotados e os mais qualificados de todo o mundo, e fazer com que, em conjunto, procedessem a uma análise psi-

co-social global de um problema que presentemente se tenta evitar em vez de se lhe fazer frente resolutamente. Seria preciso, evidentemente, que, para além da análise, nos mostrem como realizar um equilíbrio. Este empreendimento exigiria a disciplina rigorosa pelo método de análise, dito *systems dynamics*. Seria precisa uma dezena de anos para completar esta tarefa, porém, estou persuadido de que isso é possível.

Talvez se chegassem à conclusão de que há «uma» fórmula de arrumação da sociedade humana num meio de equilíbrio, ou num meio de não crescimento, se se preferir esta expressão.

Cada unidade de território poderia decidir: nós queremos um tal nível de consumo, e vamos viver desta ou daquela maneira. Certas unidades poderiam preferir uma população relativamente mais densa, mas, neste caso, «pagariam», então, a escolha em qualidade de vida.

Hoje, não podemos falar destas questões senão de uma forma puramente conjuntural. Somos ignorantes.

Pergunta — Será possível efectuar uma repartição dos recursos globais?

Resposta — É preciso, sobretudo, não decidir antecipadamente que cada indivíduo tem direito à parte de tanto, pois, estimular-se-ia, assim, o povoamento. Seria preciso, talvez, dizer a cada unidade territorial: eis a vossa parte; dividi-a entre vós como entenderdes.

Pergunta — Mas isso não conduziria à compartimentação do mundo, tornando impossível as migrações?

Resposta — Que sabemos nós disso? Não conhecemos o comportamento da sociedade futura.

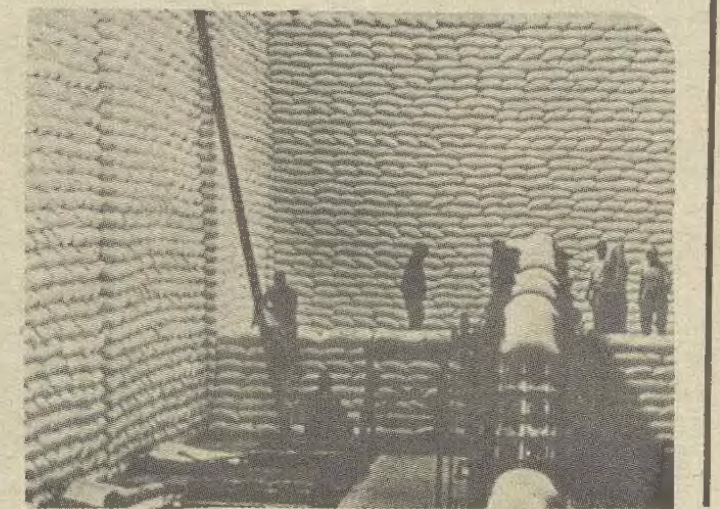
NADA DE REPRESENTANTES DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Pergunta — Como concebe

a composição desse seu grupo de cem?

Resposta — Sobre tudo que o corpo professoral não seja maioritário. Dever-se-ia incluir indivíduos que tivessem conhecido o êxito nas suas carreiras pessoais, quer no domínio político, dos negócios, ou qualquer outro. Seriam precisos igualmente filósofos radicais. Seria preciso, porém, velar para evitar os representantes das ciências sociais. Estes vão completamente ao fundo de um problema especial. Mantêm-se dentro do seu compartimento. O que queremos estudar são os problemas causados pelas

Continua na pág. seis



“O MIT ENGANA-SE AO ASSIMILAR AS RESERVAS NATURAIS A UM TESOURO”

por Pierre Laffitte, engenheiro de minas, presidente do grupo de informática aplicada às matérias primas

Cogeodata-lugs-Unesco (“Le Monde”)

Estudar e dominar o devir da nossa sociedade, pôr a economia ao serviço do homem, haverá mais nobre ideal para um sábio ou qualquer homem sensível? O Clube de Roma parece ter escolhido esse objectivo. Para o conseguir o célebre «Massachusetts Institute of Technology» estabeleceu um modelo, fez funcionar os computadores, e publicou um relatório sobre os «Limites do Crescimento», que está a ter grande repercussão. Nele se prevê a apocalíptica destruição das sociedades humanas. A data depende de alguns parâmetros. Não será já para amanhã, mas para muito breve.

Cita-se o relatório como um trabalho científico, sólido, indiscutível. O que é errado.

Não pomos em causa a qualidade da programação do MIT, que não podemos ainda analisar, não dispondo dos programas técnicos. Poderia criticar-se a maneira como o modelo elimina as capacidades de reacção social ou política, por exemplo, a necessidade de ar puro, de céu azul, de calma, começa já a provocar, e felizmente, uma sensível modificação do comportamento dos agentes económicos.

Mas queria falar sobretudo da minha especialidade, as reservas naturais, em particular as matérias-primas minerais, que têm lugar preponderante no relatório do MIT. Os autores escolheram quatro razões principais, que caracterizam a evolução do nosso ecossistema humano: a poluição, a poluição, a exploração e o esgotamento das reservas naturais. No corpo do relatório, evoca-se longamente, a título de exemplo, o caso do cromo, e oferece-se quadros por-

menorizados das reservas de todos os metais do carvão e do petróleo. As matérias-primas constituem pois um dos dados de base do estudo. Como analisou a equipa do MIT o problema?

UM STOCK CONHECIDO...

Tratou as reservas naturais como se fossem um tesouro: uma pilha de moedas de ouro escondidas nas caves de um castelo, por exemplo. Numa hipótese optimista, segundo a expressão dos autores do relatório, virão a descobrir-se ainda algumas pilhas de moedas, descoberta que multiplica por cinco as reservas apontadas nas estatísticas. A humanidade serve-se,

Continua na página seis

DEBATE SOBRE O CRESCIMENTO

Pierre Laffitte

Continuação da página cinco

e vai servir-se desse stock, que se supõe inalterável, durante séculos ou até séculos.

Por falta de espaço estou a esquematizar, do que peço desculpa, mas o espírito é esse. Afirmando que essa concepção é um erro grave e, uma incompreensão total da natureza das reservas minerais. Nenhum geólogo de minas, nenhum metalogenista sério e virado para a prospecção, o pode aceitar.

Os membros do Clube de Roma dão muita importância às reservas naturais. Deveriam então ter chamado para colaborar especialistas dessas questões. Teriam ficado a saber que as reservas das minas não correspondem a um monte de areia ou a um stock de metal armazenado num hangar, mas a uma noção muito mais abstracta.

O conceito de mineral é complexo e está ligado a múltiplos factores. Modifique-se um deles, e uma rocha, que não era mineral, nele se transforma.

Esses factores dependem do adiantamento das prospecções, da economia, da técnica. Prospecção para figurar nas reservas, é preciso que um jazigo tenha sido objecto de dispendiosos trabalhos de prospecção e de reconhecimento (sondagens, poços, galerias). Economias, nada como, mineral, é preciso que o conteúdo médio da substância que se quer extrair seja tal, que a venda à cotação do actual mercado permita cobrir as despesas de extração, da concentração e dos transportes. Técnica: É preciso que os métodos de extração e de concentração adaptados ao tipo de mineral que estejam completamente apurados.

... OU UMA Apreciação VARIÁVEL?

As interrogações pertinentes que podem fazer-se acerca das reservas de matéria-prima do

nosso planeta são de uma outra ordem. Neste ponto em particular: qual limite provável do teor da exploração se as reservas têm do ser multiplicadas por 10 (ou por 100 ou por 1.000)? A resposta necessita é certo, do esforço de perspectiva científica e da metalogenia provictonal. A resposta depende das perguntas subsidiárias: quais os tipos de jazigos que fornecerão essas reservas? Quais as técnicas de exploração e de concentração menos onerosas? E por último qual o custo salarial provável da tonelada de substância extraída e concentrada?

Se nos colocarmos numa óptica prospectiva, falar de um simples quociente multiplicador igual a 5 para avaliar as reservas do ano 2.000 ou 2.100 é um grave erro de método, de sérias consequências que falsificam totalmente o modelo, uma vez que, num modelo, todos os resultados ficam comprometidos por um único erro. Todo o naturalista e todo o homem de ciência, desconfiará de um modelo em que a natureza de um modelo está tão mal analisada e comprometida.

O ingénuo erro consistindo em assimilar as reservas naturais a um tesouro escondido é bastante comum: resulta de uma visão estática e momentânea das coisas, a do conquistador navegando a todo o pano em direcção às longínquas minas de Cipango, a do prospector de urânio em busca do filão de pechblenda, com o seu contador Geiger na mão.

MAIS RESERVAS CONHECIDAS DO QUE EM 1972

Ora, quanto mais se explora conhecidas reservas, em 1972, as reservas naturais, mais as

reservas aumentam. As reservas muito mais importantes do que as de 1925. Basta reportar-nos aos diversos simposios especialistas cujos resultados são publicados aquando dos congressos geográficos internacionais. O que parece paradoxal, se tivermos uma concepção estática das reservas, e normal, no caso de uma visão prospectiva na arte das minas. Basta comparar uma mina moderna com as de há cinquenta anos. A exploração em massa de um quilómetro cúbico de granito impregnado de alguns sulfuretos, não tem nada que ver com a do filão donde se extrai fracas toneladas de material rico.

Bem certo que há um limite às reservas naturais que corresponde a um teor igual a «clark» dos geoquímicos, isto é, o teor médio na crosta terrestre (se nos limitarmos à crosta e ao núcleo). Mas esse limite é tão alto que seria ridículo tomá-lo em conta.

Tão ridículo como julgar possível, em universo finito, a perseguição indefinida de um crescimento, seja ele ou não exponencial. Não farei mais aqui das matérias-primas senão para indicar que, a meu ver, a sua distribuição geográfica e o seu carácter estratégico deveriam levar os Estados a desenvolverem, por um lado, os meios aplicados à pesquisa no domínio da mineralogia, da geologia, e da arte das minas, e, por outro, a instaurar uma taxa muito alta sobre o consumo das matérias-primas (taxa que poderia servir em parte para financiar essa pesquisa, e em parte ser distribuída pelo terceiro mundo).

IMAGINAR OUTROS ESQUEMAS

Voltemos ao modelo do MIT. Só pode valer o que valerem os dados nele introduzidos, e já vimos o que devemos pensar de uma das suas bases essenciais. Não esqueçamos, um só erro grave num dos dados de um modelo inter-activo falseia todos os resultados.

Quer isto dizer que não nos devemos preocupar com o futuro? Pelo contrário! Mas, na minha opinião, apreciando com reservas o emprego do computador com grandes modelos, dotados de múltiplos parâmetros. Pode demonstrar-se — pelo cálculo das probabilidades compostas — que as probabilidades de adequação à realidade de qualquer modelo de carácter probabilista são tanto mais fracas quanto maior for a sua complexidade.

O verdadeiro trabalho sério, — em profundidade, está por fazer. Para isso é preciso:

— Imaginar esquemas com múltiplas hipóteses;

— Basear-se em análises minuciosas, efectuadas por homens de arte;

— Ter em conta as evoluções já sensíveis nos sectores mais críticos;

— Desdobrar em sub-sistemas simples os sectores em que as interações implicam uma simulação.

Uma equipa pluridisciplinar pode facilmente constituir-se para esse efeito na Europa. Bastariam alguns meios e uma vontade política. Esperemos que o barulho feito em redor do trabalho pilotado pelo Clube de Roma permita reuni-los.

Prof. Forrester

Continuação da pag. cinco

inter-acções. Finalmente, não tentar incluir representantes de todos os grupos de interesses, simplesmente porque eles existem.

O grupo dos cem deveria ser, francamente, um grupo de escol. Escol intelectual e não um escol social ou económico. Quanto mais diversidade tiver, se, tanto mais numerosos seriam os pontos de vista expressos, e melhor seriam os resultados.

Seria, todavia, essencial que os cem pudessem comunicar perfeitamente entre si. Portanto, seria preciso um perito em systems dynamics para os guiar, depois de lhes ter inculcado os princípios deste método. É uma questão de poucos dias para uma pessoa inteligente.

Pergunta — Que nome se poderia dar a esta assembleia de escol?

Resposta — Nem sequer sonhei com isso. Fabricamos um desde já. «Conferência Per-

manente Sobre o Equilíbrio Mundial», seria um nome aceitável. Isso não tem importância. É importante que a conferência tenha um carácter privado. É inconcebível que as Nações Unidas, ou qualquer Governo nacional, apadrinhe uma empresa que deverá agir com total independência e não acantonar-se em pontos de vista politicamente aceitáveis.

Quando digo cem pessoas, durante dez anos, não sugiro evidentemente que sejam os mesmos indivíduos que permaneçam enclausurados em conferência permanente durante dez anos. Diferentes pessoas poderiam suceder-se todos os dois ou três anos. Porém, o grupo deve permanecer fisicamente unido.

É preciso que encontremos fundos de fonte particular — 100 milhões de dólares. É muito pouco, dada a amplitude do problema; é muito relativamente aquilo de que se dispõe para nos dar.



O XADREZ UM DESPORTO POPULAR?

O relevo dado na grande informação ao campeonato do mundo de xadrez, entre as muitas reflexões que pode levantar, põe também esta: será, ou poderá ser, o xadrez um desporto popular?



palavras cruzadas

COM PROVÉRBO
PROBLEMA N.º 10179

HORIZONTAIS

- 1 Papada. Passado. Antes do meio dia.
- 2 Tremor de terra. Agora.
- 3 Alternativa. Escudelo. Numeral.
- 4 Chefe etíope. Fixem a vista em.
- 5 Camareiras. Lide.
- 6 O mesmo que latim.
- 7 Imitação. Suíço que designa pequenez.
- 8 Dão a existência a. Geme.
- 9 Combinado. Novacantos e um em romano. De outro modo inglês no mar 10 lha da Irlanda (Inv.º). Alai (as velas).
- 11 Artigo definido. Deduz.

VERTICAIS

- 1 Tornar pior. Grande apetite ou vontade.
- 2 Interjeição da lha das Flores. O mesmo que ah! oh! Lugar da freguesia de Santo António dos Olivais, concelho de Coimbra.
- 3 Post scriptum. Título do antigo rei de Calecut, na costa do Malabar.
- 4 Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Sustento.
- 5 Fecho as asas para descer mais depressa. Viscera. Cério (sq.).
- 6 Intimo. Distrito de Índia Portuguesa. Cabelos brancos.
- 7 Compaixão. Limite. Dois mil e duzentos em romano.
- 8 Enfiar com objectos do ouro. O mesmo que ion.
- 9 Numeral ordinal. Prefixo de negação.
- 10 Habilidade. Rio dos Estados Unidos.
- 11 Fundador do Islamismo. Cumprimento.

Resolva completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6335

VERTICAIS

- 1 Aqui. Peugada. Antes do meio dia.
- 2 Agora. Extremidade do dragão. Ferro temperado.
- 3 Pernada. Mamífero desdentado espécie de tatu.
- 4 REEMPARA PARATRAS Branqueamento.
- 5 Rogara. Escarnecer.
- 6 Comilão. Soluço.
- 7 Elegante. Basta.
- 8 Vagueia. Tempo do verbo ir.
- 9 Fecho as asas para descer mais depressa. Cure.
- 10 Semelhança. Cabelos brancos. Vai para fora.
- 11 Artigo definido. Modo de proceder. Miniare.

HORIZONTAIS

- 1 Caminho estreito entre montes (Prov.). Banquete.
- 2 Lavral. Cursos de água naturais e abundantes.
- 3 Sentiram desgosto (fig.).
- 4 Entre os Antigos embarcações que só navegam junto de costa.
- 5 Prefixo de negação. Ribeira de Portugal. Cobalto (sq.).
- 6 Ronha (no cavalo). Preparar com opio.
- 7 Porco. Trocas. Apellido.
- 8 Adeus.
- 9 Mulher chinesa da classe baixa. Freguesia do concelho de Penafiel.
- 10 Amontoadam.
- 11 Habitual. Antiga cidade da Arcádia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10178

SOLUÇÃO

- 1 Despistar.
- 2 Um. Ruam. Ina.
- 3 Elal. Arpara.
- 4 Maré. CARO.
- 5 Descora. Me.
- 6 Vós. Pia.
- 7 Ir. Arassom.
- 8 Crer. Acor.
- 9 COMPRA. Aso.
- 10 Cap. Aero. Ag.
- 11 Alais. Ero.

VERTICAIS

- 1 QUEM. Vim. Ca.
- 2 Miador. Cal.
- 3 Ares. Copa.
- 4 Er. Es. Arm.
- 5 Sua. Caropas.
- 6 Parco. Arre.
- 7 Imparas. Are.
- 8 Ara. Sa. Or.
- 9 Tiro. Peca.
- 10 Ana. Mimosas.
- 11 Rã. Rea. ROGA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6334

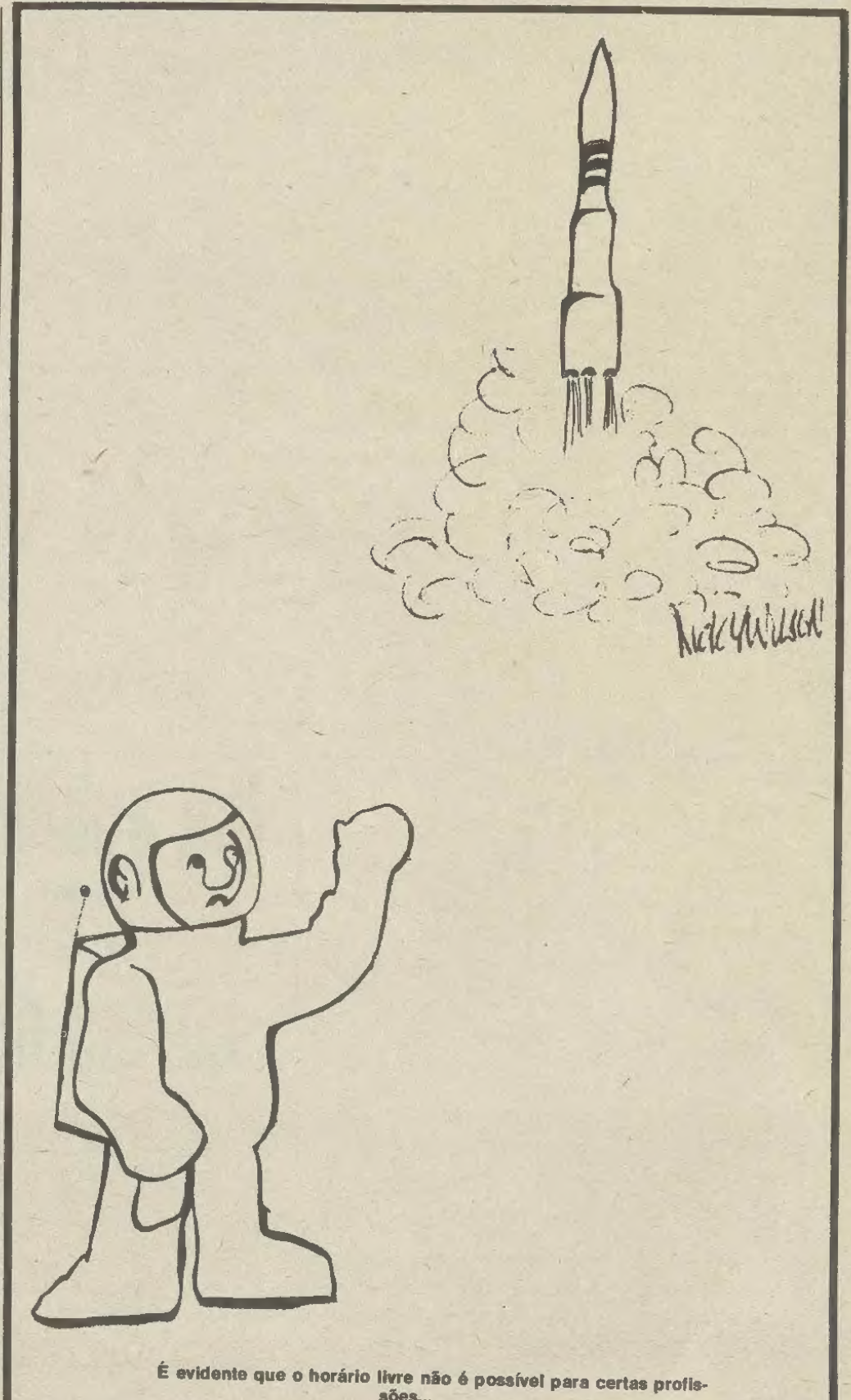
HORIZONTAIS

- 1 Pala. Baga.
- 2 Mimaria.
- 3 As. Malar.
- 4 Fina. Acal.
- 5 Oro. las. Ollá.
- 6 Onda. Alar.
- 7 Autores.
- 8 El. Merul. Ar.
- 9 Rumas. Erna.
- 10 Cais. Arma.
- 11 Ara. Fim. las.

VERTICAIS:

- 1 Pató. Mercs.
- 2 Airó. Luar.
- 3 Am. Nona. Mia.
- 4 Lima. Dumas.
- 5 Ema. lates.
- 6 Aua. Or. Bi.
- 7 Bra. Saruê.
- 8 Alta. Teima.
- 9 Ga. Coas. Ari.
- 10 Sair. Alma.
- 11 Maia. Croas.

PROVÉRBO: CARO COMPRA QUEM ROGA



É evidente que o horário livre não é possível para certas profissões...

CAUNY
A MAIS ALTA PRECISÃO SUÍÇA

100% Impermeável

EXIJA A MARCA CAUNY GRAVADA NA COROIA E NA PARTE EXTERIOR DA CAIXA

GARANTIDO 1 ANO

decorama

MOBILIÁRIO MODERNO... DIFERENTE

TECIDOS
ADORNOS
CANDEIEIROS

salões de exposição e vendas

avenida miguel bombarda 21/a lisboa
santa catarina 1355 porto

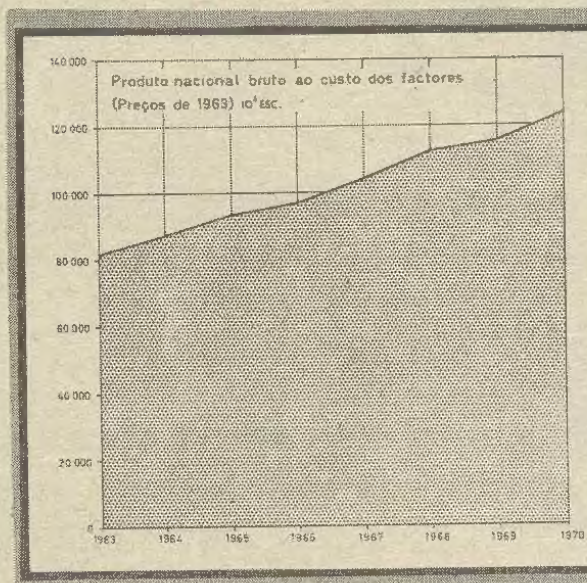
GRANDIOSOS SALDOS

CARPETES desde 345\$00, todas as larguras até 3,00 m. x 4,00 m. — TAPETES, PASSADEIRAS até 1,00 m. de largo. — TERYLENES c/ larguras de 1,50 m. a 3,00 m. desde 10\$00. — CRETONES, CHINTZ, SETINETAS suíços e ingleses. — RETALHOS PARA SANEFAS E ALMOFADAS desde 5\$00. — VELUDOS ALGODÃO, ACRÍLICOS, ADAMASCADOS desde 60\$00. — REPS, GORGORÕES, SEDAS, tudo a PREÇOS INCRÍVEIS

PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-2.º c/ elevador-Esquina R. Prata — RAUL NETO, LDA.

PORTUGAL

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
SERVIÇOS CENTRAIS

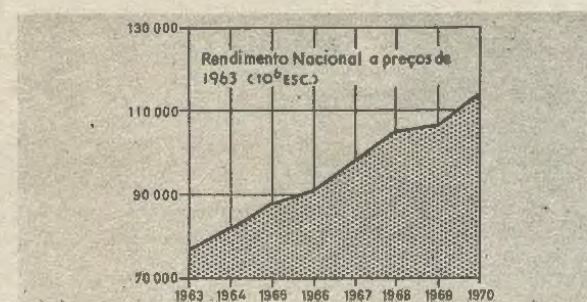


SINOPSE DE DADOS ESTATÍSTICOS

CONTINENTE E ILHAS ADJACENTES 1971

10 CONTAS NACIONAIS

Rubricas	(1 000 000 ESC) (Preços de 1963)		
	1968	1969	1970
Rendimento nacional	105 584	106 871	114 155
Produto interno bruto ao custo dos fatores	111 659	114 967	123 312
Sector primário	20 032	19 245	20 322
Sector secundário	49 480	52 505	56 541
Sector terciário	42 147	43 217	46 449
Formação bruta de capital fixo	20 741	22 603	24 754
Sector primário	1 797	1 912	1 805
Sector secundário	8 313	9 094	10 373
Sector terciário	10 631	11 597	12 576



AS FÉRIAS

1 de Agosto: chegada.



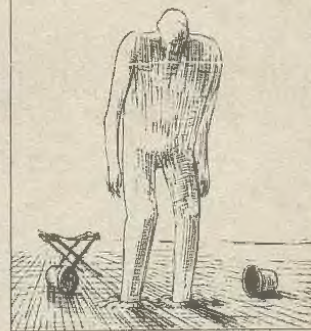
2 de Agosto: instalo-me...



5 de Agosto: isto vai Acor-
tumo-me aos poucos.



6 de Agosto: nada de res-
trições, Férias totais.



Fim de Agosto: R.A.S.! Es-
tou a aproveitar bem, mas
é preciso regressar...



...vai-me ser difícil...



...retomar o ritmo...



...da cidade.



31 de Agosto:
acabou-se.
Tenho para
11 meses!



(IN) CONOMIA

Terminado mais um dia de trabalho salário
lucro para o patrão, meto-me no 'carrito e vou
passar.

A caminho da auto-estrada, sinal vermelho junto
às Amoreiras. «Estou tramado!». E estava... Daí a
momentos, vem o habitual menino: «O senhor não
quer ajudar a Casa do Gaiato?». «Oh, pá! todos
os dias não pode ser. Ainda ontem dei ao teu pri-
mo...»

Olho o retrovisor e descubro a oportunidade.
Atrás do meu pobre Dyane, o discreto e espectacular
MGBGT do meu patrão.

«Oh, pá! vai ali àquele senhor do carro de
trás que ele tem mais dinheiro do que eu, e dá-te.»

«Não vou, não! Fui lá mesmo agora, e ele disse
que o senhor é que dava». E acrescenta, a correr,
para não fugir a oportunidade: «Dê lá que faço
anos hoje!» Estou caçado... «Pega lá, pá!»

Sinal verde. O patrão acelera, ultrapassa. Com
toda a potência da máquina feita para andar e
impressionar. «Malandro!!!» Vai-se a rir, gozão, em-
presário realizado que fez mais uma (in)conomia
(baixa).

A prática venceu a teoria. Mais uma vez.

M.F.

Um automóvel igual a quantos cortes de cabelo?

Entre os diversos dados estatísticos apresenta-
dos por um estudo da O.C.D.E. sobre a inflação
e o sector dos serviços, figuram alguns números
ilustrando a progressivamente mais rápida subida
do custo dos serviços relativamente ao custo dos
produtos manufacturados, à medida que a economia
se desenvolve.

A comparação entre duas despesas (corte de
cabelo e compra de uma pequena viatura de turis-
mo) dá os seguintes resultados: o preço de uma
pequena viatura de turismo equivalia, no ano de
1970 em Portugal a 4 000 cortes de cabelo; no Reino
Unido, a 2 400; na Suécia, a 1 200; nos Estados
Unidos, a 700.

(L'Observateur de l'O.C.D.E. — Agosto de 1972)

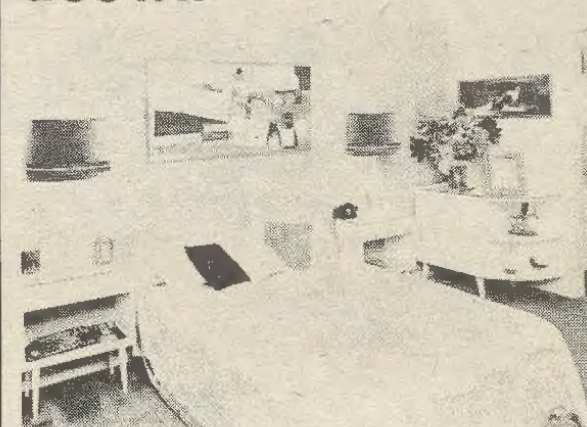
SUPERMANOS A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.990\$00
Frigoríficos	1.900\$00
Trituradores	260\$00
Secadores de cabelo	140\$00
Casseles	35\$00
Relógios de cozinha	300\$00

VENDas
A
PRAZO

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

GOSTA?



ENTÃO DECIDA-SE!

pois já restam poucos
dos magníficos andares
de 2,3 e 4 assoalhadas
acabamentos de luxo

em
**SANTO ANTÓNIO
dos CAVALEIROS**

junto à placa da Flamengo

VEJA NO LOCAL

O ANDAR MODÉLO

UM EMPREENDIMENTO COM A GARANTIA:



SOCIEDADE PORTUGUESA
DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO, LDA

ROSSIO, 74-3ª tel. 35438/366257

LISBOA